



EM DESVANTAGEM

Consumidores estão pagando mais por menos sem perceber

Marcas confundem o público ao alterar composição e quantidade de produtos tradicionais. *Página 17*



Preservar o meio ambiente para garantir a vida das futuras gerações

Pesquisador da UEPB José Ethan Barbosa fala sobre a urgência da causa ambiental e diz que legislação precisa ser aplicada.

Página 4

Planos de saúde: reajustes dos contratos podem chegar a 40%

Para especialistas, reajuste vai além dos 15,5%, já que "migração" de faixa etária também entra no cálculo, com aumento.

Página 3

Mercado de trabalho impõe mais desafios a mulheres negras

Segundo especialistas, esse público encontra mais obstáculos que os demais, na busca por uma ascensão profissional.

Página 18

Autoestima: romper padrões é difícil, mas libertador

Processo de aceitação não acontece do dia para a noite: ele requer paciência, informação e representatividade.

Página 7



Foto: Fabiana Veloso

Lagoa e Açude Velho, dois símbolos da Paraíba

A história por trás de dois cartões postais que representam as maiores cidades do estado: João Pessoa e Campina Grande (foto). *Página 25*

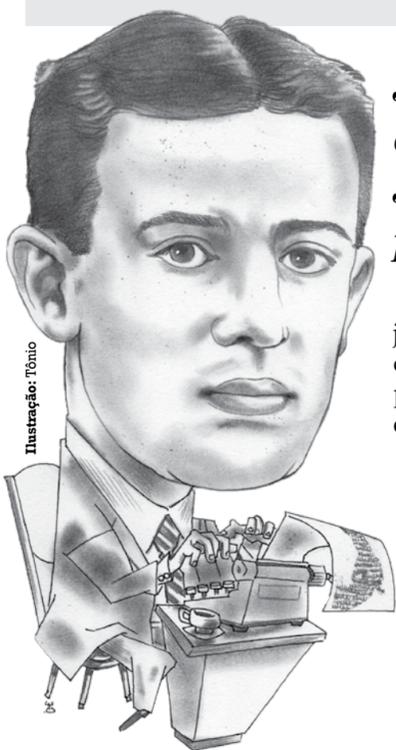


Ilustração: Tônio

João Dantas e os "duelos" com João Pessoa pela imprensa

Um perfil do lado jornalístico do advogado, que entrou para a história por ter matado, a tiros, o ex-presidente da Paraíba.

Páginas 26 e 27



Foto: Divulgação/Funjope

Festival de Quadrilhas começa hoje em João Pessoa

Após dois anos, competição volta a contar com a presença do público, em evento no estacionamento do Estádio Almeidão.

Página 9

■ "Seguindo o exemplo de Montaigne, se o livro não me agrada, não sinto o menor constrangimento em deixá-lo de lado".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ "Estamos perto de uma nova revolução e ela virá com a chegada da tecnologia 5G, novo marco que promete bagunçar tudo que pensamos em termos de modernidade".

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17



Foto: Pixabay

Dia dos Namorados: como Santo Antônio se tornou "casamenteiro"

Religioso português Fernando de Bulhões tornou-se a figura a quem solteiros e solteiras apelam para encontrar a alma-gêmea.

Página 5

Ginástica Rítmica: esporte e bem-estar

Ginastas retomam os treinos na Vila Olímpica, de olho no campeonato regional, que acontece em julho.

Página 21



Foto: Marcos Russo

Editorial

Consumo e sustentabilidade

É fato que as relações de consumo mudaram ao longo das décadas. E um dos elementos que estão no cerne dessa questão é a pauta ambiental. No Brasil, os consumidores da geração pós-redemocratização herdaram um conteúdo de gerações anteriores relacionado à consciência ambiental e sua relação com o consumo nosso de cada dia.

De modo cada vez mais frequente, esse tipo de consumidor exige um comprometimento das empresas e organizações com a proteção da natureza, dentro de um modelo de gestão preconizado na ECO-92, no Rio de Janeiro – portanto, 30 anos atrás – segundo o qual o desenvolvimento econômico precisa estar atrelado a uma ideia de mitigação dos impactos causados ao meio ambiente pelos meios de produção.

Não é mais sandice, como alguns classificavam em passado remoto, afirmar que a exploração econômica dos recursos naturais pode caminhar ao lado dos processos que visam à proteção ambiental, sem que um seja obstáculo à evolução do outro. A isso chamamos equilíbrio.

Empresas brasileiras e de todo o mundo, embasadas por pesquisas que atestam a preferência dos consumidores por organizações sustentáveis e que desenvolvem ações em favor do meio ambiente, têm aderido a um sistema de gestão alicerçado na sigla que faz referência a três pilares: ‘Environmental, Social and Governanc’ – ou, ‘Ambiental, Social e Governança’, em português. Nesse modelo, as organizações empresariais desenvolvem ações que têm impacto positivo em termos de responsabilidade social.

No Brasil, o setor privado tem adotado práticas de preservação da biodiversidade. Empresas estão criando Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), que são unidades conservacionistas criadas voluntariamente em áreas particulares pelos próprios proprietários. Atualmente, essas reservas preservam mais 800 mil hectares de áreas naturais.

Pesquisas revelaram que o investimento em ESG, ao mesmo tempo em que gera benefícios para as empresas e suas marcas, alimenta uma nova mentalidade na sociedade, no que concerne a ressaltar a importância de ações preservacionistas. E tanto é assim que uma quantidade crescente de consumidores prefere comprar de organizações e empresas que valorizam a pauta ambiental.

Os investimentos em sustentabilidade tem sido um diferencial para empresas que buscam ter mais competitividade no mercado. Pesquisa da agência Union + Webster registrou que 87% dos brasileiros preferem comprar produtos e serviços de empresas sustentáveis. Na mesma pesquisa, constatou-se que 70% das pessoas entrevistadas afirmaram não se importar em pagar um pouco mais por produtos oriundos de empresas com esse perfil.

Consumo consciente gera sustentabilidade. Essa é a ideia que devemos propagar em favor da saúde do lar em que vivemos: o nosso planeta.

Artigo

Sitônio Pinto
sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Noite do Fico

Eu não entendia bem o que a professora Adamantina Neves (seria parenta do senador?) queria dizer com a expressão do “Fico”. Depois foi que soube que o príncipe regente havia recebido uma carta de Portugal. Ele sempre recebia cartas, e sempre desobedecia ao que elas mandavam. Esta última queria que o regente pegasse o navio e fosse embora para a corte. Será que o príncipe tinha medo do mar? Tomar um navio de pau e pano e se fazer mar adentro, mar a fora. Inda mais os piratas.

Deixar suas raparigas esperando uma volta duvidosa! O príncipe pensou e não foi nem na janela: “como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!” Seu palafém deu o recado, seu cavalo relinçou, estava tudo consumado, algumas gravuras mostram Dom Pedro montado. Devera ter sido o palafém que deu o recado, enquanto segurava a brida. Palafém é para essas coisas. Mas não havia palafém nem cavalo; Dom Pedro estava lá dentro, na segurança de Palácio.

Não, o regente não estava montado; o povo foi a pé a Palácio, não precisava o príncipe montar, embora ele gostasse, pois tinha um haras onde criava a semente da futura raça de cavalos brasileiros, a campolina. O príncipe entendia de cavalos, tanto que proclamou a Independência de cima de uma burra.

Não está no mural de Pedro Américo, pois os portugueses tinham preconceito com burr(o)a, mas foi numa delas. Em Portugal havia uma multa para quem montasse um muar. Ninguém faria uma viagem de cem léguas a cavalo (mesmo um campolina), tendo uma burra para montar. Burra porque elas são mais resistentes que os burros; sequer estancam pra mijar, mijam pra trás, caminhando, elas e as bestas. Já os burros só mijam pra frente, é fácil de se ver no seu rastro, eles pisam no mijó.

Não gosto de achar, mas estou achando que um detalhe da língua portuguesa precisa mudar: aquele de Palácio não é antecedido por contração, no Palácio, ao Palácio e quejandos. Dizem os gramáticos que palácio só tem um, o do rei. Agora, no Brasil, temos tantos palácios... o do Planalto, o da Alvorada, o do Jaburu, o dos Tapurus, os dos Bispos, até o do Torto. O de faraó deu nome ao monarca, pois faraó era o prédio. Já disse antes, tem acompanhado?

Dizem que ripostaram a Portugal com uma carta de dezenas de milhares de assina-

turas, pedindo pra o Príncipe ficar. Ele ficou, olha aí. Naquele tempo já havia tantos alfabetizados no Brasil? Uma vez preenchi um bocado de fichas de inscrição para uma cooperativa de garimpeiros. Havia um espaço em branco, para receber a assinatura do herói trabalhador. Muitas delas voltaram com um detalhe que demorei a entender: “arogo”. Fulano de Tal Arogo. Pensei que fosse uma família, e era: a dos analfabetos, que pediam para alguém assinar por eles, “a rogo”. Será que na carta do Fico tinha assinaturas assim?

Quando houve o episódio do Fico (ou do fisco, pois o povo pagava impostos, é só quem paga), deviam ter aproveitado a ensanchar para recrudescerem a luta de classes e despacharem o dito. Mas pediram ao rei-pai para o príncipe ficar. Agora, aguentem. Dom João pelo menos abriu os portos, abriu o Banco do Brasil, abriu as faculdades (de medicina, na Bahia, e de Direito, em Olinda), o Jardim Botânico, no Rio, a Escola de Artilharia Naval, no Rio, o Observatório Nacional, Rio, a Casa da Pólvora (essa eu demorei a entender o que era; não sabia que a pólvora e a moeda moravam de favor), a Casa da Moeda, etc, etc.

Agora, pegaram o príncipe com a boca na botija e ele diz que não sai, que não renuncia. Ora, até Jânio renunciou. O Príncipe disse ao doador que ele tinha feito uma doação “boa pra car...”, e tascou um palavrão. Foi à boquinha da noite, o cágado soltou a mordida. Ele só solta quando sino bate.

“

Agora, pegaram o príncipe com a boca na botija e ele diz que não sai, que não renuncia

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Marcos Russo



Em águas calmas

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A Pedra no caminho de Médici

A melhor seleção brasileira de futebol de todos os tempos foi preparada por João Saldanha, enquanto seu técnico. O comentarista esportivo fez com que o Brasil fizesse a mais vitoriosa campanha das eliminatórias para a Copa do Mundo em toda a sua história. O time estava pronto para disputar o campeonato mundial previsto para junho de 1970. A expectativa de que teríamos uma boa participação era muito grande.

Entretanto, “havia uma pedra no meio do caminho”. O Presidente Médici queria vincular essa conquista ao seu governo. Pretendia aproveitar as glórias da seleção ao seu governo, de forma a anestesiá-lo o povo brasileiro, fazendo-o esquecer o regime ditatorial a que estava sendo subjugado, alienando-o o quanto possível das questões políticas do país.

O temor do governo era de que seu técnico, João Saldanha, com a taça Jules Rimet na mão, encontrasse palco para emitir opiniões e pensamentos que contrariassem o sistema, pondo em risco a estratégia do ditador em usufruir ao máximo o sucesso que se prenunciava. O técnico da seleção era um histórico militante do Partido Comunista, portanto, um inimigo da “revolução”, como o sistema costumava chamar o golpe militar. No início de 1970, durante o sorteio de grupos da Copa, Saldanha teria levado ao México um dossiê denunciando a repressão praticada pela ditadura.

Buscando encontrar uma justificativa para afastá-lo do comando da equipe, Médici, afirmando-se um apaixonado pelo futebol (o que não sabemos se era só encenação, jogada de marketing político), decidiu interferir na escalação do time. Insistiu publicamente que, entre os titulares, deveria figurar o jogador Dario, conhecido como “Dadá Maravilha”. A provocação parece que alcançou o resultado que desejava. Saldanha, de temperamento forte, mordeu a isca e reagiu ao seu estilo: “O Presidente escala seus ministros, e eu escalo o meu time”. Foi o bastante para que isso fosse entendido como uma ofensa ao primeiro mandatário do país. Estava, então, sacramentada a sua demissão do cargo de técnico da seleção, sendo substituído por Zagallo.

Tudo aconteceu da forma como o governo queria: a seleção tricampeã, o país em

“

O temor do governo era de que seu técnico, João Saldanha, com a taça Jules Rimet na mão, encontrasse palco para emitir opiniões

Rui Leitão

festa, e o sistema faturando popularidade em cima disso. Médici apresentou-se, para todos nós brasileiros, como um dos grandes estimuladores para que a seleção canarina conseguisse a consagração. A cada partida que se encerrava com vitória, ele telefonava pessoalmente para os jogadores parabenizando. O futebol sendo utilizado como instrumento de alienação da população. E ninguém teria a ousadia de contestar essa verdade que nos foi empurrada goela abaixo.

A euforia foi tamanha que o governo decretou feriado no dia da chegada dos tricampeões ao Brasil e usou o título como propaganda política do regime militar, buscando desenvolver uma campanha nacionalista exaltando a ditadura. Os militares até se apropriaram do jingle da Copa: “Pra Frente Brasil”. “Parece que todo o Brasil deu a mão. Todos ligados na mesma emoção. Tudo é um só coração! Todos juntos vamos. Pra frente Brasil! Salve a Seleção”.

A relação política e futebol continua sendo trabalhada como forma de alienar a popularidade dos governantes.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

PLANOS DE SAÚDE INDIVIDUAIS

Reajustes dos contratos podem superar os 40%

Mensalidades devem subir bem acima dos 15,5% autorizados pela ANS

Agência Estado/Dino

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) autorizou o reajuste de planos de saúde individuais e familiares em 15,5%, maior percentual desde 2000. Na prática, a alta no valor das mensalidades pode passar de 40% para os clientes dos convênios médicos, uma vez que, para além do reajuste anual, as operadoras são autorizadas a elevar as mensalidades quando há transição de faixa etária - o último aumento possível é aos 59 anos, conforme publicado pelo Estado Conteúdo.

A conta foi realizada pela equipe de cientistas liderada por Mario Scheffer, professor da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) e blogueiro do Estadão, e por Lígia Bahia, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). A alta acima de 40% poderá ser aplicada a beneficiários que 'migraram' da faixa etária de 54 a 58 anos para a de 59 anos ou mais - aplicável para os consumidores que alcançam os 59 anos de idade até abril de 2023. O balanço levou em conta dados de 3,5 mil planos, de 468 operadores.

Ana Beatriz Giovanoni, palestrante do FestQuali, observa que, em 2021, a ANS aplicou um reajuste negativo de (-8,19%), o que resultou na redução das mensalidades no período de maio de 2021 a abril de 2022. Por outro lado, a queda no custo assistencial observada em 2020 devido aos efeitos da pandemia e redução de procedimentos eletivos apresenta uma realidade de crescimento à medida

Com o impacto na situação financeira do cidadão, o aumento poderá forçar beneficiários a desistirem dos planos ou buscarem alternativas econômicas, trocando de operadora ou tipo de plano

que os procedimentos voltam a ser realizados devido à demanda reprimida.

"A ANS tem se preocupado em avaliar o desempenho das operadoras por meio do IDSS (Índice de Desempenho da Saúde Suplementar), analisando a operadora em quatro dimensões: Qualidade em Atenção à Saúde, Garantia de Acesso, Sustentabilidade no Mercado e Gestão de Processos e Regulação", reporta. Por meio dos índices, é possível avaliar o nível de aderência e qualidade das operadoras para escolher a contratação de empresas com melhor desempenho no gerenciamento da

Saúde Suplementar, informa.

Com o impacto na situação financeira do cidadão, o aumento poderá forçar beneficiários a desistirem dos planos ou buscarem alternativas econômicas, trocando de operadora ou tipo de plano, afirma Giovanoni. "Todavia, sob a ótica da operadora, que teve um acréscimo em seus custos assistenciais durante o período de deflação, observa-se incremento de clientes afetados pela pandemia e seus efeitos em relação à saúde mental, refletidos nos custos com consultas, terapias, diagnóstico, idas à urgência e emergência e internações", afirma.



Foto: Marcello Casal/Agência Brasil

O balanço levou em conta dados de 3,5 mil planos, de 468 operadores

Operadora deve investir em sistema de gestão

Na análise da palestrante do FestQuali, é possível que o reajuste passe de 40%, o que vai depender de cada contrato, sinistralidade do período e negociação. Diante disso, qualidade assistencial, acesso e atendimento seguro devem ser a pauta corrente nas operadoras e exigido pelos clientes, pondera a executiva.

Para ela, é necessário prestar atenção à coordenação do cuidado e assegurar acesso rápido aos serviços com resolutividade - o que impacta na gestão organizacional, gestão da rede prestadora de serviços de saúde, gestão da saúde e satisfação do beneficiário. "Reajustes estão atrelados aos níveis de utilização dos serviços, como frequência, custo,

Qualidade assistencial, acesso e atendimento seguro devem ser a pauta corrente nas operadoras e exigido pelos clientes

qualidade e resultado, e isto é um desafio para as operadoras".

Giovanoni acredita que a gestão de qualidade e investimento em inovação por parte das empresas de saúde é o

aspecto mais relevante no que diz respeito à geração de custos, em especial os custos da não-qualidade. "Não se trata de proibir a utilização dos serviços, trata-se de gerenciar a saúde da população. Gerenciar a saúde exige uma porta de entrada única preconizada pela APS (Atenção Primária à Saúde)", afirma.

Diversas operadoras já possuem seus serviços de APS obtendo maior satisfação dos clientes, redução de internações sensíveis à atenção primária, redução de reconsultas e idas recorrentes à urgência e emergência, citando apenas alguns exemplos, explica a especialista.

"Por outro lado, a população está habituada a buscar a

“

A ANS tem se preocupado em avaliar o desempenho das operadoras por meio do IDSS

Ana Beatriz Giovanoni

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

DEPUTADO CRITICA BOLSONARO POR LIBERAR AGROTÓXICOS: "CAMPEÃO EM VENENO NA HISTÓRIA DO PAÍS"

Foto: Billy Boss Câmara dos Deputados/FP



Não é de hoje que o deputado federal Frei Anastácio (PT) denuncia a liberação desenfreada de novos tipos de agrotóxicos no Brasil.

Em janeiro deste ano - a coluna fez esse registro -, ele apontava que os brasileiros iriam entrar em 2022 consumindo ainda mais agrotóxicos, uma vez que o governo Bolsonaro havia liberado 51 novos tipos, no último dia de 2021. À época, o deputado citou que o Governo Federal tinha aprovado a liberação de "1.552 novos tipos de venenos". Considerando que estavam sendo comercializados no país, até janeiro, 3.618 tipos de agrotóxicos, o montante liberado na atual gestão correspondia a 42% do total. Mas o que era ruim ficou pior, apontou o deputado. Este mês, mais 67 novos tipos tiveram autorização de uso. "Com essa nova autorização, Bolsonaro atinge a marca de 1.717 substâncias liberadas em menos de quatro anos. Um recorde sem precedentes no país. Enquanto o povo morre de fome ou de intoxicação, o Governo está criando políticas públicas que facilitam a produção e comercialização dessas substâncias", denunciou o deputado, ao afirmar que "Bolsonaro é o campeão em veneno em toda história do país".

"ENFRAQUECE A LEGISLAÇÃO"

A quem interessa essa liberação desenfreada de novos agrotóxicos? Frei Anastácio responde: "O governo enfraquece a legislação que controla o uso. O resultado é o fortalecimento da bancada ruralista, do agronegócio e das leis que permitem que venenos sejam introduzidos na alimentação do povo brasileiro". Seria oportuno que o Congresso abrisse esse debate, que está diretamente relacionado à saúde da população.

"VIOLA A CONSTITUIÇÃO FEDERAL"

Frei Anastácio usou um argumento pertinente para criticar o excesso de agrotóxicos à disposição no mercado nacional. Para o parlamentar, o uso desenfreado viola a Constituição Federal. "O consumo massivo desses venenos, muitos já proibidos na União Europeia, ferem o direito à vida, à saúde, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e à alimentação adequada", disse.

SEGUIRÁ O GRUPO GOVERNISTA

"Não posso declarar voto a quem ainda não confirmou sua pré-candidatura". Do deputado Júnior Araújo (PSB), ao ser perguntado, numa rádio, se apoiará a postulação de Aginaldo Ribeiro (PP). Uma vez que o anúncio oficial seja feito, o deputado afirma que seguirá a decisão do grupo governista. É a mesma opinião de Raniery Paulino e Wilson Filho, ambos do Republicanos.

O PIONEIRISMO DE UM HOSPITAL

Na solenidade em alusão aos 71 anos da morte de Napoleão Laureano, médico que dá nome a um dos hospitais oncológicos mais importantes do Nordeste, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ressaltou o papel pioneiro da instituição: "Se hoje nós temos atendimento decente para os pacientes oncológicos no estado da Paraíba, isso se deve ao trabalho da Fundação Napoleão Laureano e dos seus médicos".

ELE NÃO SERÁ CANDIDATO

O ex-prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues, que é pré-candidato a deputado federal pelo PSC, descartou a possibilidade de disputar novamente a Prefeitura de Campina Grande, em 2024, ao ser questionado sobre o assunto pela imprensa. "Espero me eleger deputado federal para ajudar Bruno [prefeito da cidade] com a liberação de recursos", garantiu.

"CADA MOMENTO TEM SUA DISCUSSÃO", AFIRMA JOÃO SOBRE ESCOLHA DE VICE

A imprensa tem pressa. A política, nem tanto. Jornalistas provocaram João Azevêdo (PSB) para que ele dissesse quando seria anunciado o nome do pré-candidato a vice-governador na chapa majoritária. "Cada momento tem a sua discussão", respondeu o governador, ressaltando, porém, que a chapa será anunciada antes da data das convenções.

EM CAMPINA GRANDE

Justiça abre vagas para conciliadores voluntários

A Justiça Federal na Paraíba (JFPB) publicou edital para seleção de conciliadores voluntários. São disponibilizadas dez vagas, além da formação de cadastro de reserva até o 30º classificado, para atuação no Centro de Conciliação da Subseção Judiciária de Campina Grande.

As inscrições terão início amanhã e seguem abertas até 15 de julho deste ano - através do e-mail cejusccg@jfpb.jus.br. Para se inscrever, o candidato deverá preencher o formulário de requerimento (disponível no edital), informando os dados pessoais, acadêmicos e profissionais. Também será

necessário o envio de outros documentos.

São requisitos para se candidatar: idade mínima de 18 anos; pleno gozo dos direitos políticos; ausência de incapacidade que impossibilite o exercício da função; nível de instrução, pelo menos, de Ensino Superior incompleto. Se-

rão levadas em consideração, no processo de seleção, formação na área jurídica ou especialidade compatível com a função, assim como experiência prévia na área de resolução alternativa de conflitos. A seleção dos candidatos consistirá em análise curricular e entrevista pessoal.

Foto: Evandro Pereira



José Ethan,
doutor em Ecologia e Recursos Naturais

Saúde do planeta é garantia de morada das futuras gerações

Professor da UEPB alerta para a urgência de se buscar o desenvolvimento sustentável e a preservação do planeta

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Meio ambiente. Um tema tão discutido ao longo das décadas e que no mês de junho recebe destaque devido à Semana dedicada ao assunto. Conservar os recursos naturais em meio ao avanço tecnológico, industrial e econômico das nações está na pauta do dia, tornando-se um dos principais desafios dos gestores públicos e também da atual sociedade consumista. O assunto traz polêmica e acalorados debates pelo mundo. Isso porque a discussão envolve interesses, para alguns, antagônicos. Se por um lado estão as demandas e desenvolvimento das comunidades modernas, bem como a lucratividade dos grandes empresários, do outro lado, emerge o desejo de manter a saúde do planeta, única garantia de morada para as futuras gerações. Para abordar questões como a degradação das florestas brasileiras, a reviravolta no clima, as responsabilidades público-privadas sobre o respeito à natureza e a legislação ambiental, o Jornal **A União** traz nessa entrevista o doutor em Ecologia e Recursos Naturais, pesquisador, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador do projeto Peld Rio Paraíba Integrado, José Ethan Lucena Barbosa. Nos seus 25 anos de atuação na área ambiental, ele traz estatísticas, informações reveladoras sobre o futuro dos ecossistemas e alerta que é cada vez mais urgente atingirmos o desenvolvimento sustentável. “Não temos mais tempo para desconsiderar todo o conhecimento acumulado e que nos alerta sobre a rota de colisão que temos com nosso futuro, caso não seja alterado nosso padrão de consumo, nossa relação predatória com a natureza”, enfatizou.

A entrevista

■ *Nesse mês em que se comemora a Semana do Meio Ambiente, que mensagem deve ser passada aos gestores públicos e à população sobre a importância de se respeitar e conservar os recursos naturais?*

A natureza, e toda a gama de recursos naturais que a constitui, é a grande provedora de vida em nosso planeta. Preservar o meio ambiente é fundamental para manter a saúde do planeta e por consequência de todos os seres vivos que nele vivem. Preservar a biodiversidade é proteger os serviços ecossistêmicos que a natureza nos fornece, cotidianamente. Os serviços ambientais são as contribuições diretas e indiretas da natureza para o bem-estar humano, como os alimentos, água doce, regulação do clima, polinização, além da manutenção da biodiversidade e dos benefícios não materiais - por exemplo, a contemplação da natureza. Conservar os serviços ecossistêmicos e a biodiversidade significa garantir qualidade de vida para todos. Hoje temos o conhecimento científico sobre a certeza da finitude dos recursos naturais, eles podem acabar! Portanto, é importante a educação, que leva ao despertar da consciência ambiental e, por conseguinte, ações de preservação e conservação ambiental. É imprescindível incorporarmos em nossas vidas, na cultura, no dia a dia, em nossas ações práticas sustentáveis.

■ *E essas práticas sustentáveis podem estar presentes em cada uma de nossas ações?*

Proteger a natureza não é só cuidar de um bioma, de uma floresta ou de um ecossistema aquático, mas sim preservar cada lugar por onde passamos e cada ser vivo que encontramos pelo caminho. Na luta para salvar o planeta, todos podem participar. Nunca é cedo nem tar-

de demais para fazer sua parte. Separar o lixo reciclável do orgânico (não reciclável) é uma medida rápida e simples que ajuda a diminuir em até 40% a quantidade de material que vai parar nos lixões. Estamos na década dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, nelas estão as tarefas, as medidas a serem tomadas. Colocá-los em prática até 2030 é imprescindível, a vida no planeta agradece.

■ *Qual sua avaliação sobre a atual legislação brasileira com relação à conservação dos recursos naturais? Ainda há muito o que melhorar? Por que?*

No cenário mundial, historicamente, no que diz respeito à legislação ambiental, nosso país tem papel de destaque: poucos países têm uma legislação tão ampla quanto à brasileira. Já em 1988, a Constituição dedicava um capítulo todo ao meio ambiente, dando ao poder público a tarefa de garantir a preservação para as gerações atual e futura. Entretanto, embora seja notório esse reconhecimento, estudos de entidades multilaterais, tais como a ONU, chama a atenção para falhas na aplicação da legislação. Portanto, a implementação das leis ainda é falha. Entre os sinais mais alarmantes da falta de rigor no cumprimento das leis ambientais no país, é o número de assassinatos de ativistas. De 2000 a 2015, o relatório aponta que 527 ambientalistas foram mortos no Brasil. Honduras e Filipinas são os próximos do ranking, com 129 e 115 assassinatos, respectivamente. Índices de retrocesso quanto à proteção ambiental também são cercações de preocupação. A redução da representatividade da sociedade civil, da organização nos Conselhos deliberativos de meio ambiente, tais como o Conama - Conselho Nacional do Meio Ambiente, é uma grave intervenção na tomada de decisão

e desregulamentação da proteção ambiental no Brasil. A participação da sociedade civil organizada é fundamental para o desenvolvimento sustentável e a preservação ambiental. Esse papel começou a ganhar notoriedade após a Rio 92, conferência sediada no Rio de Janeiro que estimulou a criação de leis, de ministérios e agências dedicadas ao meio ambiente. Essa política deve ser retomada, fortalecida e ampliada.

■ *Apesar de ser um bioma rico em diversidade da fauna e da flora, a Mata Atlântica passa por um constante processo de desmatamento. Que impacto essa ação humana pode trazer?*

A Paraíba já perdeu mais de 70% de sua Mata Atlântica nos últimos 40 anos, o Brasil mais de 90%. A Mata Atlântica é uma das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo. De fato, é o ecossistema brasileiro que mais sofreu os impactos ambientais dos ciclos econômicos da história do país. As consequências do desmatamento da Mata Atlântica são um prejuízo ambiental e socioeconômico muito significativo para o Brasil. Entre os principais, podemos citar: perda de biodiversidade da fauna e flora nativas; degradação de mananciais ao remover a proteção das nascentes e prejudicar a impermeabilização do solo em torno da água; aterramento de rios e lagos devido à erosão ao retirar a cobertura vegetal, comprometendo a vazão dos rios; diminuição das chuvas devido à alteração das áreas de mata e do clima, causando grandes períodos de estiagem ou grandes enchentes. Com a ausência da vida vegetal e o tratamento inadequado do solo, outra grande consequência é a degradação do meio ambiente; a redução da umidade relativa do ar, pois com a remoção das folhagens há uma queda da regulação da temperatura ambiental, deixando-a mais alta e instável; aumento do efeito estufa, pois na queimada das matas, praticamente, todo o carbono absorvido pelas plantas retorna à atmosfera; baixa na qualidade da água devido à erosão, tornando-a muitas vezes mais turva e imprópria para o consumo.

■ *E o impacto direto na sociedade e economia?*

Na sociedade, as consequências do desmatamento também são visíveis e impactantes. O ecoturismo é um grande atrativo das cidades e regiões brasileiras, porém, com o desaparecimento das matas, esse potencial é perdido e pode trazer danos incalculáveis. Com sua grande diversidade biológica, o país é extremamente rico em potencial farmacêutico, já que poderia utilizar remédios e cosméticos com extratos de plantas nativas. Entretanto, isso não é observado, e muitas vezes perdem-se espécies ainda não conhecidas por causa do desmatamento.

■ *O desenvolvimento urbano, tecnológico, industrial e econômico das cidades e estados são essenciais para a evolução*

de uma nação. Mas, na maioria das vezes, isso esbarra no desrespeito ao meio ambiente. Como é possível crescer de forma sustentável?

Considero que essa questão já está madura e bem discutida, já sabemos o que fazer. Com críticas, mas a implementação dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável é o norte, a direção a ser seguida até 2030. Além dos clássicos temas de preservação ambiental, do solo, das florestas, da água, da biodiversidade, devemos nos comprometer em tratar os graves problemas que afetam o país, entre eles erradicar a pobreza, reduzir a desigualdade entre e intra regiões, atingir equidade de gênero, regular o crescimento desordenado das cidades, acabar com epidemias, garantir educação básica para todas as crianças e estancar completamente o desmatamento. Estes fazem parte da lista de compromissos sociais, econômicos e ambientais assumidos nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e suas 169 metas. Sem minimamente essa tomada de consciência e implementações de ações, não podemos pensar em sustentabilidade.

■ *O respeito aos recursos naturais é antes de tudo uma questão de educação e conscientização do poder público, privado e da sociedade em geral? Comente.*

Essa pergunta está no cerne da anterior. Não temos mais tempo para desconsiderar todo o conhecimento acumulado e que nos alerta sobre a rota de colisão que temos com nosso futuro, caso não seja alterado nosso padrão de consumo, nossa relação predatória com a natureza e com as chagas sociais que nos afligem e que deveriam ter sido equacionadas.

■ *Há uma tendência do brasileiro de deixar para áreas específicas as responsabilidades por determinados temas, e um deles é o meio ambiente. Por exemplo, ONGs e outras entidades ambientalistas estariam com a responsabilidade de pensar e agir em defesa do meio ambiente. Mas será que a manutenção de uma vida mais sustentável não é dever de todos? Como cada cidadão pode contribuir na redução da poluição do ar, da água, do solo e as outras formas de degradação ambiental?*

O Artigo-225 da Constituição Federal de 1988 é muito claro e diz tudo sobre essa questão: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. É do governo e da sociedade o papel de proteção da natureza brasileira.

■ *E as empresas? Que tipo de incentivos elas devem receber para que sejam mais ativas e engajadas na conservação dos recursos naturais, na redução dos poluentes? Como fazer com que elas se interessem mais pelo tema?*

Há também um arcabouço legal que tem auxiliado bastante as em-

presas em se enquadrar em propostas sustentáveis. A implementação da ISO 14001, por exemplo, é um princípio balizador para este fim. O objetivo dessa norma atinge, principalmente, empresas inteligentes que a escolhem, pois, seu principal objetivo é a união de preservação ambiental aos lucros da empresa, possibilitando que as organizações cresçam e se desenvolvam de forma sustentável. Com isso, é possível garantir a preservação do meio ambiente por meio da redução dos impactos significativos, causados pelas atividades da empresa. Para tal preservação e desenvolvimento, temos o direcionamento impecável da norma. Ela permite que empresas de todos os portes conquistem o amadurecimento da gestão de seus riscos ambientais, visão e valores da empresa, tornando parte de suas práticas usuais.

■ *Uma grande frente de atuação na questão ambiental são as startups com foco em oferecer soluções sobre clima e relacionadas às mudanças climáticas – as chamadas “climatechs”. Que importância real elas vêm alcançando?*

Startups de gestão ambiental enfrentam desafios adicionais na missão de inovar e manter crescimento escalável enquanto causam transformações de impacto sustentável. O ranking 100 Open Startups ajuda a manter o tracking de quais empresas estão realmente trazendo a inovação de que precisamos para enfrentar mudanças climáticas.

■ *Várias cidades no Brasil ainda mantêm lixões a céu aberto, desrespeitando a legislação sobre o descarte correto dos resíduos sólidos. Por que esse problema, apesar de ser antigo, é tão difícil de se resolver?*

A falta de prioridade nos investimentos dos gestores a este problema, certamente, tenha sido a principal causa para não termos zerado essa meta na virada do século. Assim, o passivo ambiental só ampliou o desafio.

■ *Que medidas poderiam agilizar o fim definitivo desses lixões, fazendo com que eles se tornem apenas uma lembrança?*

O Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares) entrou em vigor no Brasil a partir da publicação no Diário Oficial da União, no último dia 14 de abril. Ele estabelece diretrizes, estratégias e metas para a gestão dos resíduos sólidos, com vistas a colocar em prática a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída em 2010.

Um dos principais destaques do Planares é que ele prevê acabar com os lixões e aterros em território brasileiro até 2024, ou seja, em dois anos. Atualmente, existem cerca de três mil espaços como esses no Brasil. Ainda, o Plano coloca como meta reciclar ou recuperar 48,1% dos resíduos sólidos urbanos até 2040. São metas ambiciosas, mas possíveis, desde que os recursos sejam ampliados, os gestores coloquem como prioridade e que o plano seja executado como normatizado.

SANTO ANTÔNIO

Dando uma forcinha para o casório

Religioso católico português, cujo dia se comemora amanhã, é conhecido como o “santo casamenteiro”

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Neste domingo, Dia dos Namorados, muitos casais e até quem está solteiro já devem estar pensando no pedido que vão fazer a Santo Antônio, “o casamenteiro”, cujo dia será celebrado amanhã. O santo é o primeiro a ser homenageado pela Igreja Católica no mês de junho. Nascido em Portugal, no século 12, Fernando de Bulhões, como foi batizado, começou os estudos religiosos quando tinha 15 anos no Mosteiro de São Vicente de Fora, e em seguida foi para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sendo ordenado sacerdote em 1220. Mais tarde, seguiu a Ordem Franciscana, dedicando a vida a ajudar os necessitados. Mas, de onde vem a tradição de associar o santo aos enamorados que desejam ir para o altar?

Segundo o padre Eunildo Filho, administrador da Paróquia Santo Antonio de Pádua, da comunidade de Mata Redonda, no município de Alhandra, essa associação tem origem em Nápolis, na Itália. Contam os antigos que nessa cidade havia uma moça pobre cuja família não tinha condições de pagar o dote para o casamento. “Desesperada, a jovem pediu a ajuda do santo que, milagrosamente, lhe entregou um bilhete e disse que ela procurasse determinado comerciante. O bilhete dizia que esse comerciante entregasse à jovem moedas de prata equivalente ao peso do papel daquele bilhete”, contou o padre.

Ao receber o recado, o homem não se importou em atender ao pedido, uma vez que o peso do papel certamente seria insignificante. Foi aí que aconteceu o inexplicável.

“

Desesperada, a jovem pediu a ajuda do santo que, milagrosamente, lhe entregou um bilhete e disse que ela procurasse determinado comerciante. O bilhete dizia que esse comerciante entregasse à jovem moedas de prata equivalente ao peso do papel daquele bilhete

Padre Eunildo Filho

“Para sua surpresa, foram necessários 400 escudos de prata para que a balança atingisse o equilíbrio. Nesse mesmo dia, o comerciante se lembrou que havia prometido 400 escudos de prata ao santo, e nunca havia dado”.

Depois de receber o valoroso montante, a jovem pôde casar-se conforme os costumes da época. “E, a partir daí, Santo Antonio recebeu, entre tantos outros títulos, o

de santo casamenteiro”, frisou o padre Eunildo.

Por isso, até hoje, há o costume de se fazer pedidos de casamento e até simpatias populares para que o homenageado do dia 13 de junho acelere o casório ou mesmo ajude muitas pessoas a encontrarem o par perfeito.

Foi com fé nessa tradição que o casal Frankswania Dantas, 35 anos, e Alex Oliveira, 43 anos, ambos contadores, realizaram o sonho do matrimônio. Frankswania contou que estava noiva há quatro anos e todo mundo perguntava quando seria o casamento. “Eu sempre dizia que íamos nos casar quando tivéssemos nossa casa”.

Muito religiosa, integrante do coral da igreja e participante do Encontro de Casais com Cristo (ECC), ela não esquecia, nas suas orações, de pedir a Deus e a Santo Antonio que concedesse a graça do matrimônio, e que os dois pudessem viver a vida juntos. Os trâmites na unidade bancária para a compra do imóvel já tinha sido entregue fazia dois anos, só faltava assinar o contrato. Tudo estava pronto para a união definitiva do casal, a única pendência era o lar.

“Então, no dia 14 de junho de 2013, um dia depois do Dia de Santo Antonio, nos ligaram do banco chamando para assinarmos o contrato para a compra da casa. Com certeza tivemos uma ajudinha de Santo Antônio. Acredito nisso e todo mundo também comenta a mesma coisa”, declarou Frankswania.

No mês de julho do mesmo ano, os dois se casaram e estão juntos há oito anos, trilhando o caminho da fé. “Nosso relacionamento é muito abençoado”.

História do santo

Fernando de Bulhões nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 15 de agosto de 1195. Era filho de Martinho de Bulhões e Maria Tereza Taveira. Desde criança, ele acompa-



Quatro paróquias da Arquidiocese da Paraíba e uma da Diocese de Campina Grande são dedicadas ao “santo casamenteiro”

Foto: Pixabay

nhava os pais nas celebrações realizadas na Catedral de Lisboa, próximo à casa onde moravam.

A família tinha posses, mas após ele se voltar aos ensinamentos religiosos, conduziu sua vida de forma simples. Em 1220, ele foi ordenado sacerdote e nesse mesmo ano se sensibilizou ao presenciar os despojos dos frades franciscanos que são venerados no Mosteiro de Santa Cruz, após se-

rem martirizados numa missão no Marrocos, na tentativa de evangelizar os mouros.

Então, Bulhões decide se juntar à Ordem dos Franciscanos e recebe o hábito de São Francisco com o nome de Frei Antônio. O santo, também chamado de Santo Antônio de Pádua, morreu aos 36 anos em Pádua, na Itália, em 13 de junho de 1231. Até hoje, a data de sua morte é lembrada pela Igreja Católica.

Celebrações na PB e a lenda da Pedra de Santo Antônio

Nos municípios paraibanos, são várias as paróquias e capelas da Igreja Católica que têm Santo Antônio como padroeiro. Somente na área que compreende a Arquidiocese da Paraíba existem cinco paróquias dedicadas ao santo casamenteiro, sendo três em João Pessoa, uma em Itatuba e uma em Mata Redonda. No junino, essas paróquias geralmente organizam uma programação festiva para celebrar o dia 13.

Segundo o padre Eunildo Filho, administrador da Paróquia Santo Antônio de Pádua, da comunidade de Mata Redonda, em Alhandra, a celebração começou desde o dia 1º com uma trezena que contou com celebrações eucarísticas, atrações culturais, louvores ao padroeiro, entre outras atividades. Hoje, Dia dos Namorados, véspera de Santo Antônio, haverá um casamento comunitário. Amanhã, será realizada uma procissão que antecederá a celebração de encerramento, prevista para ocorrer às 19h30, na paróquia.

Na Diocese de Campina Grande, a assessoria de imprensa informou que só existe uma paróquia que recebe o nome de Santo Antônio e fica situada no bairro que leva o nome do santo. As celebrações começaram no último dia 4 e serão encerradas hoje com uma festa solene marcada para as 19h, na própria paróquia, que contará com a participação do bispo diocesano de Campina Grande, Dom Dulcênio Fontes de Matos, que fará a Bênção dos Pães.

Pedra de Santo Antônio

No município de Fagundes, Santo Antônio não é lembrado apenas no mês de junho, mas o ano todo. Na Serra de Bodopitá, situada na região, está uma pedra de 15 metros de altura por oito metros de largura, conhecida como Pedra de Santo Antônio. O livro “A Serra de Bodopitá”, escrito por Vanderley de Brito, Juvandí de Sou-

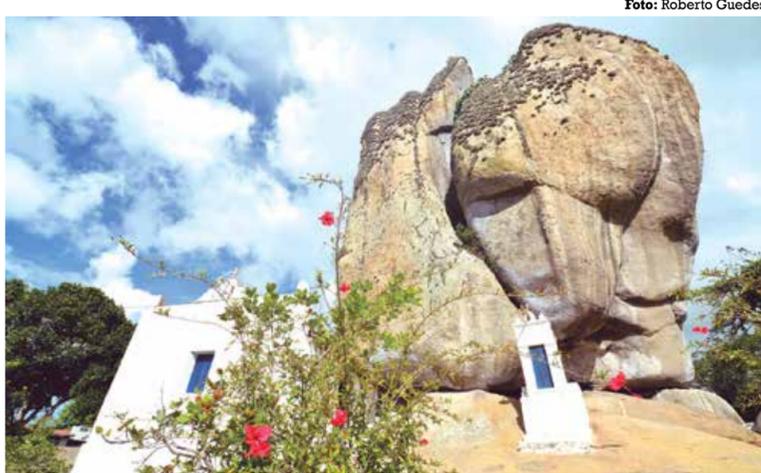


Foto: Roberto Guedes

Pedra de Santo Antônio, em Fagundes, tem 15 metros e se transformou em ponto turístico

za Santos e Thomas Bruno Oliveira, conta que o monumento granítico, ponto turístico do local, recebeu esse nome por causa de uma lenda que envolve a imagem do santo.

Em 1877, devido à uma grande seca, um homem de posses de Pernambuco, chamado José Felisberto da Silva, deixou sua terra natal e foi instalar-se, juntamente com seus escravos, na região de Fagundes. Ao explorar o lugar, os escravos encontraram a pedra gigante e resolveram escalá-la. Na época, o acesso até a pedra se dava por meio de uma gameleira. Ao atingirem a parte mais alta da grande rocha, descobriram uma fenda e, no meio dela, uma imagem de Santo Antônio.

A estátua foi levada, em procissão, para a igreja. Dias depois ela desapareceu do altar do templo religioso. Depois de muita procura, a estátua foi achada na fenda da pedra. A imagem foi levada novamente para a igreja e voltou a aparecer misteriosamente na rocha. Diz a lenda que esse episódio se repetiu por algumas vezes até que, na última, a gameleira que possibi-

tava o acesso à pedra gigante havia caído. A partir de então, entendeu-se que a imagem deveria ficar no santuário natural, onde encontra-se até hoje. O monumento recebe inúmeros visitantes e segundo a lenda, quem conseguir passar pela fenda na parte de baixo da pedra realizará seus desejos junto a Santo Antônio.

O arqueólogo, historiador e presidente do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), Vanderley de Brito, afirmou que a pedra também tem grande importância arqueológica. Ele contou que outras rochas existentes na serra apresentam inscrições rupestres, mas até certo tempo atrás nada se falava desses inscritos na grande pedra de 15 metros de altura.

O arqueólogo contou que visitou o local em 2007 e, ao fazer um exame em uma das faces da grande rocha, limpou a fuligem causada pelas velas acendidas pelosromeiros. “E lá encontrei inscrições rupestres de povos pré-históricos. Esses povos devem fazer parte de uma sociedade muito antiga, de mais de 10 mil anos”, destacou.

Simpatias

Crenças populares para encontrar o par perfeito

O costume popular mostra que, além das orações e pedidos feitos ao Santo Casamenteiro ao longo do ano, as pessoas solteiras costumam fazer “simpatias” para pedir que o Santo mostre o nome do futuro amor. Já os casais pedem que ele agilize o casamento. Algumas dessas adivinhações são feitas hoje, véspera do dia do Santo, ou amanhã. Confira:

Bananeira - À meia-noite do dia 12 de junho, a pessoa deve cravar um facão em uma bananeira. O líquido que escorrer da planta deverá mostrar o nome da sua “cara metade”.

Prato com água - A pessoa deve escrever os nomes dos futuros pretendentes em pequenos papéis e enrolá-los. À meia-noite do dia 12, os papéis devem ser colocados em um prato com água, que deve ficar ao relento. No outro dia, o papel que estiver desenrolado indicará o nome do par amoroso. Essa simpatia também poder ser feita escrevendo em cada pedaço de papel uma letra do alfabeto. No dia seguinte, a letra que estiver à mostra será a inicial do nome do pretendente.

Rosa vermelha - Retire três espinhos da haste de um pé de rosa vermelha. Coloque-os dentro do perfume que você usa, e peça que Santo Antônio afaste todos os obstáculos que impeçam a união do casal. Use o perfume sempre que estiver com a pessoa amada.

Volta na fogueira - No Dia de Santo Antônio, participe de uma comemoração junina. Coloque água na boca e comece a dar voltas em torno da fogueira. O primeiro nome que você ouvir alguém chamando ou gritando será o nome do futuro par amoroso.

MATERNIDADE FREI DAMIÃO

Incentivos ao aleitamento materno

Hospital cria cursos para orientar profissionais e mães sobre os procedimentos corretos na hora da amamentação

Paulo Cosme
Especial para A União

As ações voltadas à política de incentivo, de conscientização e da importância ao aleitamento materno não param de acontecer na Maternidade Frei Damião e se tornaram práticas constantes. O trabalho é feito por meio de cursos e capacitações destinados tanto aos profissionais de saúde como também às mães que recebem todas as orientações sobre os procedimentos corretos que devem ser adotados na hora de amamentar os seus filhos.

“São perceptíveis as mudanças ocorridas na Maternidade Frei Damião nos últimos meses, e isso só foi possível porque somos uma equipe gestora técnica e coesa. As nossas ações são pautadas na desconstrução de práticas antigas, e inovação da qualidade da assistência focada nos usuários, compreendendo como ser único e subjetivo”, comentou a diretora-geral da maternidade, Selda Gomes. Ela afirma que a prática e o incentivo ao aleitamento materno têm se tornado uma das principais políticas adotadas pela Frei Damião.

“Aqui na maternidade a prática ao incentivo ao aleitamento materno faz parte da pauta diária de nossas atividades. A orientação é para que as equipes mostrem para as nossas pacientes todos os benefícios que o leite materno proporciona para ela e para o seu filho como também desmitificando todos os mitos que ainda hoje existem sobre o tema”, disse Selda Gomes, adiantando que o leite materno é um alimento de baixo curso financeiramente somando-se também os nutrientes que o produto oferece ao bebê. “Está comprovado cientificamente que o leite materno é o melhor alimento que uma criança pode receber nos primeiros seis primeiros meses de vida”, destacou.

“O ato de amamentar é muito importante para criar vínculos afetivos entre a mãe e o bebê, além de diminuir as chances da criança contrair doenças e infecções. A mãe também se beneficia, pois as chances de ter câncer de mama também diminuem e o leite materno tem os nutrientes que o bebê precisa para crescer e se desenvolver bem e é de fácil digestão para o organismo do bebê. Além disso, ele protege contra infecções e ajuda a mãe e o bebê a desenvolverem uma relação muito mais próxima e afetiva”, comentou Selda Gomes.

Ela explicou que o bebê deve mamar exclusivamente no peito até os seis meses. “Até essa idade, ele não precisa receber água, outros líquidos, nem alimentos, além do leite materno. A partir dos seis meses, o leite materno continua sendo muito importante e deve ser mantido, mas deve-se começar a introduzir alimentos complementares na rotina do bebê”, finalizou.

“

Está comprovado cientificamente que o leite materno é o melhor alimento que uma criança pode receber nos primeiros seis meses de vida

Selda Gomes



Ações trazem a vivência do aleitamento materno de maneira prática; toda a equipe do hospital passa a dominar e compreender o uso correto das técnicas



Mais capacitação e revisão dos protocolos

Com a regressão dos casos de Covid-19 e o voltar ao novo normal, a Maternidade Frei Damião deu alguns passos em relação às práticas de aleitamento materno em cumprimento a Política Inicial Hospital Amigo da Criança.

Desde o mês de janeiro todos os funcionários, sejam da assistência indireta: maqueiros, apoio, recepcionistas, higienização, administrativo, entre outros; e assistência direta: médicos nas suas mais diversas especialidades, enfermagem, nutricionistas, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, entre outros; estão sendo submetidos ao curso obrigatório do Ministério da Saúde para profissionais que fazem parte de Hospital Amigo da Criança.

O curso tem carga horária de 20 horas teóricas-práticas, ministrado pela monitora da Iniciativa Hospital Amigo da Criança pelo Ministério da Saúde/Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba e membro da Rede Paraibana de Bancos de Leite Humano: Janilda

Moraes (nutricionista; especialista em aleitamento materno e em neonatologia).

“A partir desse ano, todos os residentes que atuam na nossa instituição também passam pela capacitação teórico-prática: Residência Estadual Multiprofissional em Saúde da Criança; Residência em Enfermagem Obstétrica e Ginecologia e Obstetria”, explicou Janilda Moraes.

Além do oferecimento do curso teórico-prático em manejo clínico da amamentação com objetivo de promover conhecimento e alinhar as orientações e práticas profissionais para uma linguagem única em relação a amamentação na nossa assistência, alguns protocolos foram revistos pela Comissão de Aleitamento Materno da instituição e colocados em prática como por exemplo: o livre acesso de pais aos seus filhos internos na unidade neonatal e o contato pele a pele, inclusive com o retorno do uso do “TOP” - uma faixa de tecido justa e maleável colocada na paciente quando

ela é encaminhada para a sala de parto e logo após o nascimento o recém-nascido é colocado dentro do “TOP”, ficando o bebê o maior tempo possível em contato pele a pele com a sua mãe.

“A indicação para o uso des-

sa faixa está presente desde o início do Programa de Parto seguro, para todos os tipos de parto, pois não só oferece segurança e conforto para o binômio, mas também para a equipe de enfermagem”, afirmou Janilda Moraes.



Frei Damião possui uma comissão que visa incentivar o aleitamento materno

Benefícios do alojamento conjunto, mãe e bebê

“Aleitamento materno no alojamento conjunto: Dúvidas e dificuldades práticas”. Este foi o tema apresentado no formato on-line no último dia 9 pela médica Tarciana Mendonça de Sousa Almeida, mestre em saúde materno-infantil pelo Instituto de Medicina Integral de Pernambuco, (IMIP) para profissionais de Maternidades e Hospitais Amigos da Criança, profissionais da Rede de Bancos de Leite do Estado da Paraíba como também para outros profissionais de saúde e estudantes.

A médica também falou sobre quais os bebês de risco que serão acompanhados no alojamento conjunto e como se pode ter uma melhor atuação no seguimento desses bebês principalmente no tocante a necessidade de complementar o aleitamento materno no alojamento conjunto.

“Expliquei qual a melhor estratégia para bebês pequenos para idade gestacional, baixo peso e filho de mãe diabética não apresentarem hipoglicemia e também discutimos sobre a não

necessidade dessas crianças receberem automaticamente complemento além do seio materno, apenas pelo fato de serem bebês com fatores de risco para dificuldade na amamentação e trouxe também as indicações médicas formais para complementação do leite materno”, finalizou Tarciana Mendonça.

Outra abordagem foi sobre o impacto da imunoterapia oral na amamentação “Impacto da imunoterapia oral sobre a amamentação de prematuros extremos (bebês que nascem com menos de 30 semanas de idade gestacional e/ou peso menor que 1.500 gramas)”. Esse foi tema abordado, no formato on-line, na noite do último dia 10, pela neonatologista Mariana González de Oliveira Porto Alegre, para os profissionais de saúde da Maternidade Frei Damião.

O assunto foi fruto de um projeto de pesquisa da médica. Mariana González explicou que esse protocolo foi implementado no hospital em que trabalha e a

pesquisa recebeu o segundo lugar no prêmio do Nestlé Nutrition Institute de 2021.

“A imunoterapia oral prolongada consiste na administração de gotas de leite da própria mãe na mucosa oral dos prematuros. Essa técnica, adotada em nossa UTI desde 2017, foi avaliada em uma pesquisa, que investigou os efeitos da prática nas taxas de amamentação até a alta da UTI Neonatal”, afirmou.

A neonatologista disse ainda que foi constatado que, após a adoção da prática na unidade de saúde na qual ela trabalha, houve aumento no número de bebês que nasceram com menos de 28 semanas que recebiam o leite da própria mãe e que eram amamentados diretamente (de forma exclusiva ou com complemento) no momento da alta hospitalar.

“Esse é um achado importante, devido aos grandes benefícios associados ao leite materno, especialmente para essa população de crianças extremamente vulneráveis. Essa é uma prática que

Profissionais da Frei Damião participam de palestras e outras atividades de capacitação destinadas às equipes Hospitais Amigos da Criança

não exige tecnologia alguma, tem baixo custo e pode ser empregada em qualquer UTI Neonatal” explicou.

De acordo com a médica, considerando que o Brasil está entre os 10 países com o maior número de nascimentos de prematuros, a implementação de uma prática efetiva e de baixo custo que pode aumentar o aleitamento materno e reduzir complicações, deve ser multiplicada e aplicada em todas as unidades interessadas.

ROMPER PADRÕES

Uma tarefa árdua, mas libertadora

Processo de aceitação não acontece do dia para a noite; requer paciência, informação e representatividade

Beatriz de Alcântara
 alcantarabriz@gmail.com

■ São considerados padrões de beleza todas as normas estéticas impostas pela sociedade

A cantora baiana Pitty compôs versos que dizem “o importante é ser você, mesmo que seja estranho, seja você, mesmo que seja bizarro”. A música, intitulada “Máscara”, fala de um ambiente em que, aquilo que é diferente do padrão, é visto como estranho e “bizarro”. Com essa letra, é possível fazer um paralelo com a sociedade que, ao impor certos padrões estéticos e de comportamento, passa a abominar aqueles que não se encaixam nesse ideal. No processo de ir na contramão desse padrão, romper com essa imposição pode ser uma tarefa árdua, por vezes dolorosa, mas libertadora.

De acordo com a psicóloga Mariana Farias, os padrões de beleza são consi-

derados todas as normas estéticas impostas pela sociedade. “Ou seja, são padrões culturais que vão variar em cada período histórico e contexto. Esse ideal é formado pela ideia de belo – que pode mudar a todo momento. Em geral, costumam variar de acordo com países, culturas e até faixa etária. Apesar de termos características físicas próprias, muitos de nós passamos a buscar determinados atributos para nos encaixar no padrão: peso, altura, cor dos olhos e dos cabelos, tamanho dos seios, entre outros”, explicou.

As cobranças começam, na maioria das vezes, ainda na infância. Pedro Borges, de 20 anos, lembra que sempre foi uma criança gorda, de baixa estatura e, pela criação cercada de mulheres, aprendeu, desde muito novo, a demonstrar emoções – coisa recriminada quando se trata dos homens. Além dessas características, Pedro também tem o cabelo naturalmente cacheado e a pele negra, o que também foram motivos para receber falas e olhares preconceituosos ao longo da vida.

“A pressão que você recebe é muito grande e você acaba cedendo”, afirmou o jovem, que entre os 15 e 16 anos, passou por alguns gatilhos que o levaram a dietas inadequadas. “Lembro

que eu fiquei muito doente e perdi muito peso. Eu estava com dengue e tive uma infecção logo em seguida, o que me fez emagrecer muito. Não dizia a todo mundo que estava doente, mas muitas pessoas começaram a elogiar meu peso e todo mundo gosta de elogio, então foram só mais dias de dietas restritivas”, comparou Pedro.

Com relação às emoções, o padrão de comportamento que a sociedade construiu para os homens fez com que, por muitos anos, o jovem reprimisse o que sentia. “[Esperam que você] reprima até meio que parar de sentir e eu pensava que não era para mim, então só podia ter nascido errado e tudo que eu fazia machucava alguém”, ressaltou. Somado a isso, ainda havia a questão dos estereótipos de que homens que demonstram emoções são, por conta disso, homossexuais. “Eu comeci a ter medo das pessoas acharem que eu era alguma coisa, apesar de ter minha sexualidade bem resolvida”, pontuou.

Foi também na infância que Kássia Guedes, de 25 anos, começou a lidar com as inseguranças e as pressões estéticas da sociedade em relação ao corpo, mais precisamente, à pele. “Tenho queratose pilar, que é excesso de queratina na

pele, e isso faz com que eu tenha tipo carocinhos por todo o corpo. São inofensivos para a minha saúde, também não são contagiosos, é só a aparência que causa estranheza”, explicou a podcaster.

Apesar de ser considerada uma pessoa padrão em relação ao cabelo, corpo e até mesmo o tom de pele, a textura da pele e as manchas causadas pelos caroços pareciam ser “um problema” para as pessoas ao redor. “Já teve gente com nojo na escola, principalmente, dos seis aos 12 anos; já perguntaram se era contagioso e quando encostavam, principalmente, nos meus braços, que é onde fica mais evidente, sempre gerava uma reação negativa e isso já me fez chorar diversas vezes e querer ter uma pele normal como as outras meninas da minha idade”, lembrou Guedes.

Por conta da pele considerada imperfeita para os padrões estéticos, Kássia enfatiza que tinha medo de que nenhum menino gostasse dela quando virasse adolescente/adulta, tinha vergonha de ir à praia ou piscina, entre outras questões. “Por mais que eu não tivesse noção do que era autoestima, hoje, eu consigo ver o quanto isso foi além de só uma vergonha”, afirmou.

Jayane Souza, 24 anos,

é jornalista e pesquisadora. Apesar de bem resolvida com todas essas questões de imposições estéticas e comportamentais, também já sofreu com os padrões que são constantemente perpetuados pelas pessoas, pela mídia, pela publicidade e afins. “Sofri muito com questões relacionadas a ser gorda, [como] dificuldade no acesso de roupas, mobilidade e até cadeiras para sentar e relaxar em algum restaurante”, contou.

Além disso, o cabelo natural de Jayane é cacheado, mas por muito tempo ele ficou “escondido” por trás dos alisamentos. “Por muito tempo eu acreditei que o certo seria ter o cabelo liso e “domado”, sem frizz e sem volume. Por conta disso, passei mais de 10 anos fazendo química e alisando o cabelo”, explicou a jornalista.

Como consequência dessa pressão, a pesquisadora passou anos de sua vida acreditando que, por não compor o considerado ideal, era feia, não era suficiente e também não tinha dignidade para amar e ser amada, sair, ter experiências novas, entre outras coisas. “São pequenas violências que o corpo gordo e o corpo feminino, em geral, sofrem e por isso nos sentimos mal por não ter e por não agradar”, observou Jayane.

“Tenho queratose pilar, que é excesso de queratina na pele, e isso faz com que eu tenha tipo carocinhos por todo o corpo. São inofensivos para a minha saúde, também não são contagiosos, é só a aparência que causa estranheza

Kássia Guedes



As psicólogas Mariana Farias e Alessandra da Costa destacam que, além do conhecimento externo, é importante investir também no autoconhecimento. Caminho que Pedro, Jayane e Kássia estão aprendendo a trilhar

O autoconhecimento é um importante caminho para a cura

As psicólogas Mariana Farias e Alessandra da Costa destacam que além do conhecimento externo, é importante investir também no autoconhecimento. Segundo Mariana, esse processo é proporcionado pela psicoterapia, “porque, a partir do momento que esses fatores estão bem resolvidos, o que é externo já não causa tanto impacto”, observou.

Alessandra complementa que é através desse conhecimento de si mesmo que será possível entender “que existe uma história por trás da construção desses padrões de beleza e que nem sempre vai ser condizente com a realidade de todas as pessoas”. Também buscar a representatividade nos grandes feitos de grupos [e pessoas] que se parecem com você é igualmente importante, pois perceber o sucesso e o destaque social de uma pessoa que se assemelha ao seu padrão de beleza te gera autoconfiança e empoderamento, aconselhou a psicóloga clínica.

Foi através de caminhos como esse, de descoberta pessoal e autoconhecimento, que Pedro, Kássia e Jayane, assim como tantas outras pessoas, diariamente, encontraram conforto dentro de si mesmos. Encontraram paz longe das cobranças e passaram a cultivar a aceitação – tanto deles quanto dos outros ao redor.

Para Pedro, foi com 17 anos, no período de transição entre o Ensino Médio e a faculdade, que uma chave virou na própria cabeça. “Foi um período que eu ganhei muita experiência, e conheci muitos novos lugares e pessoas que se aceitavam de corpo e alma, aí eu comeci num processo, porque é um processo para essa recuperação. E eu digo que eu já me aceitei do jeito que eu sou, mas ainda tem algumas coisas que me afetam”, afirmou o jovem.

Assim como ele, Kássia lembra que não foi fácil se olhar com mais carinho, mas que esse processo teve início no final do En-

sino Médio. “Eu tive a felicidade de encontrar pessoas que achavam meus “caroços” um charme, principalmente quando cheguei ao Ensino Médio. Isso foi fundamental, sabe? Ver que nem todo mundo achava repulsivo, mas que tinham pessoas que adoravam esse “diferencial” e isso me ajudou bastante a gostar de ser diferente”, disse.

A oportunidade de fazer terapia e também o ingresso na universidade, que possibilita o encontro com um grupo plural de pessoas, foram elementos importantes na desconstrução dos pensamentos que Jayane tinha sobre si mesma. “É um processo constante e, pelo que percebo, não tem fim”, ressaltou ela. “A minha interação com pessoas diferentes, leituras, estudos e vivências me fizeram aceitar e, principalmente, respeitar quem eu sou, as minhas características físicas e a naturalidade do corpo humano. Um corpo que nasce da maneira que tem que ser e que inevitavelmente vai

sofrer com a ação do tempo nele”, finalizou a jornalista.

O processo de aceitação não acontece do dia para a noite e requer, pelo menos, três coisas básicas: paciência, informação e representati-

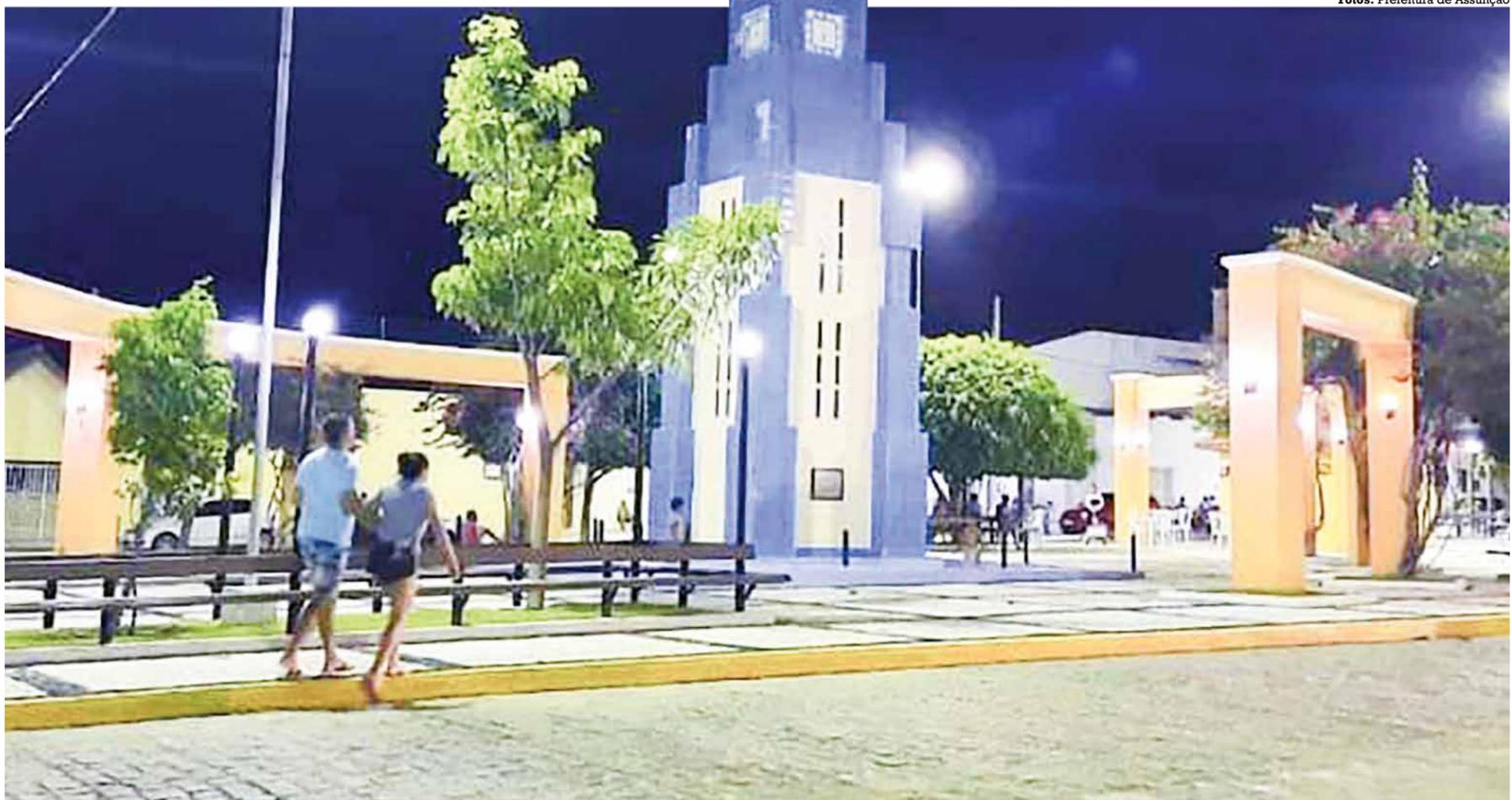
vidade. Cercar-se das referências certas, desenvolver compaixão e compreensão consigo próprio, entender a pluralidade que existe no mundo e como não deve haver nenhum “tipo” ou “jeito” considerado certo ou padrão de ser.

Sugestão

Filmes sobre abraçar a si mesmo

- Extraordinário – disponível no Telecine.
- Felicidade por Um Fio – disponível na Netflix.
- Colegas – disponível na Netflix e Globoplay.
- O Mínimo para Viver – disponível na Netflix.
- Dumplin’ – disponível na Netflix.
- Pequena Miss Sunshine – disponível no Star+.

Fotos: Arquivo Pessoal



A cidade cresceu ao longo dos anos e, em 2000, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, tinha 2.960 habitantes. Atualmente, segundo o instituto, a estimativa é de que 4.067 pessoas morem no município

ASSUNÇÃO

Município nomeado por Frei Damião

Localidade era distrito de Juazeirinho e de Taperoá, e conseguiu emancipação apenas no ano de 1994

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O município de Assunção foi criado em 29 de abril de 1994. Até então, a localidade era conhecida como Estaca Zero, um distrito de dois municípios, Juazeirinho e Taperoá. Para que ocorresse sua emancipação, houve um plebiscito no qual a população votou democraticamente e o distrito passou a ser, de fato, município. Essa história é conhecida pela população, mas o que poucos sabem é que a mudança do nome ocorreu a pedido de Frei Damião, durante as missões realizadas no então distrito.

“Foi quando passamos a

■ Assunção é um dos únicos municípios do Brasil emancipado duas vezes. Talvez o único, segundo o prefeito

chamar o lugar de Assunção, tomando como padroeira Nossa Senhora da Assunção”, ressaltou o prefeito Luiz Waldvogel de Oliveira Santos. O gestor lembra que Assunção é um dos únicos municípios do Brasil emancipado duas vezes. “Talvez

o único”, segundo ele.

A região, onde se encontra a atual cidade de Assunção, no Cariri paraibano, fazia parte das sesmarias dos Oliveira Ledo, que desbravaram o Cariri e o Sertão do estado. A cidade, que começou com poucas residências, cresceu ao longo dos anos e, em 2000, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, realizado naquele ano, tinha 2.960 de habitantes. Hoje, segundo estimativa do instituto, o número estimado de habitantes é de 4.067 pessoas.

Uma das moradoras mais antigas do município, a aposentada Rita Neves de Assis, relata que, há sete décadas, Assunção era quase

inabitada. “Vim morar aqui quando casei, há 70 anos, e, naquele tempo, a cidade só tinha duas ou três casas”, lembra a idosa de 90 anos, nora de Pio Salvador, um dos fundadores da cidade.

Ela conta que o marido, hoje com 94 anos, foi proprietário de uma das duas mercearias que existiram em Assunção, mas acabou abandonando o comércio e se dedicando à agricultura. Hoje, segundo ela, um dos dez filhos do casal assumiu os negócios da família.

Para a idosa, que acompanhou o processo de urbanização da cidade, a evolução é positiva, mas também trouxe problemas. “Tem muito jovem com maus costumes. Naquele tempo, não era assim. Eu acho que isso tem a ver com esse crescimento do município”, constatou.

Joelson Fernandes da Silva, mais conhecido por Ninão, é o homem mais alto do Brasil e, atualmente, o morador mais famoso da cidade. Ele tem 2,37 metros de altura e é um dos filhos ilustres do município de Assunção. Além dele, outros nomes fizeram história na cidade, a exemplo de Júlia Borges Ferreira, professora e religiosa da Igreja Católica.

Francisco Balduino Guedes também se destacou, em Assunção. Foi ele o doador das terras, onde se construiu a cidade. João Evangelista Correia, ex-funcionário público dos Correios, se tornou o primeiro vice-prefeito do município.

Camila Martins foi a primeira professora do município. Acácio Vieira de Andrade era agricultor e atuou como vereador na primeira legislatura do município. Já Balduino Balbino dos Santos exerceu o cargo de vereador e comerciante. José Pedro Diniz era comerciante e foi um dos fundadores

■ Antes, a região fazia parte das sesmarias dos Oliveira Ledo, que desbravaram o Cariri e o Sertão do estado



ção, distante 206 km de João Pessoa, ocupa uma área de 132 km² e apresenta alguns pontos turísticos de destaque. Mesmo com o clima desfavorável, suas riquezas naturais chamam a atenção. Um dos principais atrativos turísticos é a Serra da Samambaia, o ponto mais alto da cidade, com sua bela paisagem. A Samambaia é rodeada de matas e tem caminhos ainda desconhecidos.

Apesar do crescimento urbano, Assunção ainda mantém diversas paisagens rurais e urbanas, entre elas, a Serra da Grota. Trata-se de uma mata praticamente intocada pelo homem e pronta para ser explorada. De acordo com a Prefeitura da cidade, nas cheias, o local exibe uma linda cachoeira que também costuma atrair muitos turistas.

Monumentos

Na zona urbana, há três monumentos em forma de praças e edificações majestosas que encantam transeuntes, pessoas da cidade e visitantes. São as praças José Pedro Diniz, Atemisto Vieira e Pio Salvador de Maria. Há ainda as ruínas da antiga estação ferroviária e do centro histórico, além do Centro Municipal de Artesanato.

O prefeito Luiz Waldvogel enfatizou que o município possui atividade econômica na mineração, com destaque para a extração do caulim, empregando várias famílias. Tem ainda potencial na agricultura, com a produção de caju, pinha e manga. Um dos pontos fortes é a criação de gado. Na atividade comercial, conta com restaurantes, bares, mercadinhos, pousada. Junto com a agricultura familiar, o comércio se configura como fonte importante de sobrevivência.



Situada numa das regiões mais secas da Paraíba, Assunção apresenta alguns pontos turísticos



Na zona urbana, o Centro Municipal de Artesanato é um dos monumentos em forma de praça



Na disputa, 18 quadrilhas são distribuídas em dois grupos, sendo 10 do grupo especial e oito do grupo de acesso; as cinco melhores classificadas vão representar a capital na etapa estadual

Foto: Funjope/Divulgação

Festival de Quadrilhas começa hoje em João Pessoa

Vigésima sexta edição acontecerá no pavilhão montado nos arredores do Estádio Almeidão, no bairro do Cristo

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Atenção! Damas e cavaleiros procurem seus pares. É chegado o momento do ano para se dançar quadrilha. Para muitos, uma grande brincadeira que nem precisa de ensaio. Mas para os grupos tradicionais de João Pessoa, essa é uma disputa que exige muito trabalho e vale dinheiro para se ter a honra de se tornar uma quadrilha campeã. Esse é o clima que pode ser acompanhado a partir de hoje no 26º Festival de Quadrilhas Juninas, realizado pela Liga das Quadrilhas com apoio da Prefeitura de João Pessoa e que acontece gratuitamente no estacionamento do Estádio Almeidão, no Cristo Redentor. Com shows musicais todas as noites, a programação segue até a quinta-feira (16), sempre a partir das 19h.

As quadrilhas estão intimamente ligadas às suas comunidades e se localizam em bairros tradicionais e populares da capital paraibana, valorizando os talentos e as performances artísticas de seus integrantes. Só no grupo principal, elas representam os moradores de Mandacaru, Mangabeira, Cristo Redentor, Jardim Treze de Maio, Roger, Cruz das Armas e José Américo, em uma história que segue sendo repassada por gerações. Em cada uma das agremiações, existe uma verdadeira legião de quadrilheiros apaixonados dispostos a realizar uma entrega total à bandeira que defendem. São músicos, coreógrafos, dançarinos, costureiros, e uma equipe que chega a reunir até 140 pessoas, entre profissionais e amadores dedicados a entregar um espetáculo no pavilhão.

A programação de hoje vai contar com uma abertura dos músicos Osmídio Neto e Felipe Alcântara. Em seguida, vai ser realizado o primeiro Concurso de Rainhas, Casais de Noivos, Rainhas da Diversidade e Casais Juninos. E, amanhã, a principal disputa tem início com 18 quadrilhas concorrentes distribuídas em dois grupos, sendo 10 do grupo especial e oito do grupo de acesso. As que estão na primeira divisão receberam da Funjope um auxílio de R\$ 20 mil e disputam uma premiação que vai dar à primeira colocada o valor de R\$ 8 mil, R\$ 6 mil para a segunda e R\$ 4 mil para a terceira. As cinco melhores classificadas ainda vão representar João Pessoa na etapa estadual da competição, que será realizada nos dias 18, 19 e 20, em Santa Rita. Já as três quadrilhas com piores notas serão rebaixadas, dando espaço às três melhores da segunda divisão, que levam R\$ 5 mil, R\$ 3 mil e R\$ 2 mil cada, respectivamente.

Devido às indefinições causadas pela pandemia, esse ano os integrantes tiveram pouco tempo para desenvolver seus enredos e os detalhes de cada apresentação. Para montar o espetáculo de cerca de 40 minutos para os jurados e para o público estimado em 4 mil pessoas por noite, as quadrilhas tiveram apenas três meses de produção, ao contrário do dobro desse tempo que costumam levar para concluir os trabalhos com toda dedicação e esmero que dedicam ao ofício da dança folclórica. “O que mexe com o sentimento de cada um dos integrantes é ter passado dois anos sem ter a festividade junina. Eles passaram muito tempo parados e perderam muitos companheiros e companheiras”, ressalta Edson Pessoa, presidente da Liga das Quadrilhas de João Pessoa.

Para ele, a experiência desses grupos, aliado com o desejo de retornar às celebrações aos santos católicos do mês de junho, devem suprir em grande parte a correria que foram esses últimos meses de ajustes e muitos ensaios. “Eles são muito profissionais em suas produções, e vão apresentar um espetáculo que, tenho certeza, será muito bonito, mas, em virtude do pouco tempo que tiveram, poderia ser ainda mais grandioso”, complementa Pessoa, ressaltando que a estrutura que está sendo montada para o festival deste ano é inédita na cidade.

Quem vem acompanhando semanalmente de perto essa prepara-

ção é o diretor executivo da Funjope, Marcus Alves, para quem as quadrilhas trazem a representação simbólica do melhor da tradição junina do Nordeste. “O Festival de Quadrilhas de João Pessoa está muito forte no sentido de fazer uma celebração da vida e da festa junina depois de todo esse tempo paralisado. Estamos fazendo um esforço grande de investimento e dedicação no sentido de viabilizarmos uma estrutura segura, que dê condições a todos que vão brincar as quadrilhas e disputar o festival, de mostrar com dignidade e tranquilidade a paixão que eles têm pelo folguedo junino”, destaca o gestor, que anuncia, além da estrutura

do pavilhão com duas arquibancadas com acessibilidade para cadeirantes, uma praça de alimentação para atender ao público.

Entre as atrações musicais anunciadas, estão o grupo Os Gonzagas e Felipe Santos, amanhã. Já na terça-feira (14), será a vez da Banda Torpedo e Vinícius Mendes subirem ao palco. Alberto Bakana e Os 3 do Nordeste terão a responsabilidade de colocar a plateia para dançar forró na quarta-feira (15), véspera do feriado. Na quinta-feira (16), Dia de Corpus Christi, o festival será encerrado com apresentações de Demétrio Elitizado e James Sousa.

Programação

FESTIVAL DE QUADRILHAS – ESTACIONAMENTO DO ESTÁDIO ALMEIDÃO – 19H

■ **Abertura** – Osmídio Neto e Felipe Alcântara
Os Gonzagas e Felipe Santos
Banda Torpedo e Vinícius Mendes
Alberto Bakana e Os 3 do Nordeste
Demétrio Elitizado e James Sousa

QUADRILHAS JUNINAS

Primeiro Concurso de Rainhas, Casais de Noivos, Rainhas da Diversidade e Casais Juninos

■ **Grupo A**
Flor do Mandacaru, Tiko Mia, Zé Monteiro, Sacode Poeira, Paraíba Botijinha, Só Risos, Fogueirinha, Sanfona Branca, Lageiro Seco

■ **Grupo B**
Babado de Xita, Linda Flor do Sertão, Ubando, Lampião Xamego Caipira, Aconchego, Pindura Saia, Manguê Seco

SÃO JOÃO – PARQUE SÓLON DE LUCENA (LAGOA) – 19H

■ **Abertura** – Elba Ramalho, Ranniery Gomes, Banda Encantus e Swing Nordestino
Bell Marques, Luka Bass, Berinho Lima e Forró Caçua
Matheus Fernandes, Brasas do Forró, João Lima e Os Filhos do Forró
Nando Cordel, Mara Pavanelly, Israel Muniz e Fabrício Rodrigues

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A ilusão flamenguista

Paulo Sousa é o quarto técnico contratado e demitido pelo Flamengo depois da era Jorge Jesus. Afirmando com convicção que é o pior deles. O técnico português conseguiu destruir um time vitorioso, cheio de excelentes jogadores.

Antes de sua contratação pelo rubro-negro, Paulo Sousa era um desconhecido. O seu currículo não justificava a contratação para o maior clube brasileiro. Um treinador que não tinha vencido nenhum campeonato importante e que acumulava trabalhos de medianos para ruínas.

O sucesso de Jorge Jesus em 2019 fez com que a diretoria do Flamengo colocasse como prioridade a contratação de técnicos europeus.

Em certa medida a busca por treinadores europeus tem como pano de fundo o vira-latismo nacional. A diretoria do Flamengo apostou na ideia de que qualquer treinador europeu chegaria ao Brasil com vantagem em relação aos nossos profissionais.

Eles viriam, supostamente, com mais conhecimentos táticos e com os mais modernos métodos de preparação de atletas.

Mas a realidade costuma ser implacável com idealizações pueris. Existem bons e maus técnicos em todos os lugares do mundo. A Europa não seria uma exceção.

Os dirigentes do Flamengo se tornaram especialistas em contratar os piores. O primeiro fracasso foi o de Domec Torrent, treinador catalão que tinha como ponto alto de seu currículo o de ter sido auxiliar de Pepe Guardiola.

As ilusões sobre Torrent foram caindo grão a grão, com o baixo desempenho do time. O certo é que nenhum outro treinador chegou perto do que Jorge Jesus fez em números de vitórias e títulos.

Os técnicos estrangeiros foram sendo contratados mais pela imagem positiva que os europeus possuem do que necessariamente por suas competências individuais e retrospecto vitorioso.

Paulo Sousa chegou como se fosse um grande conhecedor tático, um estudioso. O que se viu como tônica foi a irregularidade. Um time desequilibrado, sem organização tática, pouco compacto e sem capacidade

de definição dos jogos. Sousa transformou o Flamengo, que antes era um dos melhores times da América, em uma equipe medíocre. Incapaz de vencer os jogos minimamente mais disputados.

Aos poucos a confiança em Paulo Sousa foi diminuindo, até atingir o rés-do-chão. Sua demissão foi anunciada após a derrota contra o Braganantino, que não vencia há nove jogos.

Alguns torcedores rubro-negros estão incrédulos com o que estão assistindo. O Flamengo vem acumulando recordes de faturamento, possui a maior folha salarial do país e jogadores renomados.

Mas entre a realidade e a expectativa existe uma distância real e ontológica. Na história recente do clube, ninguém em sã consciência imaginaria que o Flamengo corresse risco de ser rebaixado.

Será que o Flamengo protagonizará o maior vexame esportivo de sua história sendo rebaixado para a série B? Ou a troca de treinador irá preparar uma virada de roteiro que levará o rubro-negro à conquista da principal taça de 2022?

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

'Azul Turquesa',
30 anos depois

Não tenho guardado todos os textos que escrevi publicados em *A União*, nos jornais *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *O Momento*. Tem uns que perdi e gostaria de tê-los para rir ou chorar. Sei que o primeiro texto, publicado em 1977, foi no jornal *O Norte* e falava das *Acácias*.

A escritora Ângela Bezerra está selecionando textos que falam de seu trabalho, sua escrita, sua pessoa, valiosa pessoa, que foram publicados durante décadas nos jornais e vai reunir tudo num livro.

Há 30 anos, exatamente em dezembro de 1992, publiquei na *Página Opinião*, do *Correio da Paraíba*, um texto sobre ela: *Azul Turquesa*, que estará inserido no livro. Eu nem lembrava que tinha escrito esse texto. É tão bonito!

Nesse texto, revelador, apaixonado, há o mais intenso de um poema, que se torna signo da minha prosa – os olhos azuis de Ângela, sua beleza, sua solidão ao atingir essa intensidade, que é a forma de uma mulher, que está chegando aos 80 anos, com os olhos quase lábios azulados, porque olhos falam mais do que os lábios dizem.

Minha manifestação quer brincar com Ângela, quer esculpir sentimentos. Ângela é azul e há muito azul em torno dela: azul-claro, azul celeste, azul marinho, azul piscina.

O que escrevi há 30 anos, tinha, teve e terá a aproximação desse acontecimento, no seu ritmo que nunca foi interrompido, o já sentido e amado. Por isso, a leitura de um texto é um momento de extrema transcendência, de quem lê, de quem sobrevive ao tempo do texto.

Azul Turquesa não tem nada construído na ligeireza, nada de jogo, em que a ânsia da vida, é o recomeço ou o seu fim. Minha definição sobre Ângela tem a singularidade da época e não está aí para ser guardada, está no ritmo do presente, um presente que Ângela me enviou a cópia pelo WhatsApp e que será eternizado no seu livro.

Talvez eu não consiga reescrever *Azul Turquesa*, ao assumir o retorno da performance do meu conceito de 1992, quando eu já era um velho. Aliás, no que implicaria a sobreposição de um gesto meu ao olhar turquesa de uma mulher chamada Ângela Bezerra?

O apagamento das máscaras dessa imperturbável pandemia há de nos salvar pela troca de olhares, olhares antigos, íntimos, mais ou menos arrebatadores.

Chamo-lhe de mulher turquesa, pelo olhar prolongado, pela verdade do que digo, pelo amor de menino: palavras que não são poemas, mas se tornam nobres, por isso mais aptas a serem partilhadas na sua composição.

Ângela para sempre, na condição de dizer sim ao dom que Deus lhe deu.

Um texto que lhe é dado sem nada pedir – nem que eu mude, nem sequer que eu aprenda mais e não aprendo nada – e isso já transporta ao êxtase, um impulso da libertação das palavras, o que poucos conseguem.

Ângela desenhada, como um poema de amor de Drummond, Ângela que eu celebro há anos luz turquesa. É desse encanto que nela se torna inseparável sua presença em minha vida.

Por isso, além disso, *Azul Turquesa* não tem pressa, sequer do tempo, que não espera por nós, esse tempo, da qual a palavra, seduz a quem lê e desloca o olhar, o olhar turquesa de Ângela Bezerra.

Kapetadas

1 - Vou parar de adiar as coisas. Amanhã começo.

2 - Seguidamente os saciados debatem a fome; já os famintos, se debatem.

3 - Som na caixa: "Súbito / Eu vejo em minha / rente / Ângela / Misteriosamente / Ângela / Enquanto nos surpreende o amor", Tom Jobim.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

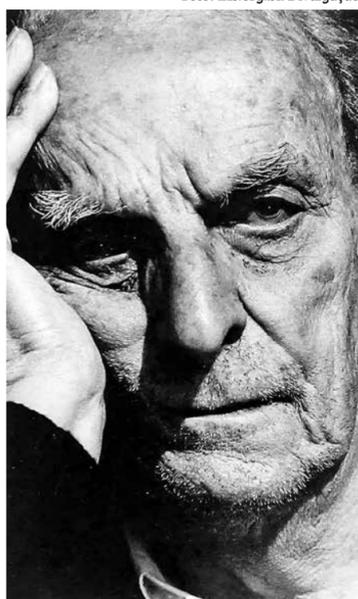
klebmaux@gmail.com | colaborador

Onicracia contra a sedução maldade

Alguns indivíduos adoecidos necessitam mentir e causar o mal para impor um sentido de existência, de controle e de superioridade. Essa patologia é constituída da necessidade de impor o domínio absoluto sobre o outro, mesmo que seja para eliminar esse outro. Observa-se nessa perversidade que causar a maldade é afirmar uma falsa superioridade do bem, que se caracteriza por ser uma fonte de excitação, e da compulsiva carência por um princípio de ordem. Isso explica a doentia exigência de impor a sua destrutiva força e cruel permanência.

Os sistemas democráticos existem para impedir a governabilidade da maldade, porque há uma perversidade nos sistemas de organização social que transforma – a maldade – em ódio coletivo, e manifesta-se em nome da pátria e de Deus. A patologia dessa crueldade se projeta em uma perversidade contra o outro e estimula a incapacidade de sensibilizar-se diante da miséria humana. Esse estranhamento é criado por hábitos políticos através de uma desumanização que gera todo tipo de injustiças. Entre essas, o desprezo – está cada vez mais incorporado nos pensamentos e nos comportamentos de muitos cidadãos que apresentam falhas psíquicas, geralmente são os psicopatas. Diante de tanta violência nos dias atuais, observa-se a incapacidade de sensibilizar-se diante da escassez do outro. Isso gera a invisibilidade da dignidade humana e, a partir disso, surgem as mais temíveis violências contra cidadãos.

A incapacidade de conquistar a liberdade e a própria saúde mental estão gerando novas doenças. E, de forma cruel, alguns cidadãos se adaptam às péssimas condições de vida, a fim de conquistar seus interesses perversos através de uma "falsa bondade"; também, em criar um falso conceito de deus com a finalidade de satisfazer a si mesmo. Nesse contexto, existe a necessidade de sublimar as próprias "falhas existenciais e psíquicas"; e de manter o desprezo ao que é útil a todos. Diante disso, de forma criminosa, o "poder econômico" influencia o "poder político" para eliminar o bem-estar social, porque se torna uma força repressiva que está pro-



Norberto Bobbio foi estudioso da onicracia

tegida por uma política de Estado para satisfazer a distribuição das riquezas entre grupos religiosos, de forças de segurança e de empresas. Nessa brutalidade, a violência está incorporada em uma ideologia seletiva, isto é, tornar inúteis e invisíveis uma grande quantidade de cidadãos. Esse sistema político – que nega ao cidadão o direito à vida – conduz os cidadãos a se tornarem estranhos a si mesmo e de existirem fragmentados nas próprias forças de trabalhos, também de perderem suas culturas e identidades enquanto cidadãos. Esses estranhamentos são explicáveis a partir de um poder mistificador que é usado para alienar as massas; e, também, é usado para estrangular as legítimas manifestações culturais dos cidadãos e das instituições.

A "pressão pública" é necessária para a sobrevivência da harmonia social, e, também, para preservar toda dignidade do cidadão e das instituições. A partir do princípio da "onicracia", isto é, do "governo de todos", deve-se eliminar os sistemas autocrático e/ou autoritário. Sabe-se que não tem como recuperar a vida humana se não há tempo diante dos desastres com a saúde pública, nem com as falhas de mercado e nem com a má saúde socioeconômica. A má saúde financeira – do cidadão e das empresas – exige uma nova ordem para a "econo-

mia social de mercado", entretanto, a vida tem que ser preservada, porque o cidadão é o maior valor e patrimônio de qualquer sociedade. É através da força de trabalho do cidadão que nasce a o empreendedorismo social para fortalecer a economia criativa e a riqueza de um país, e o Estado democrático precisa manter a ordem para preservar a paz social e a harmonia entre os poderes de Estado.

Concluo com este poema *Acordai*, do poeta português José Gomes Ferreira (1900-1985):

Acordai! / Acordai, homens que dormis / A embalar a dor / Dos silêncios vis! / Vinde, no clamor / Das almas viris, / Arrancar a flor / Que dorme na raiz! // Acordai! // Acordai, raios e tu-fões / Que dormis no ar / E nas multidões! / Vinde incendiar / De astros e canções / As pedras e o mar, / O mundo e os corações... // Acordai! // Acendei, de almas e de sóis, / Este mar sem cais, / Nem luz de faróis! / E acordai, depois / Das lutas finais, / Os nossos heróis / Que dormem nos covais. // Acordai!

Sinta-se convidado à audição do 372º Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Nesta audição irei apresentar o violoncelista catalão Pau Casals I Defiló (1876-1973). Através de sua arte, construiu a paz entre as nações. Suas contribuições representam a vitória da democracia contra os regimes autoritários para salvar a dignidade humana. Seu nome é imortalizado em concursos internacionais e em festivais internacionais de música erudita.

Pablo foi um defensor do governo republicano espanhol e depois de sua derrota ideológica saiu da Espanha, e no exílio, sempre usava o seu violoncelo para denunciar a loucura do autoritarismo político. Voltou para a Espanha para construir a restauração da democracia. No início da década de 1960, recebeu os mais relevantes prêmios. Em 1963, recebeu dos Estados Unidos a medalha presidencial da liberdade; em 1971, aos 93 anos, realizou uma apresentação nas nações unidas. Naquele evento, recebeu a medalha de paz das Nações Unidas, e foi condecorado por construir a paz e pela sua vitória contra os regimes políticos autoritários.



Escritora e professora Ângela Bezerra com seu gato, Leãozinho

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Almodóvar e o uso do “diálogo mudo” como narrativa

Tomando-se como referência um dos cineastas verborreicos do cinema, contudo, importante da cinematografia mundial, Woody Allen, e assistindo-se ao “fantástico” de Pedro Almodóvar – sobretudo a um de seus últimos filmes, *Julieta*, que revi esta semana pelo *streaming* –, nota-se a grande diferença de linguagens entre um e outro diretor.

O cineasta espanhol, normalmente constrói seus personagens em cena utilizando um discurso narrativo bem diferenciado, que seria uma espécie de “diálogo mudo”. Ou, tendo por opção o silêncio em cena, como “monólogo” elucidativo de narração. Daí, atribuir-se ao cineasta uma postura misteriosa, mas também de fama internacional.

Não apenas Almodóvar, mas alguns diretores europeus que conheço, em seus filmes busca-se um sentido narrativo deveras especial, explicativo, para o silêncio. Que, no meu entendimento, seria o respeito às origens do próprio cinema, enquanto só imagem de luz e sombras. O que não dizer de Ingmar Bergman, de Visconti, de Truffaut, para não citar sobretudo Godard, entre os mais introspectivos?

Seguindo essa escola, não foi difícil situar-me nessa opção de discurso, enquanto fórmula narrativa, que tenho buscado e usado – aguçando o gesto ou meramente a expressão facial através do simples olhar – advinda de uma preferência do cinema europeu. Em não sendo assim, como seria inclusi-



Foto: Divulgação
 Atrizes Emma Suárez (E) e Adriana Ugarte (D) fazem o mesmo papel em *Julieta*

ve o entendimento sobre *Anne Margot* e seu discurso narrativo? Essa é também uma opinião do nosso parceiro de academia Manoel Jaime Xavier.

Vendo-se, por exemplo, alguns de nossos trabalhos, *Antomarchi* (2010) e *Américo – Falcão Peregrino* (2015), ambos realizados em média-metragem, principalmente o primeiro, houve de se notar uma quase inexistência de falas e diálogos. Não que isso fosse usado em detrimento ao sentido de cada cena e personagem, mas porque a simples fala seria desnecessária, para explicar o óbvio, além das imagens e atuações então mostradas.

Em verdade, é notória a complexidade do personagem Antomarchi. Uma história que reescrevi, a partir de dois contos de Mirabeau e sua esposa, e que narra sobre uma intrigante figura do cotidiano pessoense, que passa as três gerações de uma mesma

família, entre os anos 40 e 60 do século passado, e de uma urbe que houve de se transformar, obviamente, durante todo esse tempo. Dispensar trejeitos convencionais narrativos, como os diálogos de forma teatral e cansativa, impondo-se a força necessária de uma imagem cenográfica da cidade e dos atores nessa paisagem, a rigor, foi a proposta de *Antomarchi*.

Contudo, a fala e os diálogos no cinema, no início da arte-do-filme tão contestados, inclusive por Chaplin, de quando em vez são necessários. Isso, quando a imagem não se explica de todo, deixando-a vaga às indagações do próprio espectador. Sou pelo cinema reflexivo, sobretudo; e nem teria como justificativa aquela versada máxima de que “uma imagem vale mais que mil palavras...” – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o site: www.alexasantos.com.br.



Diretoria da APC discutirá novas ações

A Academia Paraibana de Cinema reuniu sua diretoria na quarta-feira passada, dia 8, informalmente, para retomar alguns assuntos relacionados à administração da entidade. Um dos temas em pauta foi a da convocação de uma Assembleia Geral, com data a ser ainda confirmada, mas que deverá acontecer entre as primeiras duas semanas de julho próximo.

Participaram da reunião, que aconteceu no Cine Mirabeau, a presidente da APC, Zezita Matos, o vice, João de Lima, o acadêmico Carlos Trigueiro e os membros do conselho, Alex Santos, Manoel Jaime e Mirabeau Dias.

EM cartaz

ESTREIA

AMOR DE REDENÇÃO (Redeeming Love. EUA. Dir: D.J. Caruso. Drama. 16 anos). No século 19, na Califórnia, a jovem Angel (Abigail Cowen) não sabe o que esperar dos homens além de traição e violência. Na infância, ela foi vendida à prostituição e cresceu sem conhecer os conceitos de amor, respeito e consentimento. Ao conhecer Michael (Tom Lewis), ela descobrirá o valor de um verdadeiro amor. Baseado no romance homônimo de Francine Rivers. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 21h.

ASSASSINO SEM RASTRO (Memory. EUA. Dir: Martin Campbell. Ação e Thriller. 16 anos). Alex Lewis (Liam Neeson) é um assassino experiente na mira do FBI. Quando Alex se recusa a concluir um trabalho para uma organização criminosa, entra em uma missão eletrizante para caçar e matar as pessoas que o contrataram antes que eles ou o agente do FBI Vincent Serra (Guy Pearce) o encontrem primeiro. Em meio a tudo isso, a memória de Alex começa a vacilar e ele é forçado a questionar todas as suas ações, e, acima de tudo, em quem ela confia. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h15 (dub.) - 19h (dub.) - 21h45 (leg.).

ATÉ A MORTE - SOBREVIVER É A MELHOR VINGANÇA (Till Death. EUA. Dir: S.K. Dale. Suspense. 16 anos). Uma mulher (Megan Fox) é deixada algemada a seu marido morto como parte de uma trama de vingança. Incapaz de se libertar, ela tem que sobreviver quando dois assassinos chegam na casa isolada. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 18h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45.

A HORA DO DESESPERO (The Desperate Hour. EUA. Dir: Phillip Noyce. Thriller e Suspense. 14 anos). Uma mãe recentemente viúva, Amy Carr (Naomi Watts), está fazen-

do o possível para restaurar a normalidade na vida de sua filha e de seu filho adolescente em sua pequena cidade do interior. Enquanto ela está fazendo sua corrida matinal na floresta, ela encontra sua cidade no caos quando um tiroteio ocorre na escola de seu filho. A quilômetros de distância, a pé na floresta densa, Amy corre desesperadamente contra o tempo para salvar seu filho. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 16h (dub.) - 20h15 (leg.) - 22h15 (leg.).

CONTINUAÇÃO

DOCTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA LOUCURA (Doctor Strange in the Multiverse of Madness. EUA. Dir: Sam Raimi. Aventura. 14 anos). Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) vai para uma jornada rumo ao desconhecido. Além de receber ajuda de novos aliados místicos e outros já conhecidos (como a Wanda, interpretada pela Elizabeth Olsen), o mago da Marvel atravessa as realidades alternativas perigosas dos diversos universos para enfrentar um misterioso adversário. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 (exceto seg.) - 19h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h15 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h15.

JURASSIC WORD: DOMÍNIO (EUA. Dir: Colin Trevorrow. Aventura. 12 anos). Quatro anos após a destruição da Ilha Nublar, os dinossauros agora vivem ao lado de humanos em todo o mundo. Contudo, nem todos répteis conseguem viver em harmonia com a espécie humana, trazendo problemas graves. Esse frágil equilíbrio remodelará o futuro e determinará, de uma vez por todas, se os seres humanos continuarão sendo os principais predadores em um planeta que agora compartilham com as criaturas mais temi-

veis da história em uma nova era. Os ex-funcionários do parque dos dinossauros, Claire (Bryce Dallas Howard) e Owen (Chris Pratt) se envolvem nessa problemática e buscam uma solução, contando com a ajuda dos cientistas experientes em dinossauros. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 18h; CENTERPLEX MAG 4: 15h45 (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h30 (dub.) - 16h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 14h30 - 17h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 14h - 17h15 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 15h - 18h15 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 15h30 (dub.) - 18h45 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 15h30 - 18h45 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h - 17h15 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 13h30 - 16h45 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6: 14h35 (dub.) - 17h25 (leg., 3D) - 20h15 (dub.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 17h40 - 20h30 (3D); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h20 - 17h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 15h25.

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir: Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como um dos maiores pilotos de caça, Pete “Maverick” Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa, se recusando a subir de patente. Enquanto ele treina um grupo de pilotos em formação para uma missão especial que nenhum “Top Gun” jamais participou. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 20h; CENTERPLEX MAG 3: 15h (dub.) - 17h45 (leg.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h15 - 17h - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h45 - 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h15 (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 15h15 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h15 - 20h45.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Sertão e leitura

Tenho o *Ulisses*, de James Joyce, nas três traduções para o português do Brasil. A de Antônio Houaiss, a de Bernardina Silveira e a de Caetano Galindo. Deste, inclusive, também possuo um pequeno e utilíssimo manual introdutório ao famoso romance do genial irlandês, intitulado *Uma visita guiada ao Ulisses de James Joyce*, de 2016, em edição da Companhia das Letras.

Não foram poucas as vezes que comecei a ler esse grande romance, mas, a bem da verdade, esbarro aqui e ali, num trecho qualquer e desisto. O tédio, a dificuldade, o desconforto diante de certas passagens parecem me afastar, não digo definitivamente, pois detesto certezas e atitudes ditas definitivas, desse desafio monumental.

O problema é que sempre fecho o volume e o recolo em seu lugar na estante. Houve um tempo em que sofria muito com isto. Hoje, nem ligo mais. Seguindo o exemplo de Montaigne, se o livro não me agrada, não sinto o menor constrangimento em deixá-lo de lado. Quem sabe, um dia desses, consiga devassá-lo por inteiro com aquele inadiável prazer que a boa leitura nos proporciona.

Em compensação, já li os sete volumes de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, nas traduções de Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira, em edição da Globo, numa leitura lenta, refletida e compassada, ao mesmo tempo prazerosa e inquietante.

Aliás, sempre que quero, e quero quase sempre, estou voltando às suas páginas para rever passagens grifadas ou sublinhar as novas que me comovem ou me perturbam. Proust, como Dostoiévski, Kafka, Herman Hesse, Thomas Mann e Felipe Roth, entre outros, tem me ensinado a lidar melhor com o mistério da vida e com o imponderável da condição humana.

Acredito que tais escritores exigem leitura permanente, uma convivência íntima e especial. Seus temas, seus personagens, suas ideias, situações e conflitos existenciais como que integram o tecido de minha subjetividade, ajudando-me, talvez, a compreender melhor os enredos incontornáveis que envolvem os dilemas entre bem e mal.

Não faz muito tempo, venho lendo simultaneamente os três *Sertões*, isto é, o de Euclides da Cunha, o de Guimarães Rosa e o de Ariano Suassuna. Eu não faço uma leitura linear como aquela que fiz de cada um deles quando os li devorado pelo êxtase da primeira vez.

Minha leitura agora é partida, fragmentada, circular... Abro *Os sertões*, de Euclides e leio um ou outro capítulo, em geral de “A terra”, a parte que mais me atrai e mais me impressiona. Vejo, nela, uma grande personagem dramática, tão dramática como as personagens de “O homem” e da “Guerra”, ou como o trágico destino do próprio Antônio Conselheiro.

Depois me pego num trecho qualquer do *Grande Sertão: Veredas*, ou num dos capítulos-folheto de *A Pedra do Reino*, e sinto a diversidade do Sertão enquanto região geográfica e símbolo literário.

O Sertão, de Euclides, é seco, solar e físico. O Sertão de Guimarães Rosa é úmido, verde e metafísico. O Sertão de Ariano Suassuna é pardo, pedregoso e mítico. São diferentes, portanto, porém, alguma coisa os irmana e os identifica. Quero crer que seja a sua presença mágica e concreta na configuração do contexto narrativo e na estranha psicologia dos personagens.

Não posso pensar o Conselheiro, João Abade e tantos outros que habitaram as margens do Vaza-barris, sem o Sertão, sua paisagem e sua história. Não posso imaginar Riobaldo e Diadorim, sem o Sertão, seus ritos e arquétipos, assim como sem o Sertão, seus assombros e mitografia, não posso vislumbrar o drama de Quaderna, Clemente e Samuel.

Refiro estas obras da literatura brasileira, como fiz referência a *Em busca do tempo perdido*, para deixar bem claro que não é o tamanho do exemplar, o número de páginas nem a complexidade temática do livro que me são obstáculos intransponíveis.

Há qualquer coisa de inexplicável na experiência da leitura. Certa inaptidão, certo desencontro, certa incapacidade. Isto talvez explique por que sempre abandono o *Ulisses* e sempre faço a viagem de volta aos Sertões.

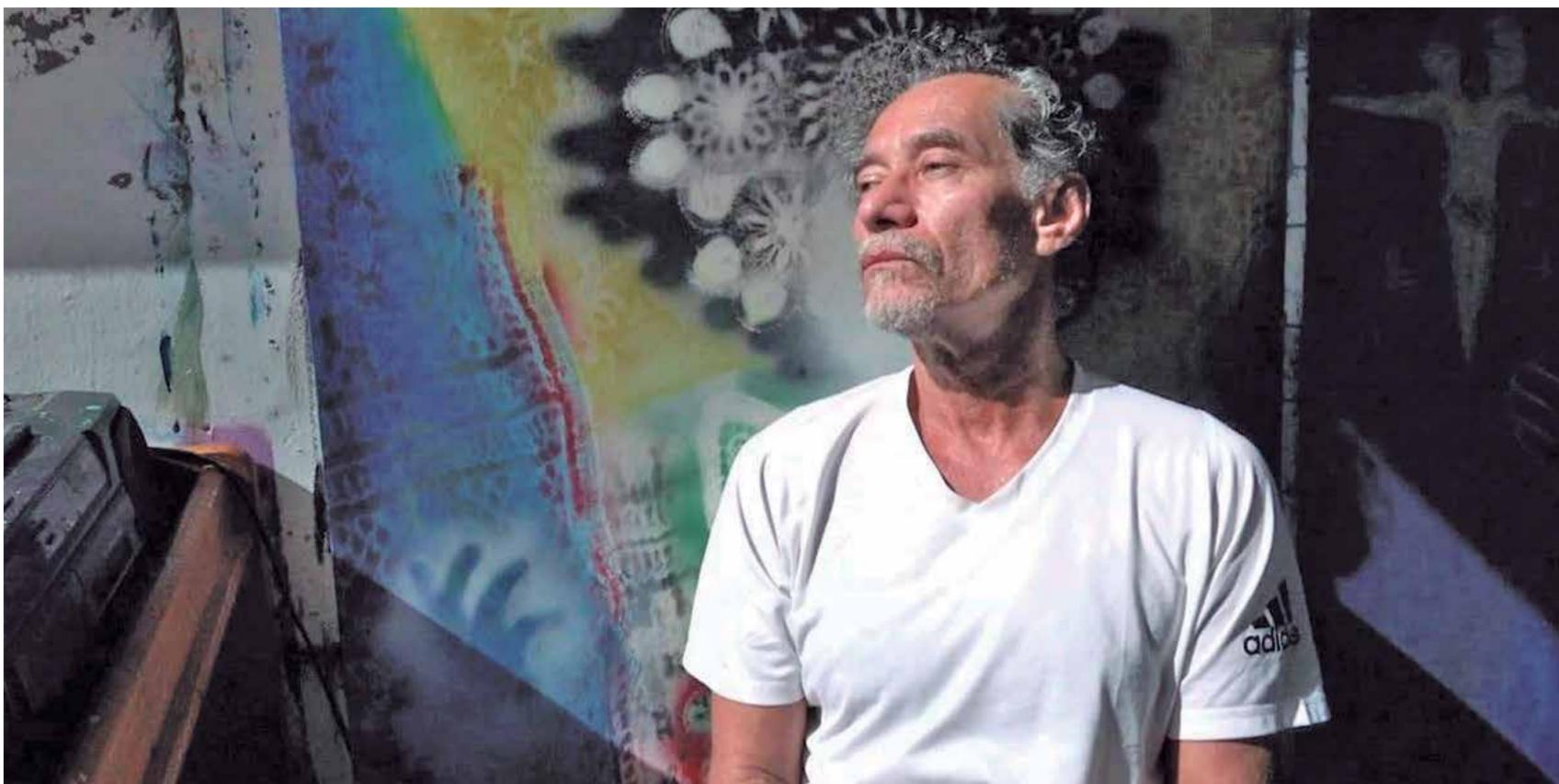


Foto: Divulgação

Diaz apresentará o filme que marca sua estreia na direção, 'Diário dentro da Noite', um "diário pessoal e artístico da pandemia" que dialoga tematicamente com o projeto 'Limites'

'LIMITES'

Projeto discute cinema e pandemia

Amanhã, no campus da UFPB, em João Pessoa, mesa redonda terá a participação remota do ator e diretor Chico Diaz

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Filme de estreia do ator Chico Diaz como diretor, o documentário *Diário dentro da Noite* (2021) será exibido amanhã, a partir das 10h, no Auditório 412 do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, em evento com acesso gratuito ao público organizado pela equipe do projeto 'Limites' e promovido com apoio da Lei Aldir Blanc, através do Edital Parrá da Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB).

A projeção do longa vai ser presencial. Em seguida, dentro da programação, às 11h30, haverá mesa-redonda para discutir o tema "Nos limites da pandemia: narrativa e linguagem entre o documentário e a ficção", com as participações do próprio cineasta Chico Diaz (virtualmente), do professor e pesquisador Aécio Amaral, diretor do projeto 'Limites', e da artista, atriz e pesquisadora Natália Sá, com mediação do cineasta, professor e pesquisador da UFPB, Bertrand Lira. Esse debate terá transmissão em tempo real, pelo perfil do projeto no Instagram.

"Chico Diaz vai falar sobre o seu filme e como foi o processo criativo de sua produção, que é o que mais nos interessa, e como foi essa experiência do cineasta durante as filmagens, feitas durante o período mais crítico da pandemia da Covid-19", disse Aécio Amaral. "Escolhi esse filme para exibição no evento porque não só documenta uma personagem vivendo na pandemia, mas também é um filme feito na pandemia. Ou seja, a própria pandemia é a base do filme, não só como tema, mas estratégia narrativa ou método".

Ao falar sobre a sinopse do filme de Diaz, que é mexicano, mas está radicado no Rio de Janeiro, o professor e pesquisador Aécio Amaral contou que narra a situação de um ator que está encenando uma peça baseada no romance *A Lua vem da Ásia*, lançado em 1956 pelo escritor mineiro Campos de Carvalho (1916-1998). "Chico Diaz combina com elementos da sua própria vida pessoal e a crise política e sanitária nacional", comentou ele. No longa, o protagonista está cercado por pinturas autorais por todo canto e é informado, através das janelas, da atmosfera política do país e suas reminiscências

personais e afetivas mesclam-se à reminiscências da interpretação da personagem no teatro. Enquanto o ator cerce os caminhos de uma autoralidade visceral, excertos do romance de Campos de Carvalho confundem-se com a crise político-sanitária brasileira.

"Chico Diaz está em turnê em Portugal, como protagonista da peça *Rei Lear*, de Shakespeare, uma encenação de João Garcia Miguel, que estreou em março, no Teatro Ibérico, em Lisboa", disse o pesquisador Aécio Amaral, que é diretor e roteirista da pesquisa audiovisual 'Limites' e professor de Sociologia das Artes do Departamento de Ciências Sociais no Campus I da UFPB, onde coordena o Grupo de Estudos em Estética, Técnica e Sociedade (Gets), justificando a participação do ator e diretor de forma virtual. "O título do filme é *Diário dentro da Noite*. A palavra 'Noite' inicia com maiúscula, pois o diretor quer frisar que essa noite é, também, um tempo de trevas do ponto de vista político, não só a situação de pandemia".

Aécio Amaral informou que a exibição do filme e a mesa-redonda fazem parte da pesquisa estética e de linguagem audiovisual do 'Limites'. "O evento é a segunda contrapartida social do projeto no Edital Parrá da Lei Aldir Blanc da Secult Paraíba. A primeira contrapartida foi a oficina sobre o tema 'Nos limites da atuação: entre o relato e a ficção', ministrada nos dias 23, 25 e 28 de maio passado, no Espaço Cultural, em João Pessoa, por Ludmila Patriota, que é argumentista e roteirista do 'Limites', e Natália Sá, que é pesquisadora do projeto e faz doutorado na Faculdade de Arquitetura da USP, onde investiga a relação entre corpo e casa, tema de interesse para o projeto Limites. Além de Ludmila e Natália, a equipe do projeto também é

composta por mim e Gabriela Ar-ruda, a produtora executiva", elen-cou o professor.

Próxima etapa

O projeto é uma pesquisa audiovisual que vê, na pandemia, repertório para o documentário que tem título provisório de 'Limites', em sua relação com a ficção. Esta-

mos no final dessa pesquisa, para a qual coletamos relatos de pessoas sobre a experiência que viveram durante o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, que foram divulgados pelo Jornal *A União* e a Rádio Tabajara, que são parceiros, e enviados para as redes sociais do projeto", disse Aécio Amaral, que informou

que, no momento, está na fase de captação de recursos para realizar o documentário, ainda sem data prevista para lançamento.

Em abril passado, foram feitas entrevistas com transeuntes em três pontos da cidade de João Pessoa: a Lagoa do Parque Sólon de Lucena, o Ponto de Cem Réis e o Terminal Rodoviário.

FORRÓ FIANDO

Apresentação: Dado Belo

A FESTA MAIS AGUARDADA...

...E O FORROFIANDO!

De 01 a 30 de junho
Segunda a sexta
10h e 17h
O melhor do forró na 105.5 FM

85 anos Tabajara EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Através do QR Code acima, acesse o perfil no Instagram do projeto 'Limites'

REDUÇÃO DO ICMS

Cidadão poderá pagar até duas vezes

Professor da UFPB vê a possibilidade da Petrobras aumentar o valor dos combustíveis para ajustar preços

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Estratégia eleitoreira ou uma real dedicação em diminuir o preço do combustível do país? De um lado, o Governo Federal, com apoio do Congresso, tenta aprovar a Proposta de Lei Complementar (PLP) 18/22 que limita em 17% a arrecadação do ICMS nos estados sobre o combustível. Do outro, governadores protestam e anunciam uma tragédia fiscal no país, caso ocorra a redução no tributo. Segundo os gestores, vai faltar dinheiro para investimentos básicos em saúde, educação e segurança.

Mas a acusação dos governadores vai além. Bolsonaro estaria tentando “mudar o jogo” ou mesmo o alvo da insatisfação dos brasileiros nos altos preços do combustível, colocando culpa nos gestores estaduais. Será que o ICMS é o verdadeiro vilão que fez com que o preço médio da gasolina no Brasil chegasse a R\$ 7,22?

Segundo o economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lucas Milanez, é possível que o brasileiro pague duas vezes caso a PLP seja aprovada. Ele explica que a dimi-



Foto: Arquivo Pessoal

Lucas Milanez explica que preço dos combustíveis no país está atrelado ao mercado internacional

nuição poderá variar entre R\$ 0,50 a R\$ 1, dependendo do estado, caso a medida seja aprovada. No entanto, logo esse valor poderá ser compensado, já que o cobra-

do pela Petrobras está defasado em relação aos preços internacionais, entre R\$ 0,70 e R\$ 0,80. Ou seja, o preço do combustível poderá voltar a subir mesmo com a aprova-

ção do projeto de lei.

“O problema principal do combustível hoje no Brasil é que ele está atrelado ao mercado internacional, e nisso o Brasil não tem abso-

“

Com o PLP 18, poderá haver uma pseudo redução no preço do combustível

Lucas Milanez

lutamente nenhum controle. Com o PLP 18, poderá haver uma pseudo redução no preço do combustível, mas por causa dos preços internacionais, que tendem a subir, e no momento principalmente, vai ter reajuste e isso vai terminar eliminando parcialmente, se não completamente, a redução causada pelo ICMS”, explicou.

O que o especialista diz sobre dobrar o prejuízo do brasileiro é explicado nas consequências que a aprovação do projeto de lei poderá ter na administração pública. A redução na receita dos estados e municípios, gera uma menor disponibilidade de recursos para prestar serviços à sociedade. “Vai gerar

uma piora dos serviços públicos em saúde, educação e segurança pública. A gente está pagando muito caro para beneficiar uma minoria, esse é o maior absurdo que a gente possa imaginar para a sociedade”, alertou.

Lucas Milanez vai além na sua crítica. Ele acredita que a estratégia do Governo Federal realmente tem a intenção de transferir a culpa do preço dos combustíveis. “Essa medida que o Governo Federal, junto com o Congresso está tentando fazer, é jogar para os governadores um problema que não vai ser solucionado dessa forma. É a promessa de uma solução que vai gerar problemas aos governadores e não soluciona o problema principal”, comentou.

Para o economista, além de benefícios políticos para o governo Bolsonaro, os acionistas da Petrobras também poderão ganhar com isso. “A medida é fracassada, é uma medida péssima, de pessoas incompetentes, que não estão nem aí para o povo. Buscam, exclusivamente, os interesses dos acionistas da Petrobras, no caso dos interesses dos acionistas minoritários, porque o majoritário é o Estado e nós”.



Foto: Ortilio Antônio

Com redução do ICMS, a população deve sentir piora nos serviços públicos, como educação e saúde

PEC é para tentar acelerar processo

Na última segunda-feira, o presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que pode acelerar o processo de aprovação. A PEC prevê a diminuição dos impostos federais sobre combustíveis e uma compensação financeira para os estados que também reduzirem o ICMS sobre o setor.

O Ministério da Economia promete ainda ressarcir

com recursos da União os estados que aceitarem zerrar as alíquotas do ICMS sobre diesel e gás de cozinha até dezembro.

O recurso para esse ressarcimento viria da venda de uma estatal, a Eletrobrás, segundo anunciou o ministro da economia, Paulo Guedes.

No entanto, o economista Lucas Milanez avalia negativamente a decisão. “É

pior ainda, a proposta que estão pensando em fazer é de pegar o dinheiro da privatização de uma empresa muito importante e estratégica nacionalmente, para financiar esse rombo que podem fazer nos cofres públicos. Vão torrar o dinheiro da Eletrobrás em seis meses só para ver se elege essa equipe, essa estupidez que a gente tem hoje”, criticou o especialista.

Secretário da Famup explica uso do repasse do ICMS pelos municípios

A PLP define que combustíveis, assim como energia, transportes coletivos, gás natural e comunicações são bens essenciais e indispensáveis. Com isso, estados não podem cobrar alíquotas de ICMS acima 17%.

O ICMS incide sobre a circulação de mercadorias e sobre a prestação de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação. Constitui a mais importante fonte de arrecadação dos estados, que são obrigados a repassar 25% da arrecadação aos municípios.

Apenas na Paraíba, o secretário Estadual da Fazenda, Marivaldo Laureano, avalia que a perda será em R\$ 1,4 bilhão. “É um absurdo, irá quebrar os estados e municípios. A PEC não vai ressarcir em nada o prejuízo dos estados com o PLP 18. Isso vai trazer uma precariedade dos serviços prestados pelo Estado, no que se refere aos investimentos em saúde, educação, segu-

Perda
Bayeux e Cabedelo
estão entre os
municípios que
mais perderão
recursos

rança. E no que é repassado para os municípios”, ressaltou o secretário da Fazenda.

Com os municípios, o prejuízo não será muito diferente. O secretário executivo da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) e especialista em administração pública, Pedro Dantas, explicou que os municípios paraibanos utilizam o repasse do ICMS para pagar todas as suas contas.

“É impossível a gente não ter problemas. O ICMS hoje é

um recurso que os prefeitos utilizam para fazer muita coisa extra, para pagar contrapartidas de programas federais, de maquinário que são adquiridos através de emenda. O tributo é usado para pagar contas de água, energia, para fazer compras diretas em coisas que influenciam no dia a dia do município. Imaginem o prejuízo”, enfatizou Pedro Dantas.

Entre os municípios que mais perderão com a aprovação do Projeto de Lei Complementar (PLP) 18/2022 estão: Bayeux, com R\$ 4,5 milhões; Cabedelo, com R\$ 26,8 milhões; Campina Grande, com R\$ 42,9 milhões; Cajazeiras, com R\$ 3,2 milhões; Conde, com R\$ 5,4 milhões; Guarabira, com R\$ 3,2 milhões; João Pessoa, com R\$ 70,2 milhões; Mamanguape, com R\$ 3,2 milhões; Patos, com R\$ 5,7 milhões; Santa Rita, com R\$ 12,4 milhões; e Sousa, com R\$ 4,2 milhões.

Segundo explicou o es-

pécialista em administração pública, as maiores cidades, como João Pessoa, Campina Grande e Patos, serão as mais afetadas, caso a medida seja aprovada. “A problemática nas principais cidades vai ser maior do que nas pequenas, o que acontece é que a capacidade de arrecadação é superior e não é proporcional à população. Essas cidades têm uma capacidade arrecadatória que não é apenas pela população. Elas serão mais afetadas, assim como o Governo do Estado, que é o maior arrecadador. Não é apenas pelo fato de ser maior, é um valor absurdo que vai deixar de entrar nos cofres públicos”, comentou.

Segundo avaliou o Comitê Nacional de Secretários de Fazenda (Comsefaz), a nível nacional, o prejuízo poderá chegar a R\$ 100 bilhões. Esse valor não obteve nenhuma proposta de compensação futura por parte do Ministério da Economia.

O relator do PLP, Fernan-



Foto: Arquivo Pessoal

Dantas diz que é “impossível” os municípios não terem problemas

do Bezerra Coelho (MDB-PE), apresentou seu relatório e disse que inseriu no texto mecanismos de compensação aos governos estaduais e garantiu que a União está dando grande parcela de contribuição.

“A conta não será exclusi-

vamente paga pelos estados. O sacrifício desses entes federativos não poderia passar sem que a União desse a sua contrapartida. Essa é, a nosso ver, a grande contribuição do Senado para a proposta”, disse.

ACESSO ÀS ESCOLAS

MEC formará docentes para acolher alunos imigrantes

Ministério lançou curso de capacitação para a preparação de professores

Pedro Peduzzi
Agência Brasil

O curso vai preparar os docentes para conhecer e aprofundar conhecimentos em relação à inserção de imigrantes no ambiente escolar e multicultural brasileiro

O Ministério da Educação (MEC) vai preparar professores para facilitar o acolhimento de estudantes imigrantes e refugiados nas escolas. Para tanto, foi lançado um curso de capacitação que vai proporcionar ao docente a oportunidade de conhecer e aprofundar conhecimentos em relação à inserção destes grupos no ambiente escolar e multicultural brasileiro.

A capacitação terá carga de 80 horas, dividida em dois módulos, com conteúdo prático e teórico, que vai subsidiar a elaboração do material didático, pedagógico e literário de apoio à prática educativa para promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

O objetivo é viabilizar o contato dos professores com aspectos históricos, sociais, políticos e educacionais que permeiam a questão dos refugiados, fazendo uso de didática que auxilie no acolhimento dos alunos. O acesso às aulas será por meio da plataforma Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (Avamec).

Multiculturalismo

Segundo o ministério, a capacitação está alinhada ao contexto da Operação Acolhida, força-tarefa criada em março de 2018 para receber imigrantes e refugiados venezuelanos que chegavam ao Brasil.



Fotos: Divulgação/Acmur

Os docentes serão preparados para acolher melhor os imigrantes nas escolas

Segundo o secretário de Educação Básica do MEC, Mauro Rabelo, a iniciativa ajudará escolas, gestores e professores “na tarefa de trabalhar o multiculturalismo, o que não é fácil”, disse, ao descrever algumas situações que testemunhou durante a visita à região de frentes da Operação Acolhida.

“Nas visitas, vimos comunidades indígenas venezuelanas sendo acolhidas por comunidades indígenas brasileiras”, lembrou, ao comentar a “dimensão estratégica”, o alcance e a importância desta operação.

“

Nas visitas, vimos comunidades indígenas venezuelanas sendo acolhidas por comunidades indígenas brasileiras

Mauro Rabelo

Ministério destaca a política migratória

De acordo com o coordenador-geral do Comitê Geral para Refugiados do Ministério da Justiça, Bernardo Laferté, “a política migratória é uma política completamente transversal, que aborda todos os aspectos da vida, inclusive linguísticos”, disse.

“O aparato para esta política não é só estatal e governamental, mas de agências das Nações Unidas e da sociedade civil, presentes de maneira muito forte para acolher e integrar, porque todos aspectos da vida humana passam ali”, acrescentou. Ao entrar no país, o imigrante recebe CPF, carteira de trabalho e vacina, para então ficar “pronto para seguir vida”.

“Se ele tiver um filho, a criança será brasileira, e precisará ser integrada à sociedade, até por uma questão de política de longo prazo, uma vez que as famílias trazem conhecimentos que o brasileiro não tem. Isso é muito rico. Por isso, não podemos ver como custo. Até porque eles se somarão ao nosso mercado produtivo”, ressaltou.

De acordo com o diretor de Formação Docente e Valorização de Profissionais da Educação, Renato Brito, há 82,4 milhões de refugiados no mundo, dos quais metade são crianças. “Até 68% das crianças refugiadas acessam o sistema primário de educação, mas este número cai para 34%

quando falamos do sistema secundário”, disse o diretor.

Barreiras

“Atualmente, há mais de 57 mil pessoas no Brasil reconhecidas como refugiadas. Infelizmente, as crianças refugiadas apresentam probabilidade 53% menor de estar na escola em comparado às crianças brasileiras. A dificuldade de acesso ao sistema escolar ocorre por fatores como barreiras burocráticas, sociais, culturais e principalmente linguísticas”. Segundo o diretor, é neste contexto que a formação, visando o acolhimento de imigrantes, se insere.

A Formação para Acolhimento de Imigrantes e

Refugiados está, segundo o MEC, em consonância com a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC - Formação Continuada).

Barreiras

A dificuldade de acesso ao sistema escolar ocorre por fatores como barreiras burocráticas, sociais e culturais



No Brasil, há mais de 57 mil pessoas reconhecidas como refugiadas, segundo o Ministério da Justiça

Atualmente, existem 82,4 milhões de refugiados no mundo, e metade é constituída por crianças

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Previsões de Madame Preciosa

Já estamos no meio do ano e só agora me chega pelo correio tradicional as previsões de Madame Preciosa para 2022. Em postscript, a famosa vidente já responde à minha indagação: “por que atrasou tanto?” Conforme a dama do Tarô, o material foi postado no início do ano, mas a encomenda demorou além da conta porque a estatal postal se queixa de ser o maior operador logístico do país e seus procedimentos formais indicaram que as ditas cujas cartas das visões sobrenaturais poderiam ensejar danos materiais e morais difusos, sendo necessário analisar eventual direito à indenização. Explicada a causa da tardança, Madame Preciosa descartou os meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio, período em que as cartas premonitórias foram submetidas ao crivo do setor jurídico dos Correios. Conforme a vidente, taróloga e astróloga Madame Preciosa, esses são acontecimentos previstos para 2022, a partir de junho:

Junho - O São João será comemorado com grandes e ricos festejos no ninho dos “sertanejos” e das grandes corporações que investem nesses artistas fabricados. Prefeitos de pequenas cidades também farão a festa. Alguns gestores da Paraíba irão cometer abuso de poder político e econômico, com vistas à eleição rimando com São João. Madame Preciosa foi condescendente ao não afirmar que será a maioria. Haverá forte pé-d’água no Nordeste. Os ratos sobrenadarão na lama e no caos. O Chefe do Regime sobrevoará sobre a desgraça e ouvirá de um gabiru sobrevivente: “você é um homem ou um rato?”

Julho até dezembro:

1) Yansã e Oxossi, orixás regentes do ano de 2022, apontam que grande acidente ideológico militar eleitoral ocorrerá em outubro, quando o Chefe do Regime baixará decreto de emergência e estado de sítio porque “a Ordem Democrática foi atingida por balaços de votos subversivos engendrados nas urnas eletrônicas ilusórias e aparelhadas para dar vantagem aos comunistas”.

2) O elemento fixo do ano 2022 será a Madeira. Pau de dar em doido cairá na cabeça dos funcionários públicos, e os demais trabalhadores devem levar madeira no tororó, como de costume.

3) A Mãe Madame Preciosa vai fazer uma quizumba neste ano para os orixás mandarem inspiração e abrir os olhos embotados da munição, porque a besta de sete cabeças já adentrou com as ideias opressoras no tecido adiposo social.

4) Os planetas regentes em 2022 indicam que teremos sol, depois chuva, mais sol, algumas nuvens, um chuveirinho, outro sol pra cada um, sombra e água fresca no palácio do cantor “sertanejo”, sol nas costas da rafameia, mais chuva no roçado da munição do poder, enfim, esse rame-rame costumeiro. Nada indica que teremos terremotos ou tufões por aqui. Mas é bom ficar de olho na pedra do quintal de sua casa. Se a pedra estiver molhada, é chuva; se seca, o tempo é seco; se você não consegue ver a pedra, é nevoeiro; se a pedra pular para cima e para baixo, é terremoto; e se a pedra não estiver lá, é porque foi privatizada e você certamente pagará muito caro pelo serviço de previsão do tempo de depressão e desventura.

5) Um cara de resposta será reeleito para tomar conta da Paraíba, continuando o trabalho caprichado e caprichoso de quem se dedica ao exercício de cuidar da nossa aldeia, cultivando com escala razoável a decência e probidade.

6) Neste ano continuaremos a morrer, perderemos cabelos e um pouco da fé nos homens, mas seguiremos o espetáculo sem pensar no momento em que fecham as cortinas. Madame Preciosa não foi precisa se o velho Leão encerrará os trabalhos até o fim do ano, mas, pelo sim ou pelo não, continuarei sem lamentar por haver perdido tanto tempo com ilusões. Conforme as cartas premonitórias da Madame, ainda tentarei viver aquelas emoções passadas, por deficiência de acomodação aos encargos e desencargos da idade e do tempo implacável.

DIVISOR DE ÁGUAS

BNDES completa 70 anos de fundação

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social nasceu com a missão de modernizar a indústria

Ricardo Westin
Agência Estado

Negócios

Instituição passou a oferecer ao mercado empréstimos com juros mais baixos e prazos de quitação mais longos que os oferecidos pelos bancos comerciais

Em meados do século passado, a indústria brasileira ainda engatinhava e não tinha perspectiva de crescer e ir muito longe. Primeiro, porque o país não oferecia a infraestrutura adequada. As usinas hidrelétricas, as redes de distribuição de energia, os portos, os aeroportos, as ferrovias e as rodovias eram escassas e precárias. Depois, porque os empresários não encontravam no mercado o capital necessário para investir nas fábricas.

A situação começou a mudar há 70 anos. O divisor de águas foi a fundação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que nasceu com a missão de destravar e modernizar a indústria e, como consequência, alavancar toda a economia nacional. Ele faria isso oferecendo ao mercado empréstimos com juros mais baixos e prazos de quitação mais longos que os oferecidos pelos bancos comerciais.

A lei de criação do BNDES foi assinada em 20 de junho de 1952 pelo presidente Ge-

túlio Vargas e seu ministro da Fazenda, Horácio Lafer.

Ao longo destes 70 anos, o banco estatal de fomento financiou obras de infraestrutura como a Rodovia Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói e a Usina Hidrelétrica de Itaipu e empresas como a Embraer, a Eletrobrás e a Companhia Vale do Rio Doce.

O BNDES surgiu pequeno e aos poucos cresceu até tornar-se um dos maiores bancos de fomento do mundo.

PARA REABILITAÇÃO ECONÔMICA e reaparelhamento industrial do país
O projeto de lei ontem enviado ao Congresso Nacional pelo presidente da República

A CRIAÇÃO DO BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
Em regime de urgência, o projeto será votado amanhã no Senado

Em regime de urgência, já com taxas, rendas ou contribuições de art. 3º, da Lei nº. 1.474, de 26 de

Imagem: Biblioteca Nacional Digital

Reportagens do Correio da Manhã noticiam o projeto de criação do BNDE em 1952

A criação do banco passou pelo crivo do Congresso Nacional. Os senadores e deputados federais aprovaram em apenas quatro meses o projeto de lei enviado por Vargas. Quando nasceu, chamava-se Banco Nacional

de Desenvolvimento Econômico (BNDE). A letra S só seria adicionada três décadas mais tarde.

Documentos de 1952 guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que, apesar da velo-

cidade na aprovação no Congresso, o projeto do BNDE encontrou adversários pelo caminho até chegar onde chegou. Havia muitos críticos dessa necessidade porque já havia o Banco do Brasil.

■ O banco financiou obras de infraestrutura, como a Rodovia Transamazônica

Argumentos contra a criação da instituição

Dos argumentos contrários à criação do BNDE, o mais recorrente dizia que a nova instituição seria desnecessária, pois o país já contava com o Banco do Brasil, que poderia perfeitamente ganhar a missão extra de fi-

nciar o desenvolvimento nacional. A criação do BNDE seria, portanto, desperdício de dinheiro público.

O senador Gomes de Oliveira (PTB-SC) lembrou que em 1943, no primeiro governo de Getúlio Vargas, e em

1950, no governo do general Eurico Gaspar Dutra, a Presidência da República lançou dois grandes programas de obras.

Em nenhuma das duas vezes se pensou na fundação de um grande e custoso

banco para o financiamento das obras. Assim como previram os planos de 1943 e 1950, também agora o Banco do Brasil poderia ser o depositário do dinheiro a ser movimentado pelo Governo Federal.

Havia urgência no desejo de Getúlio Vargas

O presidente tinha urgência na criação do BNDE porque disso dependia um empréstimo milionário do governo americano. Uma comissão formada por técnicos do Brasil e dos Estados Unidos havia estudado os gargalos da economia brasileira e apontado soluções, em especial no setor industrial. O governo americano topou financiar as ações sugeridas pela comissão, mas com a condição de que houvesse uma contrapartida do governo brasileiro em igual valor e os recursos totais fossem depositados num banco estatal que selecionasse os projetos de investimento e fiscalizasse a aplicação do dinheiro.

Um dos brasileiros que participaram da comissão e ajudaram a idealizar o

BNDE foi o economista Roberto Campos, que se tornaria presidente do banco no fim dos anos 1950 e senador na década de 1980.

O economista Victor Leonardo de Araújo, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), explica por que os Estados Unidos se ofereceram para suprir as necessidades financeiras do Brasil:

Aquele era o momento inicial da Guerra Fria. Os Estados Unidos usaram o dinheiro para criar alianças com diversos países no mundo, inclusive na América Latina, de modo a impedir que se aliassem à União Soviética ou até se tornassem comunistas. Era uma forma de incentivar o capitalismo nos países.

Quando criou o BNDE,

Vargas tinha em mente um projeto claro de Brasil. De acordo com o economista Ivan Salomão, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o presidente entendia que o Estado deveria ser o indutor do desenvolvimento econômico nacional, não a iniciativa privada por conta própria, e que o progresso estava na indústria, não apenas na agricultura, que ainda era predominante.

Foi Getúlio Vargas que apresentou ao Congresso Nacional os projetos de criação da Petrobras, inaugurada em seu governo, em 1953, e da Eletrobrás, fundada mais tarde, em 1962. Salomão diz:

Vargas retomou a tradição desenvolvimentista que ele mesmo havia iniciado em seu primeiro governo [1930-

1945], em substituição do liberalismo da Primeira República [1889-1930]. Para ele, o Estado deveria intervir diretamente na economia, alavancando as indústrias privadas e estatais. Essa visão se manteve até os anos 1970. Nesse período, alguns governos foram nacional-desenvolvimentistas, como o do próprio Vargas e o de Getúlio. Outros foram desenvolvimentistas aliados ao capital estrangeiro, como o de Juscelino.

O BNDE não foi o único instrumento do desenvolvimentismo. Os governos também concederam isenções fiscais à indústria e utilizaram a política cambial para favorecer os produtos nacionais em detrimento dos estrangeiros.

Fotos: Arquivo Nacional



■ Ponte Rio-Niterói e ferrovia em Belford Roxo (RJ), ambas financiadas pelo BNDE



Mudanças para sempre

De acordo com os documentos históricos do Arquivo do Senado, os parlamentares governistas disseram que, graças à mudança, o BNDES iria mudar o Brasil para sempre.

A aplicação dos recursos obedecerá rigorosamente às prioridades estabelecidas pelo presidente Figueiredo — discursou o senador Lourival Baptista (PDS-SE). — Ele acionou, destarte, o processo irreversível da política de desenvolvimento social que o consagrará definitivamente na história como o presidente que deu o passo decisivo no sentido de erradicar os fatores do atraso, da pobreza e do subdesenvolvimento e, simultaneamente, promover a melhoria dos níveis do bem-estar e da qualidade de vida das camadas mais empobrecidas da população.

Num país como o nosso, tão carente, podemos dizer que administrar não é só abrir estradas, mas tomar medidas de cunho social, como essas que o presidente Figueiredo tomou e vem tomando. Esta, aliás, tem sido uma das características dos governos revolucionários [governos da "Revolução de 1964"]: olhar o povo — acrescentou o senador Jorge Kalume (PDS-AC).

Os parlamentares adversários da ditadura não compraram a versão oficial. No entender deles, a criação do tributo tinha como único objetivo tapar o rombo nas contas do BNDE, num momento em que a economia brasileira enfrentava inflação nas alturas e recessão e muitos empresários não conseguiam honrar as dívidas com o banco.

Menos que resultante de repentino acesso de humanismo do governo, o Fins-

cial é expediente para suprir por mais algum tempo o déficit do governo e do BNDE face a privilégios financeiros de alguns empresários à custa de toda a sociedade. É desfaçatez, desrespeito à nação — denunciou o senador Itamar Franco (PMDB-MG).

Sob a finalidade hipócrita de uma política social, a solução alcançada para livrar o BNDE da situação catastrófica a que a irresponsabilidade levou o outrora respeitável estabelecimento foi a criação de mais um tributo que, no fim das contas, vai ser pago por esse miserável povo brasileiro — criticou o senador Paulo Brossard (PMDB-RS). — Para requintar o sarcasmo, acrescentaram uma letra à sigla do BNDE, como se isso importasse na sua alteração substantiva. Isso não tem seriedade. Neste país não se pode fazer uma política social sem que se mude o nome de alguma coisa.

Getúlio Vargas, que criou o BNDE em 1952; e João Baptista Figueiredo, que o transformou em BNDES em 1982. Na avaliação do professor Victor Leonardo de Araújo, da UFF, o S permanece hoje sendo quase um enfeite na sigla do banco.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess."



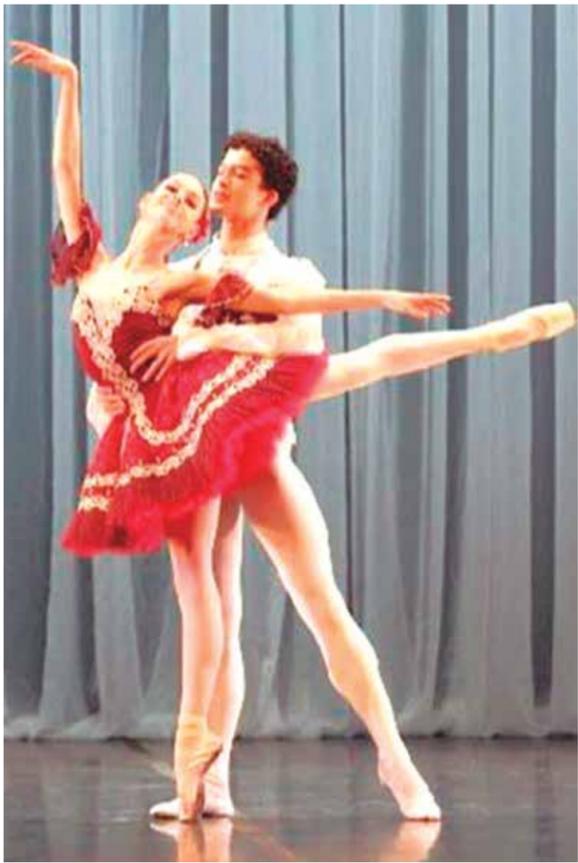
As queridas amigas Marcélia Leal, Nilda Gadelha, Zélia Lemos e Marluce Almeida já confirmaram presença no fantour que faremos a Vila Sítio São João, espetacular espaço junino de Campina Grande.



Carla Bezerra Cavalcanti, Cassandra Figueiredo Dias, Antônio Alcântara, Filip Miranda, Alexina Bezerra Cavalcanti, Regina Botto Targino, Rose Silveira, Roberto Santiago e Abelardo Jurema são os aniversariantes da semana.



A 18ª RURALTUR, Feira de Turismo Rural do Brasil, será realizada em Bananeiras de 8 a 10 de setembro. Parabéns a administração do prefeito do município, Matheus Bezerra (foto).



A Escola do Teatro Bolshoi realiza, no mês de junho, uma turnê pelo Nordeste. Seis cidades, dentre elas João Pessoa, vão receber espetáculos, workshops e pré-seleções para novos alunos. Em nossa capital, a apresentação do espetáculo Gala Bolshoi acontece no dia 20 de junho, às 20h, no Teatro Pedra do Reino.



O espaço Wine & Work, localizado na Av. Pombal, em Manaíra, abrigou convidados especiais para um networking regado a vinhos e acespices especiais. Recepcionados por Ivan Rocha, Andréia Barros, Natália Gaion e Gustavo Henrique (foto), o evento foi espetacular.



Com a volta de eventos presenciais, as empresas Diva Divina, Murion e Aparecida Farias (entre amigas queridas) realizaram eventos para mostrar as últimas tendências de semijoias, acessórios e roupas.



O BARA Hotel, empreendimento que abre suas portas em outubro de 2022 na orla do Cabo Branco, em João Pessoa, foi apresentado a agentes de viagem do Brasil e do Paraguai, durante a realização do B2Meet FRT 2022. Claro que o diretor geral do Ba'ra, Gefferson Alves, na foto entre Dani Meirelles (FRT operadora) e Christiane Teixeira (Luck Receptivo), ficou feliz com o sucesso do evento.



As irmãs Érica e Edilane Abrantes (Murion) e a empresária Adriana Duarte (importadoras de luxo) recepcionaram amigas, na tarde do dia 7, para apresentar as novidades para a estação mais bela e fria do ano. No evento, tive a satisfação de ter sido maquiada pela expert Clara Galdeano.



O grupo Anpar, formado pelo advogado Rui Galdino e o empresário André Amaral, quitaram o leilão do Hotel Tambá e, muito em breve, vai iniciar as reformas do famoso cartão postal paraibano.

IMOBILIÁRIA
PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189
DOUTOR HERNIA



A atuante presidente da Associação Cultural Balaio Nordeste, Joana Alves, também coordenadora do Fórum Nacional de Forró de Raiz, é uma das pessoas à frente do III Festival São João na Rede. Neste ano, a estreia foi em Mamanguape, na última sexta-feira (10). O Festival 2022 é mais uma realização do Governo do Estado da Paraíba e vai até o dia 21 de junho.

Selic Fixado em 4 de maio de 2022 12,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial 1,49% R\$ 4,989	Euro € Comercial 0,59% R\$ 5,249	Libra £ Esterlina -0,03% R\$ 6,141
--	---	---	---	---

Inflação IPCA do IBGE (em %)	Ibovespa
Maio 0,47	
Abril 1,06	
Março 1,62	
Fevereiro/2022 1,01	
Janeiro/2022 0,54	

DE OLHO NAS COMPRAS

Marcas alteram qualidade e quantidade dos produtos

Consumidor precisa ter atenção aos rótulos para evitar surpresas desagradáveis

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Produtos em embalagens menores, mas com os mesmos preços ou até mais caros. É isto que os consumidores encontram nos supermercados atualmente. O setor supermercadista alega que a prática é para evitar a perda de clientes. Mas, nesta batalha pelo lucro, também há a criação de produtos “genéricos” das marcas líderes, com menor qualidade, misturando outros elementos na composição. Para não ser enganado, o consumidor precisa estar consciente das mudanças, que devem estar explícitas nas embalagens e podem buscar os órgãos de proteção caso se sintam lesados.

Conforme o presidente da Associação dos Supermercados da Paraíba (ASPB), Cícero Bernardo, a redução do volume das embalagens de produtos de limpeza já é antiga. “A indústria faz isto para não aumentar o preço. No caso dos biscoitos, por exemplo, feitos de trigo, tem havido essa redução porque a matéria-prima vem da Ucrânia, e a guerra tem prejudicado os fabricantes”, explicou.

A justificativa não convence a agente comunitária de saúde Wedja Dias. Ela se espantou ao pegar um pacote de biscoito do tipo cream craker nas mãos. “Aqui na embalagem diz que reduziu 50 gramas, mas, mal dá pra ler estas letras miúdas. O tamanho está cada vez menor e os preços só aumentam. Daí, o

consumidor tem que fazer uma conta de custo-benefício sobre qual marca comprar”, reclama.

Cícero Bernardo destaca que, geralmente, não há redução de preços, o que faz com que o consumidor pague mais por menos. “A diminuição de preços é bem rara de ocorrer”, reconhece. Uma prática comum dos fabricantes é a criação de produtos de mesma marca com composição diferente.

Genéricos

O presidente da ASPB cita uma marca líder na fabricação de leite condensado, que criou um produto definido como mistura láctea condensada de leite, soro de leite e amido. “Esta é uma opção para que o público não deixe de comprar do fabricante, caso não possa mais comprar o produto original por causa dos preços”, justifica.

A advogada Lívia Dantas reclama que as mudanças nos produtos já conhecidos do mercado podem induzir o consumidor ao erro. “Eu comprava um tipo de leite em pó numa embalagem de 800g, mas houve redução para 750. Só não deixo de comprar por causa da qualidade do produto, mas, percebo que o preço só aumenta. Como se não bastasse, a marca vende um produto que não é leite, é um composto lácteo, mas, o consumidor apressado ou que não preste atenção pode comprar um produto achando que está levando outro, já que a logomarca é a mesma”, destaca.



Lívia Dantas (dir.) já percebeu alterações em vários itens da feira

Mudanças devem constar nas embalagens

O diretor-geral do Programa de Proteção e Defesa do Consumidor do Ministério Público do Estado (MP-Procon), Romualdo Tadeu Dias, afirma que é permitida a alteração quantitativa dos produtos embalados postos à venda, contudo, essa informação deve ser clara ao consumidor.

“O fabricante deve declarar na rotulagem do produto alterado: a ocorrência de alteração quantitativa, a quantidade de produto existente na embalagem antes e depois da alteração e a quantidade de produto aumentada ou diminuída, em termos absolutos e percentuais. A declaração deve ser posta no painel principal do rótulo da embalagem, em local de fácil visualização, com caracteres legíveis, atendendo à formatação de caixa alta, negrito e cor contrastante com o fundo do rótulo”, explica o promotor. Segundo ele, a obrigatoriedade está disciplinada na portaria nº 392, do Ministério da Justiça, publicada em setembro de 2021.

Romualdo Tadeu Dias enfatiza que, caso o fornecedor desrespeite essa regra, pode ser responsabilizado. “Civil-

mente, através de ressarcimento pela diferença, além de possível dano moral coletivo. Administrativamente, por meio de autos de infração e imposição de penalidades, inclusive, aplicação de multa e, criminalmente, caso também agrida, com seu comportamento, bens penalmente tutelados pelo próprio Código de Defesa do Consumidor ou outra legislação especial”.

Ele recomenda que o consumidor esteja atento às irregularidades, se resguarde com os comprovantes fiscais, além de acionar, imediatamente, os órgãos de defesa e proteção do consumidor. No caso do MP-Procon, sua atuação é sobre demandas coletivas.

Alimentos infantis

Em nível nacional, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) ingressou com uma ação civil pública, no Tribunal de Justiça de São Paulo, contra multinacionais em razão de as empresas manterem semelhanças entre a embalagem de fórmulas infantis e a de compostos lácteos. A ação requisita uma indenização de R\$ 60 milhões em da-

nos morais coletivos e que a prática de promoção cruzada desses produtos seja reconhecida como ilegal.

O órgão de defesa do consumidor alega que a conduta provoca confusão, engano e prejuízo, especialmente para pais, mães, cuidadores e crianças pequenas, considerando que itens como cores, formato da embalagem, tipo de fonte ou prefixos e sufixos dos nomes se repetem tanto em fórmulas infantis quanto em compostos lácteos. Além disso, os produtos são dispostos juntos nas prateleiras dos locais onde são vendidos.

A nutricionista Laís Amaral, pesquisadora do Programa de Alimentação Saudável e Sustentável do Idec, faz o alerta que as fórmulas infantis são produtos que devem ser utilizados em situações em que o aleitamento materno não é possível. “São produtos que substituem inteira ou parcialmente o leite materno e devem seguir regras específicas de composição. Já os compostos lácteos são produtos ultraprocessados e contraindicados para crianças menores de dois anos”, explica a nutricionista.

“

O fabricante deve declarar na rotulagem do produto alterado: a ocorrência de alteração quantitativa, a quantidade de produto existente na embalagem antes e depois da alteração e a quantidade de produto aumentada ou diminuída

Romualdo Tadeu Dias

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

O impacto da tecnologia 5G nas nossas vidas

“A tecnologia evolui em uma velocidade exponencial e parece não ter limites”. “O homem será substituído por máquinas, logo mais”. São duas frases que pessoas da minha geração escutaram com muita intensidade nos anos 80 ou 90.

Os primeiros computadores surgiram por volta de 1950, mas foram necessários mais de 30 anos para que eles se tornassem menores, mais potentes e eficientes, isso se deu a partir da utilização deles com sistemas operacionais, pois, até então, eram praticamente mecânicos, como um motor de carro. Essas máquinas eram caras, pesadas e utilizadas para realizarem grandes cálculos e não eram acessíveis ao uso doméstico. Com a utilização de sistemas operacionais, iniciou-se uma batalha no mercado entre a IBM e a Microsoft, cujo resultado hoje nós sabemos: a IBM desapareceu e a Microsoft se tornou uma empresa poderosa multinacional, presente no mundo todo, mas que hoje dedica-se praticamente a aplicativos e soluções tecnológicas.

Considero que foi a partir do surgimento da Apple em 1976 que se iniciou a grande revolução tecnológica e que tornou acessível para a população um novo universo de possibilidades no campo dos computadores pessoais em suas mais variadas formas. Fora do uso doméstico, outras empresas evoluíram para atender setores voltados para o uso de equipamentos médico-hospitalar, de engenharia, indústria automobilística etc. E o cliente consumidor passou a ser mais exigente, querendo soluções mais eficientes, miniaturização dos equipamentos, dos telefones e novidades em espaços de tempo cada vez mais curto. Usar a internet no dia a dia não era apenas uma necessidade, mas um padrão de vida. Isso valeu até para o mundo dos negócios.

Mas se a ciência hoje ainda não foi suficiente para tornar realidade a substituição total do homem pelas “máquinas” (eu jovem me debatia imaginando como seria olhar na rua vários robôs andando ou trabalhando), podemos afirmar com certeza que a automação moderna, o avanço tecnológico, conseguiram. E vem forçando as pessoas cada vez mais a se adaptarem aos novos tempos. O mercado de trabalho comprova isso, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Há vagas, mas não há qualificação. Claro que a depender do nível de inclusão das pessoas no sistema educacional do seu país, esse quadro será mais ou menos grave.

Pois bem, estamos perto de uma nova revolução e ela virá com a chegada e a massificação da tecnologia 5G. Um novo marco na internet que promete bagunçar tudo que pensamos e possuímos hoje em termos de modernidade. E o Brasil desta vez entrará nesse universo quase ao mesmo tempo em que outros países mais desenvolvidos que já estão usando. Em 2022 ainda poderemos perceber a chegada dessas mudanças e quem sabe já a necessidade de iniciarmos a substituição de uma infinidade de equipamentos que se tornarão obsoletos com a rede 5G e com os serviços que serão oferecidos com essa nova tecnologia. A promessa é de uma entrega de tráfego de informações com velocidade infinitamente maior, de forma mais limpa, leve e sem interferência, que permitirá que o mundo virtual seja cada vez mais próximo ou igual ao mundo real, ao ponto de que as possibilidades para a ciência serão bem ampliadas, otimizando sua utilização nos serviços de saúde, educação, engenharia, gestão dos negócios e das cidades, com ganhos e respostas de forma extraordinária.

O impacto na economia será perceptível. Nos tornaremos cada vez mais exigentes nessa relação e exigiremos respostas mais rápidas, mais precisas e acessíveis. Nova legislação surgirá para regular as novas relações que se criarão.

Todo o universo de possibilidades poderá ser atingido. Imagens reais e precisas que poderão salvar mais vidas. Negócios desaparecerão, outros surgirão. Os meios de comunicações serão atingidos, como os canais de TVs, de streaming (Netflix, Amazon etc.), rádios e mídias digitais.

Deixo para as vossas imaginações: até onde chegaremos? Finalmente o homem será substituído pela máquina? Os carros serão conduzidos por robôs invisíveis? Evitaremos as catástrofes com uma maior previsibilidade? Se listarmos cem questionamentos, encontraremos o “sim” em muitas situações.

As respostas nós saberemos em breve. Certo é que devemos estar preparados para essas mudanças pois, daqui pra frente, a velocidade no surgimento das novas tecnologias e do que poderemos fazer com elas, será medida em segundos ou frações.

MERCADO DE TRABALHO

Mulheres negras têm desafios extras

Subir degraus rumo ao topo nas empresas é mais difícil para este público, que precisa construir a própria escada

Luciana Dyniewicz e
Shagaly Ferreira
Agência Estado

Foto: Freepik

■ Conforme se aproximam da hierarquia máxima das organizações, elas acabam encontrando obstáculos que dificultam a ascensão

Se chegar ao topo de uma empresa já é difícil para as mulheres em geral, que precisam “pular um degrau quebrado da escada”, algumas enfrentam dificuldades extras para subir na vida corporativa. As mulheres negras, por exemplo, precisam “construir a própria escada” para chegar lá, diz Nadja Brandão, executiva que já foi diretora jurídica no Brasil de uma multinacional espanhola e de outra italiana e agora busca uma vaga em um conselho de administração.

A comparação de Nadja faz referência ao problema conhecido no ambiente corporativo como “degrau quebrado”, isto é, ao fato de as mulheres, em grande parte, terem acesso ao mercado de trabalho, mas, conforme se aproximam do topo da hierarquia das organizações, encontram obstáculos que dificultam a ascensão. As opções são, assim, parar por ali ou fazer um esforço muito maior para pular esse degrau quebrado.

Dados do Instituto Ethos de 2015 mostravam que, em 117 empresas que faziam parte da lista das 500 maiores do país, as mulheres negras ocupavam 10,6% das vagas. Esse número caía para 8,2% no nível de supervisão e para 1,6% no de gerência. Nas posições de diretoria, era 0,4%, ou duas entre 548 profissionais.

Já uma pesquisa recente da consultoria Gestão Kairós, especializada em diversidade, apontou que, entre 900 líderes entrevistados (nível de gerência para cima), 25% são mulheres - e, entre elas, apenas 3% são negras. O levantamento feito pelo Estadão, por sua vez, localizou apenas duas mulheres negras entre 228 diretoras e conselheiras que atuam em companhias do Ibovespa. Como não há nenhuma base de dados de autodeclaração racial disponível, é possível, porém, que existam outras.

Estatística

Dados da consultoria Gestão Kairós, especializada em diversidade, apontou que, entre 900 líderes entrevistados, apenas 3% são mulheres negras



Ocupar cargos de liderança é um sonho para muitas mulheres negras, que rebatem o argumento de que faltam pessoas capacitadas para ingressar nessas posições

Ser exceção gera insegurança e cria obstáculos

A quase ausência de semelhantes é apontada como uma das dificuldades que as mulheres negras enfrentam no ambiente corporativo. “O fato de você entrar em uma reunião e não ter outra mulher, não ter outra pessoa negra, é uma barreira, porque a semelhança nos conforta, nos dá segurança”, diz Solange Sobral, vice-presidente da multinacional brasileira de tecnologia CI&T e membro dos conselhos de administração da Telefônica/Vivo e da Locamerica.

Outro empecilho, afirma a executiva, é o fato de as empresas não discutirem essa questão. “Achar que já se tem um nível de respeito grande entre todos os colaboradores, que todos se tratam de forma igual e que não é preciso falar sobre o assunto é a primeira barreira que as empresas precisam vencer para se tornar inclusivas”, observa.

Solange conta que, durante grande parte de sua carreira, desconhecia as questões de diversidade e inclusão. Só quando começou a estudar o assunto e viu o que era listado como miniagressões de gênero e raça, se deu conta de que havia um problema estrutural. “Achar que não fosse tão inteligente ou que não sabia estruturar as ideias.

Eu falava uma ideia três vezes, e ninguém ouvia. Aí um cara dizia a mesma coisa e todo mundo escutava. Foi um alívio entender que isso não era só comigo. Tirei um peso das costas.”

Conselheira da mineradora Vale, do Banco do Brasil, da agência de viagens CVC e do Grupo Soma, de vestuário, Rachel Maia afirma que, ao longo de sua trajetória profissional, sempre sofreu mais por ser negra do que por ser mulher. “Diversas vezes me falaram: Você não precisa se sentir mais negra agora que é presidente de uma empresa.”

Tanto Solange quanto Rachel afirmam que veem os primeiros sinais de que pode haver uma mudança, mas que ainda é preciso acelerá-la. A conselheira da Telefônica/Vivo destaca que, mesmo dois anos atrás, dificilmente um conselho pensaria em uma mulher negra para uma cadeira. “Hoje temos a pauta em discussão, e a porta começa a se abrir”, diz.

Rachel lembra que as mulheres negras “ficaram muito tempo sendo rechaçadas”. “Faz menos de 20 anos que temos dois dígitos de negros na universidade. É muito pouco. Então temos de formar mais e

mais profissionais para ocuparem os cargos. Eu estou nesse processo. Estou formando minha roda (de executivas negras para indicar a cadeiras de conselhos) e sei que vou ter um monte de talentos.”

Mais visibilidade

Outras mulheres e iniciativas têm se mobilizado nessa direção. O Conselho 101, por exemplo, foi criado em agosto de 2020 com o objetivo de aumentar a visibilidade de mulheres negras que já estavam preparadas para os conselhos de administração. Com foco em formação de rede de contatos e governança corporativa, o programa tem cinco meses de duração, com encontros semanais.

Cofundadora da iniciativa, a advogada Lisiane Lemos aponta que as empresas ainda precisam se abrir para a interseccionalidade de raça e gênero, entendendo que a pauta da diversidade não implica exclusão. “Vejo mulheres negras cada vez mais entrando nos conselhos que são subordinados aos de administração, mas entendo que a gente precisa acelerar o ritmo. É necessário um despertar de quem já está nos conselhos para entender que a diversidade não é um jogo de exclusão.”

“

Vejo mulheres negras cada vez mais entrando nos conselhos que são subordinados aos de administração, mas entendo que a gente precisa acelerar o ritmo. É necessário um despertar de quem já está nos conselhos para entender que a diversidade não é um jogo de exclusão

Lisiane Lemos

Falta de oportunidade dificulta um novo cenário

Lisiane conta que, no programa, se depara com mulheres que atendem a quase todos os requisitos para serem conselheiras, mas muitas nunca tinham enxergado os colegiados como uma possibilidade. “A gente só sonha com o que a gente vê. Se a gente não vê uma mulher negra em um conselho de administração, o que vai te fazer pensar que você vai ser a pessoa especial a romper essa barreira?”, questiona a advogada.

A advogada refuta o argumento que atrela a baixa representatividade de negras nos cargos de liderança à falta de profissionais capacitadas para ocupar essas cadeiras. “Diante de 56% da população (porcentagem de negros no Brasil), é impossível que a gente não tenha 200 pessoas formadas para ocupar esse número de conselhos da Bolsa.”

Participante da primeira turma do programa de mentoria do Conselho 101, Ana Tércia Rodrigues, vice-presidente do Conselho Federal de Contabilidade, diz acreditar que a crescente pressão externa de investidores, com avanço da pauta ESG (sigla em inglês para questões ambiental, social e de governança), pode acelerar a diversidade na composição dos conselhos e modificar o cenário de baixa representatividade.

“As cartas estão na mesa. A economia só vai evoluir se nós conseguirmos trazer para os conselhos pessoas com um olhar diferente, e isso representa o segmento em que nós estamos, de mulheres negras preparadas para trazer contribuições importantes, diferentes do que o mercado já conhece”, diz a profissional, que tem mais de 30 anos

de experiência no setor contábil.

O Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) também tem um programa para impulsionar a diversidade em conselhos. Criado em 2014, o projeto seleciona mulheres já com experiência corporativa relevante e trabalha, principalmente, para dar mais visibilidade a elas.

Nadja Brandão - a profissional que diz que as mulheres negras precisam construir a própria escada para conseguir ascender no trabalho - é uma das participantes do programa neste ano. Um dos principais benefícios do projeto do IBGC, diz a executiva, é conhecer conselheiros que já ocupam assentos em colegiados. “Quem faz as indicações para os conselhos está em uma bolha. A gente precisa estourar essa bolha e fazer com que sejamos vistas”, acrescenta.

Alcançando a bolha

Toda participante do programa tem uma espécie de mentor, entre voluntários que, em sua maioria, são homens. Para Nadja, é fundamental a presença masculina no projeto, dado que os conselhos hoje são dominados por homens. “Se todas fossem mulheres, nem alcançaríamos a bolha.”

Diretora do IBGC, Valéria Café também destaca como fundamental a participação dos homens no processo de transformar as empresas em locais com equidade de gênero. Segundo Valéria, eles também precisam acreditar que a mudança será benéfica para todos. “O movimento é da sociedade, não é só de mulheres”, ressalta. “Ele não vai acontecer se os homens não participarem. Homens e mulheres têm de garantir que haja diversidade.”

FUNÇÃO SOCIAL

Traduzindo a ciência para o público

Jornalismo científico faz parte da história da Fapesq-PB, divulgando a pesquisa produzida na Paraíba

Renato Félix
Assessoria SEC&T

A ciência lida com elementos muito particulares e, por isso, desenvolve um linguajar muito próprio – até difícil para as pessoas de fora da bolha. Além disso, trabalha ideias que muitas vezes nem estão no campo de observação de uma pessoa comum. Por isso, o jornalismo científico tem uma função importante: é ele que trata de “traduzir” esses pensamentos, pesquisas e jargões para o consumidor comum da notícia. E o jornalismo teve papel importante na divulgação das ações da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) e dos projetos que ela vem financiando desde sua implantação, que em 2022 completa 30 anos.

Wilma Wanda Emery foi assessora de imprensa da fundação desde que ela nem tinha sede própria, ainda. E só saiu em 1999, quando passou a trabalhar na Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária (Emepa), em João Pessoa. “Eu comecei a trabalhar na Fapesq-PB quando ela funcionava numa salinha no prédio da Associação Comercial de Campina Grande”, conta ela. “Tudo estava começando”.

A jornalista chegou à Fapesq-PB, em Campina Grande, vinda do Jornal **A União**, em João Pessoa, onde trabalhava no setor de pesquisa, além de ter editado o suplemento infantil **O Pirralho**, um suplemento feminino e de escrever artigos duas vezes por semana para o segundo caderno. O ambiente da redação era muito diferente do que ela encontrou na Fundação de Apoio à Pesquisa. “As coisas corriam dentro de muita formalidade. Era um ambiente totalmente diferente

das redações por onde andei”, recorda. “Eu sentia muita falta da irreverência dos colegas, das notícias que entravam e saíam”.

Tratar a ciência como notícia também foi uma novidade. “Por essa época, não havia jornalistas especializados em divulgação científica na Paraíba. Você abria um jornal e não encontrava algum destaque, alguma coluna sobre assuntos científicos”, afirma. “Cla-

ro que os jornais divulgavam as descobertas científicas, as grandes invenções – eram notícia de primeira página. Mas tudo acabava ali, no ponto final da notícia, sem muita explicação sobre os impactos que aquela descoberta poderia causar na vida da população”.

Chegando à Fapesq-PB, começou o trabalho de levar à população as conquistas da fundação em prol da ciência,

tecnologia e inovação na Paraíba. “A gente já sabia que a produção científica sempre foi divulgada de forma acadêmica, em revistas não públicas. Além do fato que os cientistas sempre deram preferência a apresentar seus trabalhos a seus pares”, explica Wilma. “O jornalismo científico ficava de lado. Mas foi o presidente Geraldo Baracuh que me orientou, que me dava as pautas, que me falava das institui-

ções de fomento, que me mostrava os projetos de pesquisa, apontando quais os que poderiam beneficiar mais a população”.

Foi preciso, então, se reinventar. Wilma Emery conversava até com as pessoas que visitavam a Fapesq-PB. E não tinha vergonha de perguntar sobre os assuntos a respeito dos quais não tinha domínio. “Meus textos andavam de sala em sala, sempre tive a

humildade de procurar quem mais sabia”, lembra. Além disso, viagens para seminários e congressos da Associação Brasileira de Jornalismo Científico a ajudaram a conhecer melhor a rotina de outros colegas e como lidar com os desafios. “Eram eventos únicos, para se conhecer muita gente ligada a ciência e também conhecer jornalistas e suas histórias, suas dificuldades na divulgação da ciência”.

Comunicação ganha importância na fundação Fake news e negacionismo

Helda Suene, atual assessora de comunicação da Fapesq-PB, começou na fundação em 1998. Ela começou como revisora no extinto jornal **Correio da Paraíba** em 1985, logo que entrou no curso de Comunicação Social, na Universidade Federal da Paraíba. Depois de trabalhar na assessoria de imprensa da Fundação Espaço Cultural e na Secretaria de Estado da Comunicação, chegou ao **Jornal A União**.

“A União já era conhecida como a escola dos jornalistas iniciantes. Em **A União** eu passei boa parte do meu aprendizado”, lembra. Mas a redação não a fez abandonar a assessoria de imprensa. Em 1993, passou a trabalhar na sucursal do jornal em Campina Grande e nunca mais deixou a cidade. “Em 1998, recebi o convite de Vicente de Paulo Albuquerque Araújo, então presidente da Fapesq, para assumir como chefe do setor de

“

A União já era conhecida como a escola dos jornalistas iniciantes. Em A União, eu passei boa parte do meu aprendizado

Helda Suene

comunicação”, conta.

Após passar pelas redações do **Diário da Borborema** e do **Jornal da Paraíba**, hoje ela se dedica exclusivamente à Fapesq-PB. “Ao longo dos anos, a fundação evoluiu bastante e aumentou muito a demanda”, diz. “Quando entrei na Fapesq eu era uma ‘euqui-

pe’, pois trabalhava sozinha – resguardando alguns períodos em que pude contar com a ajuda de um estagiário de comunicação, Fernando Ivo, e da jornalista Fernanda do Rego, que assumiu a assessoria da Mesorregião do Semiárido, um programa temporal, que esteve sob a responsabilidade da Fapesq por um período no passado. De três anos para cá o Setor de Comunicação da Fapesq ganhou dois funcionários e se consolidou num crescente de atividades e oportunidades de trabalho, com novos projetos”.

Nas redações, escrevendo sobre diversos assuntos na reportagem diária ou em matérias especiais, ela conheceu pesquisadores e professores das universidades, tomando contato com a ciência produzida na Paraíba. “Fazia muitas matérias especiais sobre pesquisas, quando tive meus primeiros contatos com o jornalismo científico. Sempre

me encantou essa área”, conta. “Até os filmes que eu mais gosto são de ficção científica”.

Hoje o setor de comunicação é formado, além de Helda, por Carolina Brito (social mídia) e Bianca Liege (designer). “Geralmente, recebemos as demandas da presidência e dos setores técnico e administrativo. Lançamento de editais, novos contratos/convenios assinados, resultados de pesquisas, investimentos em pesquisas – enfim, todo tipo de comunicação necessária para levar ao público as ações da Fapesq”, explica. “O texto pronto é enviado para o setor de design produzir a arte e depois o material é enviado para as redes sociais e ‘mail list’ de imprensa e pesquisadores. Durante a pandemia do vírus da Covid-19 tivemos que nos reinventar e passamos a levar a informação ao nosso público através de lives no canal da Fapesq no YouTube e pelo Instagram”.

As fake news e o negacionismo são, para Wilma Emery, o grande desafio do jornalismo científico nos dias atuais. “A maior responsabilidade é lutar contra o negacionismo que circula nas redes sociais, espalhando mentiras e narrativas anticientíficas”, diz, dando como exemplos a campanha feita contra a vacina que protege contra a Covid-19 e a promoção de uso de medicamentos sem evidências científicas. “Há muita desinformação e isso afeta diretamente a vida das pessoas. Isso é um golpe na ciência. Eu vejo que o jornalismo científico precisa se reinventar, reunindo atores para uma tomada de novas decisões e novas atitudes contra o negacionismo”.

“A ciência não tem o espaço que merece, tanto em termos de investimentos, quanto nos meios de comunicação”, completa Helda Suene. “Por ter trabalhado em redação

de jornal percebia as prioridades voltadas para a educação, saúde, segurança. É inegável a importância dessas áreas porém há que se dar o real valor à base de tudo, que é a ciência, a pesquisa”.

Para ela, um fator primordial em jornalismo científico é o cuidado que se deve ter ao divulgar determinados resultados de pesquisa. “A informação que chega ao público pode provocar alegria, mas também pânico, dependendo do que se divulgue. Sempre prezar pela verdade”, alerta.

■ Um fator primordial em jornalismo científico é o cuidado que se deve ter ao divulgar determinados resultados de pesquisa



Wilma Wanda foi assessora de imprensa da fundação



Helda Suene é atual assessora de comunicação da Fapesq-PB

Fotos: Divulgação

■ O jornalismo tem papel importante na divulgação das ações da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba e dos projetos que ela vem financiando desde sua implantação

VENDAS ON-LINE

Comércio ilegal ameaça abelhas

Introduzir espécies em novos ambientes pode provocar sérios desequilíbrios ambientais, alerta biólogo do Inma

Mariana Tokarnia
Agência Brasil

“Abelhas jataí, ótimas para polinizar seu jardim, fazemos envios para todo o Brasil”. Anúncios como esse não são raros na internet e, em alguns cliques, é possível adquirir a própria colônia de abelhas sem ferrão. Esse comércio, no entanto, sem as devidas autorizações e cuidados, é ilegal e uma das principais ameaças à conservação de espécies brasileiras.

O biólogo e pesquisador do Instituto Nacional da Mata Atlântica (Inma) Antônio Carvalho desenvolveu métodos de mineração de dados na internet para analisar anúncios de vendas de abelhas sem ferrão. Ele desenvolveu uma rede de vendedores que opera ilegalmente o comércio em mercados de vendas on-line no Brasil. A pesquisa foi publicada na revista inglesa *Insect Conservation and Diversity* e divulgada pela Agência Bori.

Carvalho encontrou na internet vendedores de 85 cidades brasileiras. A maioria está localizada em áreas da Mata Atlântica, que comercializam colônias de abelhas a preços que vão de R\$ 70 a R\$ 5 mil. Ao todo, o pesquisador mapeou 308 anúncios de vendas ilegais entre dezembro de 2019 e agosto de 2021. Juntos, esses anúncios somavam R\$ 123,6 mil. As vendas são feitas em espaços de fácil acesso. A maior parte, 79,53%, por exemplo, está no Mercado Livre.

Existem, no Brasil, mais de 240 espécies de abelhas sem ferrão. Os principais grupos visados pelos vendedores nos 308 anúncios observados no estudo foram jataí (*Tetragonisca angustula*), diversas espécies de urucu (*Melipona* spp.), mandaguari (*Scaptotrigona* spp.) e abelhas-mirins (*Plebeia* spp.). Entre as mais cobiçadas estão a urucu-capixaba (*Melipona capixaba*) e a urucu-nordestina (*Melipona scutellaris*), abelhas em perigo de extinção.

“A gente já trabalha com essas espécies há muito tempo e já sabe que estão sendo inseridas a uma velocidade muito grande, principalmente nos últimos anos, por causa do tráfico e por causa da venda clandestina pela internet”, diz Carvalho. “Eu posso citar vários problemas que podem levar inclusive ao desaparecimento dessas abelhas, favorecendo a crise mundial de polinizadores que a gente vem enfrentando”, alerta.

Prática pode prejudicar reprodução de plantas e, consequentemente, a produção de alimentos, além de ameaçar as espécies locais de abelhas

■ Pesquisador mapeou 308 anúncios de vendas ilegais de colônias do inseto sem ferrão



Fauna pode ser contaminada

O estudo mostra que o comércio ilegal de abelhas pode gerar sérios desequilíbrios ambientais. “As abelhas são responsáveis pela polinização de quase todas as plantas que a gente conhece e utiliza”, diz, Carvalho. “Elas visitam uma flor e levam o pólen de outra. Por isso têm frutos e grande diversidade nas florestas. Sem pedir nada em troca, as abelhas acabam protegendo o ambiente de forma geral. A função ecossistêmica delas é importantíssima”.

O pesquisador explica que introduzir espécies em novos ambientes sem os devidos cuidados pode causar desequilíbrios, prejudicando a reprodução das plantas e, consequentemente, a produção de alimentos no campo e nas cidades, além de ameaçar espécies locais de abelhas e outros insetos.

As abelhas podem ainda levar consigo alguns parasitas que não são comuns a esse novo ambiente, com o risco de contaminar a fauna local. Além disso, as abelhas transportadas podem não se adaptar ao clima do novo local e morrer.

O que diz a lei

Carvalho ressalta que a criação de abelhas, mesmo em áreas urbanas, não é proibida e nem a sua comercialização, mas é necessário que os interessados tenham os devidos registros nos órgãos ambientais e que sejam tomados cuidados para evitar prejuízos à fauna e à flora local.

De acordo com a Resolução 496/2020 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), a criação de abelhas-nativas-sem-ferrão deve ser “restrita à região geográfica de ocorrência natural das espécies” e é necessária autorização ambiental para a comercialização. Para transportá-las, é necessária a emissão de Guia de Transporte Animal (GTA), documento oficial de emissão obrigatória para o trânsito intradistrital e interestadual de animais.

“Eu vi no meu trabalho que a maioria dos vendedores comercializa até três colônias por anúncio. Então, são raros os que chamo no trabalho de vendedores regulares, ou seja, os profissionalizados, aqueles que fazem e sabem que estão fazendo errado e vendem muitas colônias”, explica Carvalho.

Para ele, além de ações por parte do governo, com fiscalizações e conscientização e ação conjunta da comunidade científica e da comunidade em geral, uma forma de combater o comércio ilegal é conscientizando os próprios criadores.

“Eu trabalho com meliponicultores há muitos anos, vejo que a lei veio e eles ainda não se adaptaram. Vejo que a principal forma é a educação dos meliponicultores para o problema, para que entendam que eles são as principais vítimas, porque as próprias colônias deles podem sofrer com a inclusão de parasitas no ambiente onde estão fazendo seus negócios. Trazer os meliponicultores

para o nosso lado é muito importante”, defende o pesquisador.

Combate ao comércio ilegal

Em nota, o Mercado Livre diz que, conforme preveem os seus termos e condições de uso, é proibido o anúncio de espécies da flora e fauna em risco ou em extinção. A venda é proibida pela legislação ou pelas normas vigentes, assim como o anúncio de espécies de fauna silvestre. “Diante disso, assim que identificados, esses anúncios são excluídos e o vendedor notificado, podendo até ser banido definitivamente”.

A empresa informa ainda que combate proativamente “o mau uso de sua plataforma, que conta com tecnologia e equipes dedicadas para identificação e moderação dos conteúdos. Além disso, atua rapidamente

diante de denúncias que podem ser feitas pelo poder público, por qualquer usuário diretamente nos anúncios ou por empresas que integram seu programa de proteção à propriedade intelectual”.

A nota acrescenta que o Mercado Livre não é responsável pelo conteúdo gerado por terceiros, conforme prevê o Marco Civil da Internet e a jurisprudência consolidada do Superior Tribunal de Justiça (STJ) para plataformas de intermediação, mas que mesmo assim, atua no combate à venda de produtos proibidos e auxilia as autoridades na investigação de irregularidades.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) foi procurado, mas não se posicionou até o fechamento desta matéria.





A técnica da seleção paraibana, Lenise Sousa, com as atletas em treinamento em um dos ginásios da Vila Olímpica, atividade agora rotineira após a pandemia

GINÁSTICA RÍTMICA

Sintonia entre corpo e mente

Ginastas retornam à dinâmica dos treinamentos na Vila Olímpica Parahyba sob o comando de Lenise Sousa

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Vendo de longe pode até parecer fácil, mas se engana quem pensa assim. Para alinhar o manejo dos aparelhos e performance é preciso treinar, treinar e treinar. É a repetição exaustiva que garante às ginastas a realização plena dos movimentos. Na Vila Olímpica Parahyba, a Seleção Paraibana de Ginástica Rítmica retorna, aos poucos, à dinâmica de treinamentos. O pós-pandemia está sendo encarado como um desafio, um momento de retomada que passa por readaptação do corpo e da mente.

Vivian Batista, de 14 anos, começou na ginástica rítmica aos 7. A atleta, que se prepara para disputar nos Jogos Escolares e no campeonato regional da modalidade, que será realizado no mês

Aparelhos

Na ginástica rítmica, as atletas precisam dominar objetos como bola, arco, fita, maçã e corda na rotina de treinos

de julho em João Pessoa, precisa correr atrás do tempo perdido. Os dois anos de pandemia prejudicaram um pouco o preparo físico da atleta, que convive também com uma escoliose. Campeã mirim dos Jogos Escolares 2019 e campeã paraibana juvenil, Vivian está focada. “Estou treinando maçãs (que se assemelham a pinos de boliche) e arco (uma espécie de bambolé). Estava com saudades dos treinos e dos campeonatos”. Vivian sabe que as dores na coluna aumentam com a falta de treinamento. “Porque quando estou praticando fortaleço a minha musculatura, trabalho a postura e tudo isso contribui para que eu me sinta melhor”. Com o arco em mãos, ela mostra que não está longe do objetivo. As coreografias estão sendo ensaiadas diariamente. “Cada uma tem 1 minuto e meio de duração, sendo uma meio estilo tango e a outra mais alta, mais pra cima”, detalha a ginasta que tem nas brasileiras Natália Gaudio e Bárbara Domingos, as maiores inspira-

ções. “Sonho em chegar a um Campeonato Brasileiro e vou me esforçar para isso”.

Na ginástica rítmica, as atletas trabalham com aparelhos portáteis. Bola, arco, fita, maçã e corda fazem parte da rotina das ginastas, que precisam dominar cada um dos objetos. A seleção paraibana, por exemplo, tem treinado diariamente, inclusive aos sábados. São, pelo menos, cinco horas por dia sob o olhar atento da treinadora Lenise Sousa, que já foi atleta da seleção paraibana e é uma das grandes fomentadoras da ginástica na Paraíba. “A pandemia afastou muitas atletas. Hoje estamos com cerca de 10, mas esse número já foi maior”, lembra.

Nada que desanime Lenise, que já atravessou momentos mais difíceis ao longo da vida. Em 2019, ela estava com a equi-

pe em uma competição poucos dias após uma das sessões de quimioterapia. Um câncer de mama havia sido diagnosticado e o tratamento foi feito, sem que o trabalho fosse paralisado. “Apenas os três meses pós-cirurgia, depois voltei. Teve momento de passar mal, me sentir enjoada, mas eu tava lá com elas. Eu brincava, era feliz e isso me ajudou muito”. Hoje curada, fazendo apenas o acompanhamento de rotina, Lenise Sousa não tem dúvidas sobre a importância do esporte para a vida. “Me motivou, incentivou e não me deixou desanimar”.

Motivação que inspira Iasmym Piccoli. A ginasta de 12 anos ouviu atenta aos comandos da técnica e com a bola em uma das mãos dá um giro na ponta do pé. O arremesso da bola para o alto permite que a atleta role no chão. Sincronia que encanta e chama a atenção, impossível não admirar uma apresentação de ginástica rítmica, mesmo se tratando de um treino. “Comecei por incentivo de uma prima há quatro anos. Gosto muito por-

que me faz bem, me sinto bem praticando a ginástica”, conta a atleta que já foi quarto lugar nos Jogos Escolares e que está focada na próxima etapa da competição, que acontece no mês de agosto. Dessa vez a ginasta quer ir mais longe. “Estou recuperando rápido a forma física, treinando bastante e acredito que vai dar certo”.

Campeonato regional

Uma das mais importantes competições da modalidade, o Campeonato Regional de Ginástica Rítmica, já tem data e local confirmados. Será em João Pessoa, de 12 a 17 de julho, no Ginásio do Colégio Marista Pio X, e deve reunir 400 ginastas de todo o Nordeste. O objetivo da equipe paraibana é participar com pelo menos quatro atletas. “Três do juvenil e uma do adulto. Mas temos que correr muito para estarmos bem até lá. Temos praticamente um mês”, lembra a treinadora.

Por isso, o aumento no volume e intensidade dos treinos que passa por exercícios físicos, alongamentos e coreografias. As cinco horas diárias passam rapidamente quando se trabalha com um propósito e a Seleção Paraibana de Ginástica Rítmica, que reúne títulos paraibanos e nacionais, a exemplo de 2013 quando o conjunto adulto (com cinco atletas apresentando coreografia simultaneamente) conquistou o título brasileiro em Caxias do Sul, pretende voltar aos pódios. “Vamos treinar também aos domingos. É com esforço e dedicação que vamos retomando a prática e assim voltando a conquistar os espaços que a ginástica sempre ocupou”, finalizou Lenise Sousa, que há pelo menos 30 anos se dedica à prática aqui no estado.

Foto: Marcos Russo



Vivian Batista, 14 anos, pratica a ginástica rítmica há sete anos e o seu maior sonho é participar de um Campeonato Brasileiro

Foto: Marcos Russo



Iasmym Piccoli diz que começou no esporte por incentivo de uma prima e se sente muito bem praticando os exercícios

NOVA LEI GERAL DO ESPORTE

Combate ao racismo e à corrupção

Plenário do Senado consolida, numa única legislação, todas as normas e regulamentações das práticas esportivas

Ricardo Magatti
Agência Estado

O Plenário do Senado aprovou esta semana o projeto que cria a nova Lei Geral do Esporte. O PLS 68/2017 consolida em uma única legislação todas as normas e regulamentações referentes às práticas esportivas no país. Além disso, penaliza racismo e xenofobia nos estádios e atos de corrupção. O texto será encaminhado para apreciação na Câmara dos Deputados.

A senadora e ex-jogadora de vôlei Leila Barros (PDT-DF) é a relatora do projeto. O texto, de 137 páginas, com mais de 200 artigos, trata, entre outros temas, da tipificação do crime de corrupção privada no esporte, combate ao racismo e à xenofobia nos estádios, direitos trabalhistas dos atletas, equidade de premiações entre homens e mulheres, direitos de transmissão de eventos esportivos, fair play, tributação e incentivos fiscais.

"A proposta consolida o Sistema Nacional do Esporte, definindo sua composição e as atribuições de cada um dos entes federativos e entidades do segmento esportivo, de forma descentralizada, democrática e participativa, por meio do qual se realizará a gestão e a promoção das políticas públicas para o esporte", explicou Leila.

O texto aprovado, diz Leila, reforça o papel do esporte como meio de inclusão social. Ela acrescenta referência às pessoas em vulnerabilidade social como destinatárias do fomento estatal no setor e aborda a acessibilidade e a participação dos atletas indígenas e surdos.

O PL estabelece exigências para que organizações recebam recursos públicos, inclusive os oriundos das loterias, e prevê a criação do Fundesporte, que deverá ter entre suas fontes de financiamento a tributação de alimentos e bebidas com alto teor de açúcar, gorduras saturadas ou sódio. Além disso, mantém o conceito da Lei de Incentivo ao Esporte, ampliando o limite da dedução do Imposto de Renda das empresas de 1% para 3% e 4%, quando se tratar de apoio a projetos de inclusão social.

A ex-atleta afirmou que incorporou no substitutivo sugestões recebidas de diversas entidades e de pessoas ligadas ao universo esportivo. A senadora recebeu contribuições de atletas e agentes da Confederação Brasileira de Atletismo, de sindicatos de atletas profissionais, represen-



Leila Barros (PDT-DF) é a senadora relatora do projeto: ela diz que a proposta consolida o Sistema Nacional do Esporte

“

De fato, restrições à manifestação de pensamento só podem se justificar na medida em que essa manifestação se revele perturbadora ou impeditiva do próprio evento esportivo, ou quando, por seu conteúdo ou forma, já constitua um ilícito mesmo em contextos alheios ao esporte

Leila Barros

tantes de técnicos esportivos e entidades sociais que atuam na área esportiva, de alguns clubes, como o Minas Tênis Clube, e órgãos públicos, casos do Tribunal de Contas da União (TCU), do Exército Brasileiro e do Ministério da Cidadania.

Racismo e intolerância

O documento também prevê a criação da Autoridade Nacional para Prevenção e Combate à Violência e à Discriminação no Esporte (Anesporte), ligada à Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania. Será a Anesporte o responsável por criar e executar políticas públicas para reduzir casos de intolerância no esporte, sobretudo nos estádios de futebol.

A Anesporte também poderá aplicar sanções administrativas a pessoas, associações, clubes ou empresas que praticarem intolerância no esporte. O projeto autoriza os estados a criar juizados do torcedor, órgãos da

Justiça Ordinária com competência cível e criminal para julgar causas relacionadas à discriminação.

Liberdade de expressão

Leila incorporou ao substitutivo a ideia defendida pelo senador e ex-jogador Romário (PL-RJ), contida no PLS 5.004/2020, que dispõe sobre a vedação de imposição de penas disciplinares a atletas por livre expressão. O objetivo, segundo ela, é garantir a atletas, treinadores, árbitros e demais envolvidos nas competições esportivas o direito à liberdade de expressão, assegurado pela Constituição federal.

"De fato, restrições à manifestação de pensamento só podem se justificar na medida em que essa manifestação se revele perturbadora ou impeditiva do próprio evento esportivo, ou quando, por seu conteúdo ou forma, já constitua um ilícito mesmo em contextos alheios ao esporte", argumentou a senadora.

Corrupção

Pelo texto aprovado pelos senadores, cometerá crime o representante de organização esportiva privada que exigir, solicitar, receber ou mesmo aceitar promessa de vantagem indevida para realizar ou omitir ato inerente às suas atribuições. A pena será de dois a quatro anos. Estará sujeito às mesmas penas quem corromper ou tentar corromper representante da organização esportiva privada.

Entre as organizações esportivas privadas sem fins lucrativos, estão o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), clubes de futebol e outras entidades nacionais de administração do desporto. No ano passado, foi sancionada a Lei 14.193, de 2021, que permite aos clubes de futebol se constituírem como sociedades anônimas, com fins lucrativos.

O projeto também estabelece regras de transparência, publicidade e a observância dos conceitos destinados a coibir a gestão temerária de recursos públicos. Também fica assegurada a melhor representatividade aos diversos atores do setor na gestão esportiva, com destaque para a participação das mulheres e dos atletas em geral.

Leis trabalhistas

O texto atribui diversas responsabilidades às organizações esportivas em relação aos atletas, entre elas proporcionar condições à participação nas competições e treinos, submeter os atletas a exames médicos periódicos, garantir condições de trabalho dignas aos demais profissionais, incluídos os treinadores, e contratar seguro de vida e de acidentes pessoais.

A remuneração e outros direitos, como cláusula indenizatória, deverão ser pactuados em contrato especial de trabalho esportivo, com vigência nunca inferior a três meses nem superior a cinco anos. Quando o contrato especial de trabalho esportivo for de menos de um ano, o atleta profissional terá direito a saldo proporcional aos meses trabalhados durante a vigência do contrato, referentes a férias, abono de férias e 13º salário.

O texto dedica-se também às categorias de base, com vistas a maior proteção dos nossos jovens, ao trazer exigências bastante rigorosas para o funcionamento das organizações esportivas formadoras, além de estabelecer mecanismos mais efetivos de fiscalização neste setor.



Foto: Thais Magalhães/CBF

A CBF, entidade esportiva privada sem fins lucrativos, e seus dirigentes estarão sujeitos às mesmas penas de quem corromper ou tentar corromper representante da organização esportiva com a nova lei

FINAL DO JAMPAKART

Pilotos aceleram no Circuito Paladino

Última prova da temporada 2022/1 acontece neste domingo e deve reunir 100 pilotos de vários estados

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

■ A competição teve início no mês de fevereiro e as outras etapas foram disputadas nos meses de março, abril e maio

Pelo menos 100 pilotos devem correr a final da temporada 2022/1 do JampaKart, que acontece hoje, pela manhã e à tarde, no Circuito Paladino, localizado na cidade de Conde, Região Metropolitana de João Pessoa. O campeonato, considerado um dos maiores do Nordeste de Kart Indoor, teve início no mês de fevereiro, com cinco etapas distribuídas nos meses de março, abril e maio.

Com 11 títulos no JampaKart, Elder Junior pode ser considerado um veterano das pistas. Para a grande final, o piloto se prepara para disputar pódio nas categorias Leves e Master. Mas não é só isso, Elder vai correr ainda nas categorias Graduados e Super, só que nestes casos, para ajudar as equipes. “Desafio maior esse ano é correr em mais de uma categoria. Será uma disputa atrás da outra e o cansaço acaba sendo maior, o que atrapalha um pouco”. Mas nada que desanime o experiente piloto, que começou nas pistas ainda aos cinco anos de idade. ‘Expectativa



Foto: Divulgação/Jamparkat

O domingo vai ser de muita velocidade no Circuito Paladino, onde acontece a última etapa do Jampakart, um dos maiores do NE

boa, uma vez que estou liderando nas duas categorias em que estou competindo”.

Para quem tem menos experiência no kart, cabe correr atrás da diferença. Pelo menos é o que está fazendo Hugo Espindola, favorito na categoria Intermediária. O piloto pernambucano está treinando forte para conquistar o pri-

meiro título no JampaKart. “Treinando com um técnico nos últimos seis meses apresentei melhora importante nas técnicas de pilotagem e também no preparo psicológico”. Hugo disse ainda que, mesmo sendo o favorito, vai esperar o momento certo da comemoração. “Só depois da bandeira da. Até lá, mesmo sabendo

da grande possibilidade de vitória e estando a 28 pontos do segundo lugar, não tem como comemorar”.

Ao todo estão sendo disputadas sete categorias: Leves, Senior, Master, Graduado, Super Graduados, Intermediária e Rookie. A organização do evento já está trabalhando na divulgação da etapa 2022/2 do

evento que deve acontecer ainda no segundo semestre deste ano.

Sobre o Kart Indoor

É recomendado para competições não profissionais, já que se tratam de equipamentos com menos potência no motor e com adaptações para proteger os pilotos. O Kart Indoor é

“**Treinando com um técnico nos últimos seis meses, apresentei melhora importante nas técnicas de pilotagem e também no preparo psicológico**”

Hugo Espindola

FUTEBOL AMERICANO

Espectros e São Bento se enfrentam, hoje, pela Liga Brasileira

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

As equipes do João Pessoa Espectros e São Bento Snakes de Futebol Americano se enfrentam neste domingo, 12, às 10h, no Estádio ‘O Pedrão’ no município de São Bento, Sertão do estado. A partida é válida pela primeira rodada da Liga Brasileira de Futebol Americano (Liga BFA), que é o campeonato nacional da modalidade. As equipes são as únicas a representar a Paraíba no evento que reúne mais 38 times de todo o país. A região Nordeste é a que possui maior número de representantes, com 16 equipes divididas em três grupos.

Para o João Pessoa Espectros, bicampeões nacionais, em 2015 e 2019, a competição é mais uma oportunidade de colocar em prática, junto às melhores equipes do país, o que é trabalhado durante todo o ano, desde a formação do time. “Foi fundado para buscar sempre o campeonato nacional e é assim que nos preparamos. Após a redução das medidas da pandemia iniciamos nossos trabalhos e seguimos em busca

Nordeste
As duas equipes representam a Paraíba numa competição que reúne 38 clubes de todo o país, divididos em três grupos. O João Pessoa Espectros é bicampeão nacional e o maior campeão da região, com 10 conquistas



Foto: Reprodução/YouTube

O João Pessoa Espectros, ao lado do São Bento Snakes, do interior paraibano, está entre as 16 equipes da região Nordeste

do título”, destacou o treinador Robson Sena. Fundado em janeiro em 2007, o João Pessoa Espectros é o maior campeão nordestino com dez títulos (2008, 2011-2019), sendo nove consecutivos.

A Liga BFA tem crescido a cada edição. Começou

em 2016, com a unificação das competições de Torneio das competições de Torneio em Touchdown e da Confederação Brasileira de Futebol Americano e já no ano seguinte estreou com 30 equipes competindo, número que se manteve até 2018. Em 2019 passou por mudanças, sendo

criados os campeonatos de acesso (segunda divisão) e a liga BFA feminina que contou com oito equipes de quatro estados diferentes, ainda sem representante da Paraíba.

Sobre o esporte

A modalidade é uma fu-

jetivo de aumentar a profissionalização do esporte. Os primeiros relatos da prática do futebol americano no mundo datam de 1869, mas a primeira liga da modalidade só foi fundada em 1920 (American Professional Football Association) com o ob-

jetivo de aumentar a profissionalização do esporte. No Brasil o futebol americano começou nas praias do Rio de Janeiro e no Parque do Ibirapuera em São Paulo, se expandindo, a posteriori, para outros polos como Santa Catarina e Nordeste.

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Belo encara o Paysandu, em Belém

Vivendo uma excelente fase e na ponta de cima da tabela, o Botafogo tem mais um desafio fora de seus domínios

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Buscando a ponta da tabela no Campeonato Brasileiro da Série D, o Botafogo joga como visitante contra o Paysandu-PA, hoje, a partir das 19h, no Estádio da Cruzuza, em Belém-PA. O Belo ocupa a 4ª colocação, com 17 pontos somados, um a menos que o adversário direto pelas primeiras colocações.

Nas quatro vezes que jogou como visitante, contra o Papão da Cruzuza, o Belo acumulou dois empates, uma vitória e uma derrota. Caso vença a partida, contando com um tropeço do ABC-RN, o alvinegro pode assumir a vice-liderança. Para o confronto de hoje, o treinador Gerson Gusmão quer dar sequência ao bom retrospecto e ajudar o clube a conseguir a terceira vitória consecutiva, jogando como visitante pela disputa da terceira divisão do futebol nacional.

“As estatísticas ficam para trás, nesse momento. Os dois clubes passam por um bom momento na disputa da competição e todas as equipes que enfrentaram o Paysandu tiveram dificuldades, com a gente não vai ser diferente. No entanto, temos condições de somar, jogando como visitante”, pontuou.

O adversário do Belo pode contar com os retornos de dois jogadores que estavam vetados pelo departamento médico, o meia Serginho e o atacante Marcelo Toscano. O meia acumula 11 partidas com a camisa bicolor e três gols marcados. Já o atacante tem 21 partidas e dois gols pelo Papão.



Foto: Divulgação/Botafogo

O técnico Gerson Gusmão faz anotações durante treino do Botafogo visando mais um compromisso no Brasileiro

Dino na Série D

Sousa será o representante paraibano no complemento na 9ª rodada do grupo 3, pelo Campeonato Brasileiro da Série D. O alviverde joga como visitante, contra o Afogados da Ingazeira-PE, a partir das 16h, no Estádio Vianão, na cidade que leva o mesmo nome do adversário.

O alviverde tem o mesmo número de pontos que o adversário, 14 pontos, perde nos critérios de desempate e ocupa a 3ª colocação do grupo 3. Pela competição, o Dinossauro venceu o mesmo adversário, quando jogou como mandante no Estádio Marizão, em Sousa. O time paraibano perdia por 2 a 0, até os 34 minutos da segunda etapa, mas conseguiu uma virada épica para cima dos pernambucanos.

Caso o Sousa vença a partida, o clube assume a segunda colocação, ultrapassa a pontuação da campanha passada e atinge o melhor retrospecto em uma primeira fase na sua história de participações na disputa da Série D. Mas se depender do lateral esquerdo, Vinicius Paiva, o objetivo é chegar a uma pontuação que garanta o clube na próxima fase da competição.

“A equipe tem feito uma boa campanha nesta primeira fase. Não traçamos uma meta fixa com relação à pontuação, nosso objetivo é chegar ao maior número de pontos para garantir nossa classificação. Vamos enfrentar um adversário que briga por uma das vagas e vamos buscar o resultado fora de casa para melhorar, cada vez mais, a nossa posição na tabela”, comentou.

65 MIL PAGANTES

Maracanã terá público recorde na Série B de 2022, no jogo Vasco x Cruzeiro, às 16h, neste domingo

Nenhum jogo do Campeonato Brasileiro, hoje, chama tanta atenção como o confronto entre Vasco e Cruzeiro, pela Série B, às 16h, no Maracanã, no duelo do líder, o time estrelado com 28 pontos, contra o único invicto na competição, a equipe de São Januário. A excelente campanha do cruz-maltino carioca tem levado à loucura o seu torcedor, já que todos os 65 mil ingressos colocados à venda esgotaram-se rapidamente, numa demonstração de muita força e confiança no retorno à elite do futebol brasileiro em 2023. Na última rodada, o Vasco derrotou o Náutico por 3 a 2, jogo no Estádio do Arruda, no dia 7, enquanto o Cruzeiro derrotou, no dia seguinte, o CRB por 2 a 0, no Mineirão.

Nos 11 jogos, o cruz-maltino conquistou cinco vitórias e seis empates. Já o Cruzeiro tem nove vitórias, um em-

pate e uma derrota. O time estrelado caiu para a Série B em 2019 e já está no seu terceiro ano disputando a Segunda Divisão. Já o Vasco caiu em 2020 e está no seu segundo ano, mas pelos resultados até aqui alcançados as duas equipes seguem acumulando “gordura” depois de 11 rodadas. A rodada de hoje da Série B começa mais cedo com Novorizontino x Guarani, às 11h, no Estádio Jorge Ismael de Biasi e será concluída com Tombense x CSA, às 19h, no Estádio Soares de Azevedo.

Série A

Já pelo Campeonato Brasileiro da Série A vão acontecer quatro jogos com destaque para Coritiba x Palmeiras, no Couto Pereira. Os outros confrontos são São Paulo x América-MG, às 16h, no Morumbi; Goiás x Ceará, em Serrinha; e Fortaleza x Athletico-PR, às 19h, no Castelão.



Foto: Daniel Ramalho/Vasco

Jogadores do Vasco comemoram gol em jogo contra o Náutico na vitória de 3 a 2, no Arruda

Jogos de hoje**SÉRIE A**

16h
São Paulo x América-MG
Goiás x Ceará
18h
Coritiba x Palmeiras
19h
Fortaleza x Athletico-PR

SÉRIE B

11h
Novorizontino x Guarani
16h
Vasco x Cruzeiro
19h
Tombense x CSA

SÉRIE C

15h
Altos x Ferroviário
17h
ABC x Mirassol
18h
Figueirense x Confiança
19h
Paysandu x Botafogo-PB

SÉRIE D

12h
Operário VG x Costa Rica-MS
15h
FC Cascavel x Juventus-SC
Próspera x São Luiz
Aimoré x Azuriz
Marcelo Dias x Caxias
15h30
Iporá x Ceilândia
16h
Amazonas x Rio Branco-AC
Afogados x Sousa
Jacuipeense x ASA
18h
Humaitá x Trem
17h
Icasa x Retrô

BRASILEIRO A2

Feminino
15h
Botafogo-PB x Ceará
JC x Real Ariquemes



Foto: Reprodução

Foto aérea de 1934 do Parque Solon de Lucena (acima) e panorâmica da atual Lagoa, na capital paraibana (ao lado)



Foto: Roberto Guedes

Duas lagoas, dois símbolos

Pontos turísticos, a Lagoa do Parque Solon de Lucena, em João Pessoa, e o Açude Velho, em Campina Grande, têm muitas histórias pra contar e viraram referências das duas cidades

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Foto: Reprodução

Dois símbolos de duas cidades. Eles são pontos turísticos em cada uma delas e também referências da história e do desenvolvimento de cada território. Em João Pessoa, a Lagoa, cujo entorno é chamado de Parque Solon de Lucena (Parque da Lagoa). Foi ali que, em 24 de agosto de 1975, morreram 35 pessoas em um naufrágio durante as comemorações do Dia do Soldado. Em Campina Grande, o Açude Velho, outrora conhecido como Açude Público, que também tem muitas histórias, entre elas, a do lendário jacaré que vive em suas águas.

Construído entre 1829 e 1830, o Açude Velho foi uma obra financiada pelo governo imperial de Dom Pedro II a pedido do presidente do Senado da Câmara, Paulo de Araújo Soares, um dos homens mais importantes da Província da Paraíba e muito amigo de José Bonifácio. Na época, Campina Grande ainda era chamada Vila Nova da Rainha.

Quem faz o relato é o historiador Vanderley de Brito, presidente do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG) e autor do livro 'História de Campina Grande: de aldeia a metrópole', lançado em 2021, em parceria com a presidente de honra do IHCG, a historiadora Ida Steinmüller.

Ele descreve que, com o passar do tempo, a lagoa natural que existia, remanso do Riacho das Piabas, recebeu paredes de pedras brutas nas margens sul e sudeste, erguidas para aumentar a capacidade hídrica do reservatório que ganhou o nome de Açude Público. "No mesmo ano em que ficou pronto, o governo da Vila construiu um segundo açude na cidade, bem menor e para reservar água potável. Desse modo, o novo açude ganhou a alcunha de Açude Novo e o mais antigo ficou como Açude Velho", contou. De acordo com o historiador, são nomes espontâneos, dados pelo povo. "Nenhum dos dois tem o nome de algum político ou coisa assim. Aqui em Campina prevaleceu o senso popular", ressalta.

Ida Steinmüller relatou que a urbanização do Açude Velho começou na década de 1940, na gestão do interventor Vergniaud Wanderley, quando foi feita a circular de seu entorno. Na década de 1950, o prefeito Elpidio de Almeida reduziu o açude, aterrando parte do manancial - que era um quilômetro mais extenso - para abrir uma estrada ligando a cidade à saída para João Pessoa.

E as mudanças não pararam por aí. Nos anos de 1960, para as comemorações do centenário de Campina Grande, o Açude Velho recebeu muitos



Foto: Fabiana Veloso

Construção da parede de pedras e da mureta às margens do Açude Velho, em 1940 (foto acima); e uma visão do manancial (ao lado) nos dias de hoje



“**Nenhum dos dois [o Açude Novo e o Açude Velho] tem o nome de algum político ou coisa assim. Aqui em Campina prevaleceu o senso popular**

Vanderley de Brito

melhoramentos urbanísticos na gestão do então prefeito Newton Rique, inclusive as estátuas do Monumento dos Pioneiros que até hoje estão em sua orla e compõem um símbolo bem marcante da cidade. "A última e talvez mais significativa reforma urbanística do manancial foi realizada pelo prefeito Cássio Cunha Lima, em fins dos anos de 1990, que o transformou numa belíssima área de lazer, esportes e cultura", considera.

Brito, que mora em Campina Grande, ressalta que, há mais de três décadas, se exercita no entorno do Açude Velho e, desde então, tem acompanhado as diversas mudanças

que ocorreram ali. "Até o jacaré já vi algumas vezes, trocas de calçada, edificações em seu entorno", enumera.

O Açude Velho é o principal cartão postal do município de Campina Grande. Tem 2,5 quilômetros de extensão e profundidade de até 10 metros. É cercado por diversos monumentos artísticos, quiosques e museus.

Histórias e curiosidades

O Açude Velho é cercado de histórias e curiosidades. Durante o movimento do Quebra-Quilos, no século 19, por exemplo, os insurgentes do movimento, que se rebelavam contra as medidas de novos pesos e medidas do governo imperial, tomaram os kits de pesos e medidas dos comerciantes da cidade e jogaram nas águas do Açude Velho. Vanderley de Brito assegura que ainda hoje esses equipamentos permanecem submersos nas águas do açude.

Outro fato interessante do Açude Velho é o seu famoso jacaré, que vez por outra aparece. "É como o nosso 'Monstro do Lago Ness' de Campina Grande, só que o jacaré existe, já foi visto, fotografado, filmado muitas vezes. O jacaré do Açude Velho é tão emblemático para a cidade que até tem nome, é Jack", conta o historiador. Na verdade, segundo ele, há mais de um animal da espécie e alguns foram retirados e levados para um serpentário que existe na cidade.

Urbanização da capital

Muito antes de ganhar os contornos que tem hoje, a Lagoa do Parque Solon de Lucena era apenas um alagadiço situado numa região entre fazendas em área de mata. Essa condição de charco era comum ao terreno, antigamente, nas proximidades do Rio Paraíba, segundo a historiadora Eduarda Brandão.

O processo de urbanização acompanhou o da própria cidade. Durante os anos de 1920, no governo de Solon de Lucena, ganhou o status de parque e recebeu o nome do político. "Com a virada da década, o calçamento e embelezamento desses arredores entraram em sintonia com os avanços urbanos e sanitários", conta a historiadora.

Na edição de 29 de março de 1940, o Jornal A União trouxe a notícia de que o paisagista Roberto Burle Marx havia sido contratado pela prefeitura para estudar e aplicar um plano de embelezamento dos parques e jardins, entre eles, o Parque Solon de Lucena. O projeto, conforme enumerou a historiadora, previa a construção do cais da Lagoa, instalação do calçamento à base de concreto, pedra e rejunta de a cimento, com um passeio circular de mosaico, além de uma fonte luminosa e um moderno edifício, onde funcionava um cassino, o atual Cassino da Lagoa.

No dia seguinte, a edição publicada do Jornal A União noticiou uma festa no Cassino do Parque Solon de Lucena voltada à alta sociedade. O evento seria um sarau dançante, com ênfase para o "dancing" do Cassino, aberto das 21h à meia-noite. Na ocasião, a Orquestra de Jazz Tabajara tocou as últimas novidades em fox, sambas, rumbas, tangos e marchas. A historiadora acrescenta que, na manhã seguinte, teria ocorrido uma matinê dançante nos mesmos padrões. A intenção era atrair essa camada mais alta da sociedade para contemplar o desenvolvimento urbano do espaço, enquanto os mendigos e doentes eram escondidos, já que, na publicação anterior, o paisagista Roberto Burle Marx observa que a cidade não teria mendigos nas ruas, nem doentes nas calçadas. Para a historiadora, um posicionamento controverso, considerando o próprio processo de estabelecimento do parque em questão, sendo também uma necessidade sanitária para conter a disseminação de doenças causadas pelo charco.

Tragédia matou 35 pessoas

A Lagoa foi pensada para tornar-se um dos principais pontos da cidade - senão o principal - e, a partir de então, muitos eventos ocorreram nessas intermediações. Dos mais trágicos, destaca-se a morte de 35 pessoas, sendo 29 delas crianças, durante a comemoração do Dia do Soldado de 1975, em plena ditadura militar no país.

Eduarda Brandão destaca que esses seriam os anos de Ernesto Geisel à frente do regime de ferro e o Exército teria preparado uma exposição de seu arsenal bélico, com direito à travessia de civis, na Lagoa, a bordo de uma embarcação. "Uma superlotação dos passageiros, entretanto, corroborou para que a embarcação afundasse, dada a negligência de transportar uma quantidade maior de passageiros do que normalmente comportaria", avalia. Também havia pouca disponibilidade de materiais voltados à segurança dos passageiros, uma vez que a embarcação, primariamente, era destinada ao transporte de materiais de guerra.

A tragédia ganhou as páginas de um jornal de São Paulo, mas o assunto, de acordo com a historiadora, tornou-se manipulado de maneira a ressaltar os militares, ou apresentar informações diminutas acerca do evento, em virtude da ditadura em vigor. Eduarda Brandão afirma que o Parque Solon de Lucena é um espaço em constante transformação desde as primeiras décadas do século 20 e as políticas sanitárias à retirada dos quiosques e ambulantes durante os anos de 2000. "Sua evolução e contratemplos, tornam-se um reflexo direto dos diferentes desdobramentos e contextos nos quais insere-se a capital", completou.

As mudanças de nome

A Lagoa já teve várias nomenclaturas ao longo de sua história, entre elas Lagoa, Lagoa Solon de Lucena, Lagoa dos Irmãos e Parque Solon de Lucena, em 1924. E mais recentemente, Parque da Lagoa. Os jardins pensados pelo renomado paisagista Burle Marx ganharam palmeiras imperiais trazidas do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Por estar na região central da cidade, a Lagoa tornou-se um bom local para a realização de festas, como a das Neves, o São João, o Natal e até comícios, além de manifestações sociais. A fonte luminosa e o Cassino de Verão, hoje restaurante Cassino da Lagoa, foram construídos entre 1930 e 1940, na gestão do governador Argemiro de Figueiredo. Nos anos de 1980, famílias frequentavam o espaço nos fins de semana. Já o Cassino era ponto de encontro de jornalistas e intelectuais.

A partir de 1993, ocorreu nova reurbanização, com padronização e ordenamento dos ambulantes e construção de ilhas de quiosques. Em 1997, ocorreram novas mudanças na gestão do então prefeito Cícero Lucena (hoje de novo na prefeitura), incluindo a dragagem dos esgotos. A área foi ocupada por ambulantes de forma desordenada. Os quiosques funcionavam como bares. Os poucos banheiros que existiam, ficavam distantes, e os bambuzais eram usados como sanitário para os usuários desses locais.

Em 2005, o prefeito Ricardo Coutinho, por exemplo, "desenterrou" a pista de skate que havia sido soterrada pelo prefeito Cícero. Já em junho de 2016, na gestão do prefeito Luciano Cartaxo, a Lagoa e toda a área ao redor passaram por uma reforma. Hoje, não há venda de bebida alcoólica e existem baterias de sanitários, área para atividades físicas e contemplação. Por sua importância na história da cidade, a Lagoa é protegida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), desde 26 de agosto de 1980.

Ditadura

Assunto foi manipulado para ressaltar e proteger os militares que estavam no poder

João Dantas

Jornalista e advogado que entrou para história pela morte de João Pessoa

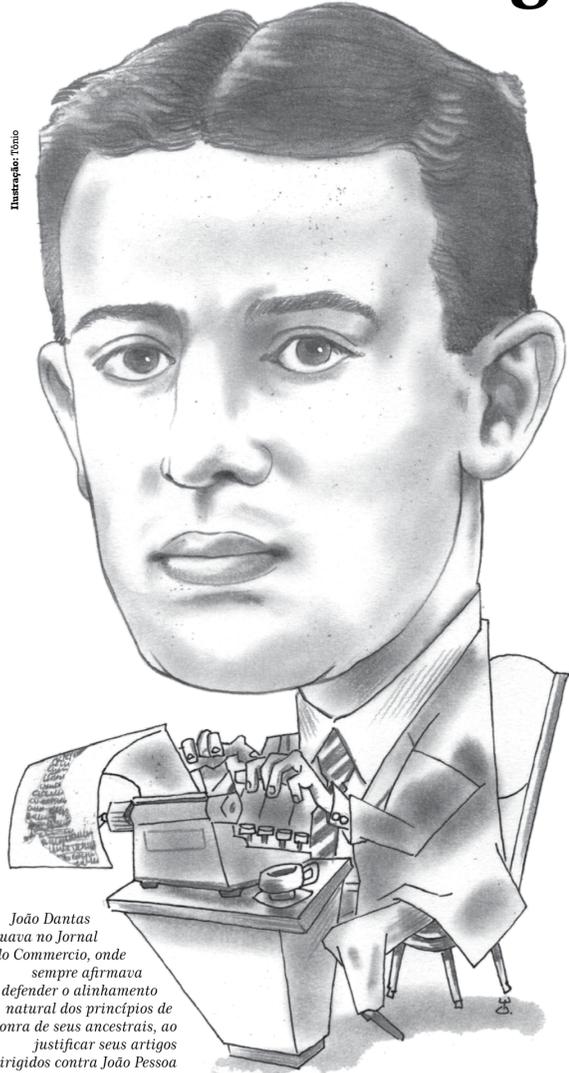


Ilustração: Tônio

João Dantas atuava no Jornal do Commercio, onde sempre afirmava defender o alinhamento natural dos princípios de honra de seus ancestrais, ao justificar seus artigos dirigidos contra João Pessoa

Hilton Gomêa
hiltongomêa@gmail.com

O juiz João Paes, chefe de uma comissão judiciária que interrogava João Dantas, durante sessão do Tribunal de Justiça comentou: “Doutor João, o senhor cometeu o maior crime do mundo”. Calmo, sem transparecer rancor, Dantas respondeu: “Sim, meritíssimo, depois de receber a maior afronta do universo”. João Dantas ficou conhecido na história como o assassino de João Pessoa, mas começou sua atividade jornalística em Recife, onde assinava a coluna ‘Risos e Frisos’, num jornal dessa cidade.

No auge da briga com João Pessoa – os dois costumavam duelar através da imprensa –, Dantas escreveu, em jornais de Recife, três artigos, bem ao estilo sarcástico da época: ‘As Voltas com um Doido’ (I e II), e ‘O Doido da Paraíba’, respectivamente nos dias 7, 15 e 22 de junho de 1930, esse último a um mês e quatro dias do assassinato de João Pessoa. “O presidente da Paraíba não assinava as respostas, mas ordenava que fossem creditadas por auxiliares de A União”, reconhece o escritor e advogado José Caitano de Oliveira, autor de diversos livros sobre a Revolução de 1930.

O seu estilo jornalístico era a “ironia viva”, aplicando o humor ferino para criticar a política de sua época. E se tornava mais contundente quando o alvo escolhido era João Pessoa. Nessa época, João Dantas atuava no Jornal do Commercio, onde sempre afirmava defender o alinhamento natural dos princípios de honra de seus ancestrais, ao justificar seus artigos dirigidos contra João Pessoa e sua participação, aos 12 anos, num movimento bélico contra o então governador João Machado, que resultou na invasão de homens armados a Patos, liderados por seu pai, Franklin Dantas, e Augusto Santa Cruz. Possuía um lado sensível: tocar piano e cantar razoavelmente.

Seus biógrafos, como o jornalista paraibano Fernando Melo, o desembargador Flôsculo da Nóbrega e o professor Lúcio Vilar, foram unânimes em afirmar que “Dantas era uma pessoa austera e devoto da tradição”. Ao se envolver com Anayde Beiriz, “ele já era quarentão e deixava as garotas admiradas com seu modo de vestir, sua elegante altura mediana e seus olhos esverdeados”. No livro ‘Poder, Alegria dos Homens’, o autor, Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, endossa que, “além de calmo, ele não bebia, não fumava, nem jogava e era um dos melhores advogados da Paraíba”.



Foto: Reprodução

Getúlio Vargas chegou ao poder na Revolução de 1930, deflagrada logo após a morte de João Pessoa

João Duarte Dantas nasceu em Mamanguape, a 12 de junho de 1888, e morreu em Recife, no dia 6 de outubro de 1930. Foi um advogado e jornalista brasileiro, que atuou combativamente na capital paraibana e Recife, considerado coerentemente populêrico e persistente, quando atuava em defesa das causas que considerava justas.

Teve seu nome ligado à história brasileira após matar a tiros o então governador da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, na época candidato a vice-presidente do Brasil na chapa encabeçada por Getúlio Vargas, contra o grupo paulista de Júlio Prestes. Esse assassinato é considerado o detonador da Revolução de 1930, ano em que Getúlio ascendeu ao poder, em meio a um turbulento

Coerente e político na defesa da causa justa

protesto popular contra uma suposta fraude nas eleições.

Os disparos que mataram João Pessoa não tinham motivos ligados à política nacional, em grande parte envolviam a política local, daí passando para a causa pessoal, depois que João Pessoa autorizou seu chefe de polícia a invadir o escritório de Dantas e operar uma devassa sobre as cartas íntimas do jornalista-advogado para sua namorada, a poetisa e professora Anayde Beiriz. Dantas também mantinha ligações com proprietários de terras da Paraíba – principalmente com os produtores de algodão –, prejudicados pela cobrança de impostos estabelecida no governo de João Pessoa.

Jornal dos primos

João Dantas era adversário político de João Pessoa e aliado de José Pereira Lima, chefe político do município de Princesa Isabel, o qual liderava uma eficiente oposição às medidas governistas contra os interesses comerciais do grupo sertanejo. José Pereira recebia apoio dos irmãos Pessoa de Queiroz, de Pernambuco, primos de João Pessoa e proprietários do Jornal do Commercio.

O embate político travado entre Dantas e João Pessoa, através da imprensa, inclusive com ataques ao pai de Dantas, o médico e agropecuarista Franklin Dantas, e outros familiares, ascendeu o ódio mútuo. Nesse burburinho de intrigas, a Polícia da Paraíba, sob o governo de João Pessoa, invadiu o escritório de Dantas, à Rua Duque de Caxias, na capital e, entre outras coisas, apoderou-se das cartas íntimas trocadas entre o jornalista e a pro-

fessora Anayde Beiriz, apontada como o estopim da Revolução de 1930, por manter relacionamento com Dantas. As cartas íntimas entre o jornalista e a professora, foram expostas ao público na sede da Chefatura de Polícia.

Mortos na detenção

Esse episódio aumentou a intriga entre João Pessoa e Dantas, a ponto de preocupar os familiares do advogado, que o convenceram a ir morar em Olinda. No dia 26 de julho de 1930, Dantas estava dentro de um bonde que fazia a linha Recife-Olinda, quando viu no jornal detalhes da visita de João Pessoa a Recife, onde receberia uma homenagem.

Dantas foi à Confeitaria Glória, no centro da cidade e, ao identificar a mesa onde se encontrava João Pessoa, disparou-lhe dois tiros, ferindo-o mortalmente. Esse caso foi usado pelos revolucionários sulistas para organizarem a revolução iminente contra o presidente Washington Luís, que acabou levando-o à deposição e ao exílio, conduzindo Getúlio Vargas ao poder.

João Dantas foi detido com seu cunhado, o engenheiro Augusto Caldas, que se tornaria uma vítima inocente, na Casa de Detenção de Recife. Ali, foram chacinados por oito homens participantes da revolução, em 6 de outubro de 1930. A versão oficial indicou suicídio. O registro fotográfico do francês Louis Piereck, comprovou a versão do “suicídio forjado”. Tempos depois, Piereck foi encontrado morto, dentro de seu estúdio fotográfico. A foto reveladora do duplo assassinato se encontrava guardada dentro de um cofre.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Conclusão: intérpretes, compositores/letristas e afins

Nesta sequência, apesar de ainda dedicada ao movimento Bossa-Nova, passamos a diversificar, bioartisticamente, a constelação de astros e estrelas que, apesar de também haverem se dedicado a outros estilos, fizeram/fazem parte desse universo musical, sejam eles intérpretes, compositores, letristas ou simplesmente instrumentistas, aqui incluídos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram com seus respectivos talentos para enobrecer a nossa MBP.

Elizeth (Elisete Moreira) Cardoso – (Rio, 1920 – 1990) – O exemplo veio de casa: o pai era um seresteiro, e a mãe costumava acompanhá-lo, cantando. Aos seis anos de idade, no ambiente carioca de como dançarina em clubes dançantes, e retomou a carreira musical como crooner em clubes da noite.

Após um casamento que “não deu certo” (de 1939 a 1941), tornou-se, por pouco tempo, uma espécie de taxi girl, contratada do antigo Rancho Kananga, espécie de clube/gafieira, localizado na Rua da Alfândega/Rio, a menina Elisete, acompanhada dos pais, gostava de cantar o repertório de Vicente Celestino: ‘O Ebrio’, ‘Porta Aberta’, ‘Coração Materno’...

De família humilde, Elisete, até os dezesseis anos, passou por várias pequenas atividades, tendo, por certo tempo, se fixado na atividade de cabeleireira, porém nunca deixou de cantar, até que um dia, em 1936, foi “descoberta” por Jacó do Bandolim, que a levou para um teste na Rádio Guanabara, ocorrendo então a estreia oficial dela no universo musical carioca, mesmo contrariando a vontade do pai. Parodiando o aforismo – “o coração tem razões que a própria razão desconhece” –, eu diria que a sorte é que faz essas tais razões... Explico-me melhor: naquele mesmo ano, ela estreia no ‘Pro-

grama Suburbano’, justamente ao lado do idolo Vicente Celestino e mais de Araci de Almeida, Noel Rosa, Marília Batista e Moreira da Silva.

Como os programas de rádio ainda investiam pouco nessas apresentações, ela passou a apresentar-se em programas de cinemas, clubes e circos e foi “tocando em frente”, até que, com o humorista Grande Otelo, fez o espetáculo ‘Boneca de Piche’ (de Ari Barroso e Luis Iglesias) que, na época, bateu todos os recordes de público, sendo apresentado por cerca de dez anos.

Após um casamento que “não deu certo” (de 1939 a 1941), tornou-se, por pouco tempo, uma espécie de taxi girl, contratada do antigo Rancho Kananga, espécie de clube/gafieira, localizado na Rua da Alfândega/Rio, a menina Elisete, acompanhada dos pais, gostava de cantar o repertório de Vicente Celestino: ‘O Ebrio’, ‘Porta Aberta’, ‘Coração Materno’...

De família humilde, Elisete, até os dezesseis anos, passou por várias pequenas atividades, tendo, por certo tempo, se fixado na atividade de cabeleireira, porém nunca deixou de cantar, até que um dia, em 1936, foi “descoberta” por Jacó do Bandolim, que a levou para um teste na Rádio Guanabara, ocorrendo então a estreia oficial dela no universo musical carioca, mesmo contrariando a vontade do pai. Parodiando o aforismo – “o coração tem razões que a própria razão desconhece” –, eu diria que a sorte é que faz essas tais razões... Explico-me melhor: naquele mesmo ano, ela estreia no ‘Pro-

grama Suburbano’, justamente ao lado do idolo Vicente Celestino e mais de Araci de Almeida, Noel Rosa, Marília Batista e Moreira da Silva.

Como os programas de rádio ainda investiam pouco nessas apresentações, ela passou a apresentar-se em programas de cinemas, clubes e circos e foi “tocando em frente”, até que, com o humorista Grande Otelo, fez o espetáculo ‘Boneca de Piche’ (de Ari Barroso e Luis Iglesias) que, na época, bateu todos os recordes de público, sendo apresentado por cerca de dez anos.

Após um casamento que “não deu certo” (de 1939 a 1941), tornou-se, por pouco tempo, uma espécie de taxi girl, contratada do antigo Rancho Kananga, espécie de clube/gafieira, localizado na Rua da Alfândega/Rio, a menina Elisete, acompanhada dos pais, gostava de cantar o repertório de Vicente Celestino: ‘O Ebrio’, ‘Porta Aberta’, ‘Coração Materno’...

De família humilde, Elisete, até os dezesseis anos, passou por várias pequenas atividades, tendo, por certo tempo, se fixado na atividade de cabeleireira, porém nunca deixou de cantar, até que um dia, em 1936, foi “descoberta” por Jacó do Bandolim, que a levou para um teste na Rádio Guanabara, ocorrendo então a estreia oficial dela no universo musical carioca, mesmo contrariando a vontade do pai. Parodiando o aforismo – “o coração tem razões que a própria razão desconhece” –, eu diria que a sorte é que faz essas tais razões... Explico-me melhor: naquele mesmo ano, ela estreia no ‘Pro-

gramas nacionais, como no ‘Seis e Meia’, ao lado do violonista Raphael Rabello, e no ‘Pixinguinha’. Em 1974, foi homenageada pela Escola de Samba Unidos de Lucas, desfilando com o samba-enredo ‘Mulata Maior, a Divina’ e, por muitos anos, foi madrinha do famoso bloco carioca Cordão da Bola Preta.

Apresentou-se em vários países da América Latina, França e Japão, cuja estada, neste último, nos rendeu o excelente álbum ‘Live in Japan’.

Sobre ela, pinçamos alguns títulos e depoimentos que dizem bem de sua grandeza dentro do panorama musical brasileiro: Lady do Samba, A Noiva do Samba-canção, a Magnífica (atribuído pelo famoso show-Man Mister Eco), A Enluarada (por Herminio Belo de Carvalho) e o maior de todos: Divina (creditado a Haroldo Costa).

“Elizeth está para a música brasileira assim como Edith Piaf está para a música francesa. Por isso, ambas são duas artistas universais” (inLe Monde – tradução livre). “Elizeth é a maior cantora brasileira do passado, do presente e do futuro” (Nelson Rodrigues). “A verdadeira divulgadora da Bossa-Nova e da bossa velha. A incomparável Elizeth” (Tom Jobim). “A grande Elizeth não comporta adjetivos. É Brasil no corpo, na gíngua, no riso, no olhar, nos maneirismos” (Vinicius).

Aos saudosistas, apresentamos o complemento de uma checklist muito pessoal, além das gravações já antes citadas: ‘Carinhoso’, ‘Nossos Momentos’, ‘Naquela Mesa’, ‘Mulata Assanhada’, ‘Na Cadência do Samba’, ‘Suas Mãos’...

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Socorro! Tenho problemas com o verbo “disponibilizar”

Foto: Angélica Lúcio



Não sei em qual momento os noticiários passaram a usar o verbo “disponibilizar” com tanta facilidade, mas isso me incomoda. As pessoas falam “disponibilizar” na maior naturalidade como se abrissem a boca e saíssem as palavras pão, sopa, amor, fome, medo. Desconheço mesmo quem

tirou esse verbo dos confins do dicionário e o popularizou.

Disponibilizar, para mim, é um verbo “duro”. É palavra feia, árida e difícil de ser lida em rádio e tevê. Também não é um termo que a maioria da população compreenda com facilidade. Mas está aí em blogs, sites, portais, rádios, tevês e manchetes de jornais. “Prefeitura disponibiliza 120 vagas para estágio”. “Projeto disponibiliza banco de laudos periciais para consulta”. “Universidade disponibiliza recursos de nova plataforma”. “Governo libera link para recadastramento”. É possível fazer a substituição? Sim! E a troca de termos facilita o entendimento da mensagem.

Querem saber se já utilizei esse verbo no dia a dia? Sim, claro! E fiquei com uma “coceira mental” após perceber que havia enviado um release para a imprensa com o bendito “disponibilizar”. Fiquei com ódio de mim mesma, acredite. Lembrando: usar essa ou aquela palavra em um texto é questão de gosto, de repertório cultural, de estilo. Mas também é preciso levar em conta se o vocabulário adotado é de fácil compreensão, principalmente se o objetivo for levar o conteúdo a um público amplo.

Você talvez ache que eu esteja pegando no pé do coitado do verbo “disponibilizar”. Estou, mas só um pouquinho. Há outros que também me incomodam. “Colidir” por exemplo. Parece que nin-

guém mais bate carro! Ou as manchetes falam em colidir ou em colisão. “Vi-deo flagra colisão entre carro e ônibus”. “Motoristas morrem após ônibus colidir com carreta”.

Eu leio e fico me questionando: será que não sei mais de nada? Preciso reaprender a escrever? Esclarecendo: nos manuais de redação, como o da Folha de São Paulo, aprendi que, nos textos noticiosos, a preferência deve ser pelo texto coloquial, evitando-se um “tom precioso ou exagerado”. Seguindo essa orientação, “disponibilizar” e outros termos devem ser evitados, a exemplo de: viatura, residência, colisão, óbito, toalete. Em substituição, use: carro de polícia, casa, batida, morte, banheiro.

Ser claro, preciso, direto, objetivo e conciso também é dica dos manuais de redação. Às vezes, porém, eu e você escorregamos mesmo e repetimos o vocabulário difícil ou equivocado adotado pelos colegas – daí uma palavra (ou construção inadequada) vai puxando a outra, e o público sofre. Por isso, rezo sempre a São Francisco de Sales, santo protetor dos jornalistas e escritores, para que me livre de enviar um texto para a imprensa algum dia falando em “nosocômio”. Se eu fizer isso, me interne por favor!

Querem saber se já utilizei esse verbo no dia a dia? Sim, claro! E fiquei com uma “coceira mental” após perceber que havia enviado um release para a imprensa com o bendito “disponibilizar”. Fiquei com ódio de mim mesma, acredite. Lembrando: usar essa ou aquela palavra em um texto é questão de gosto, de repertório cultural, de estilo. Mas também é preciso levar em conta se o vocabulário adotado é de fácil compreensão, principalmente se o objetivo for levar o conteúdo a um público amplo.



Fotos: Divulgação



PITADAS A GOSTO

De acordo com a definição do Dicionário Caldas Aulete, mandacaru significa "cacto (Cereus jamacaru) nativo do Brasil, de porte arbóreo, ramificado, com flores grandes que se abrem à noite, típico da Caatinga, onde serve de alimento ao gado, e também cultivado como ornamental e por propriedades terapêuticas".



PRATO DO DIA Canjica Fácil

Ingredientes

- 5 espigas de milho bem amarelinho (verde)
- 1 litro de leite de coco
- 1 colher de sopa de margarina
- 5 xícaras de açúcar
- 1 pitada de sal
- Canela em pó

Modo de preparo:

Pegue as espigas de milho, retire todos os grãos com uma faca. Não encoste no sabugo ao retirar os grãos, pois pode dar um sabor diferente. Após cortar todas as espigas, coloque os grãos no liquidificador e bata com a água. Em uma panela peneira, depois jogue fora o bagaço, pois não servirá mais. Coloque junto a margarina, o açúcar e a pitada de sal, prove para ver se está adocicado. Coloque o leite de coco. Leve ao fogo brando,



mexendo sem parar, até engrossar. Após engrossar, continue mexendo aproximadamente uns 20 minutos, em fogo bem baixinho, até dar o tempo. Depois despeje em um refratário grande, polvilhe com a canela e sirva quente ou frio.

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Bananeiras apresenta 15ª edição da Rota Cultural Caminhos do Frio

Aconteceu na tarde do último dia 1º a apresentação da programação da 15ª edição da Rota Cultural Caminhos do Frio, que este ano começa no dia 4 de julho, em Areia, e homenageia o cantor e músico sertanejo Pinto do Acordeon, falecido em 2021.

Na abertura da solenidade, o ator e apresentador Thiago Rodrigues iniciou as apresentações culturais declamando um poema em homenagem a Pinto do Acordeon, ao som da Orquestra Sanfônica de Matinhas, chamada Flor de Tangerina, que é composta por oito músicos.

Segundo o prefeito de Bananeiras, Matheus Bezerra, esse tipo de evento é uma importante ferramenta de expansão e divulgação do turismo no Brejo. "O Caminhos do Frio já é um evento consolidado que fomenta e se renova a cada ano, destacando-se no calendário de eventos da Paraíba. Todos os setores da nossa economia são afetados diretamente, empregos e renda são gerados nesta época do ano", declarou o prefeito.

Após dois anos sem acontecer, por conta da pandemia, o evento volta ao Brejo paraibano e será realizado em nove cidades: Bananeiras, Matinhas, Areia, Pilões, Solânea, Serraria, Alagoa Nova, Remígio e Alagoa Grande. São dois meses de festas, com uma vasta programação.

"São 60 dias de roteiros turísticos e programação cultural que fomentam o turismo no Brejo. Somos atualmente o maior destino turístico da Paraíba, que gera emprego e renda para toda a cadeia produtiva do turismo e os pequenos empreendedores", disse Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano.

A Rota Cultural Caminhos do Frio, edição 2022, começa dia 4 de julho e vai até 4 de setembro, levando uma vasta programação de shows musicais, com atrações locais e nacionais, eventos esportivos, intercâmbio cultural, oficinas de teatro, apresentações culturais nas feiras livres, passeios ecológicos, passeios de ciclismo, eventos gastronômicos, feiras de artesanato e atrações religiosas, tendo como foco a valorização dos artistas da terra.

A programação completa pode ser consultada através das redes sociais oficiais do evento @caminhosdofriooficial. (com reportagem de Renato Britto).



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.